

RUY DO CARMO PÓVOAS



2.^a edição revista e ampliada

**eull
cits**
Editora da UESC

A FALA

DO

SANTO



Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

RUI COSTA - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

WALTER PINHEIRO - SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

ADÉLIA MARIA CARVALHO DE MELO PINHEIRO - REITORA

EVANDRO SENA FREIRE - VICE-REITORX

DIRETORA DA EDITUS

Rita Virginia Alves Santos Argollo

Conselho Editorial:

Rita Virginia Alves Santos Argollo – Presidente

Evandro Sena Freire

Luciana Sedano de Souza

Eduardo Lopes Piris

Lessí Inês Farias Pinheiro

Rita Jaqueline Nogueira Chiapetti

Jorge Henrique de Oliveira Sales

Guilhardes de Jesus Júnior

Alexandra Marselha Siqueira Pitolli

Josefa Sônia Pereira da Fonseca

Ricardo Matos Santana

Maria Luiza Silva Santos

Lurdes Bertol Rocha

Ruy do Carmo Póvoas

A FALA
DO
SANTO

2.^a edição revista e ampliada

Ilhéus - Bahia



Editora da UESC

2018

©2018 by RUY DO CARMO PÓVOAS

1.^a EDIÇÃO - 2002

2.^a EDIÇÃO - 2018

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional,
conforme Lei n.º 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

**PROJETO GRÁFICO,
CAPA E DIAGRAMAÇÃO**

Álvaro Coelho
Lária Farias Batista

REVISÃO

Maria Luiza Nora
Roberto Santos de Carvalho

ILUSTRAÇÕES

Osmundo Teixeira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P739 Póvoas, Ruy do Carmo
A fala do Santo / Ruy do Carmo Póvoas. – 2. ed., rev. e
ampl. – Ilhéus, BA: Editus, 2018.
219 p.: il.

ISBN: 978-85-7455-481-5

1. Literatura brasileira – Bahia. 2. Literatura brasileira
– Influências africanas. 3. Memória coletiva. 4. Religião e
literatura. 5. Cultura. I. Título.

CDD 869.91

Bibliotecária responsável: Quele Pinheiro Valença CRB 5/1533

EDITUS - EDITORA DA UESC

Universidade Estadual de Santa Cruz

Rodovia Jorge Amado, km 16 - 45662-900 - Ilhéus, Bahia, Brasil

Tel.: (73) 3680-5028

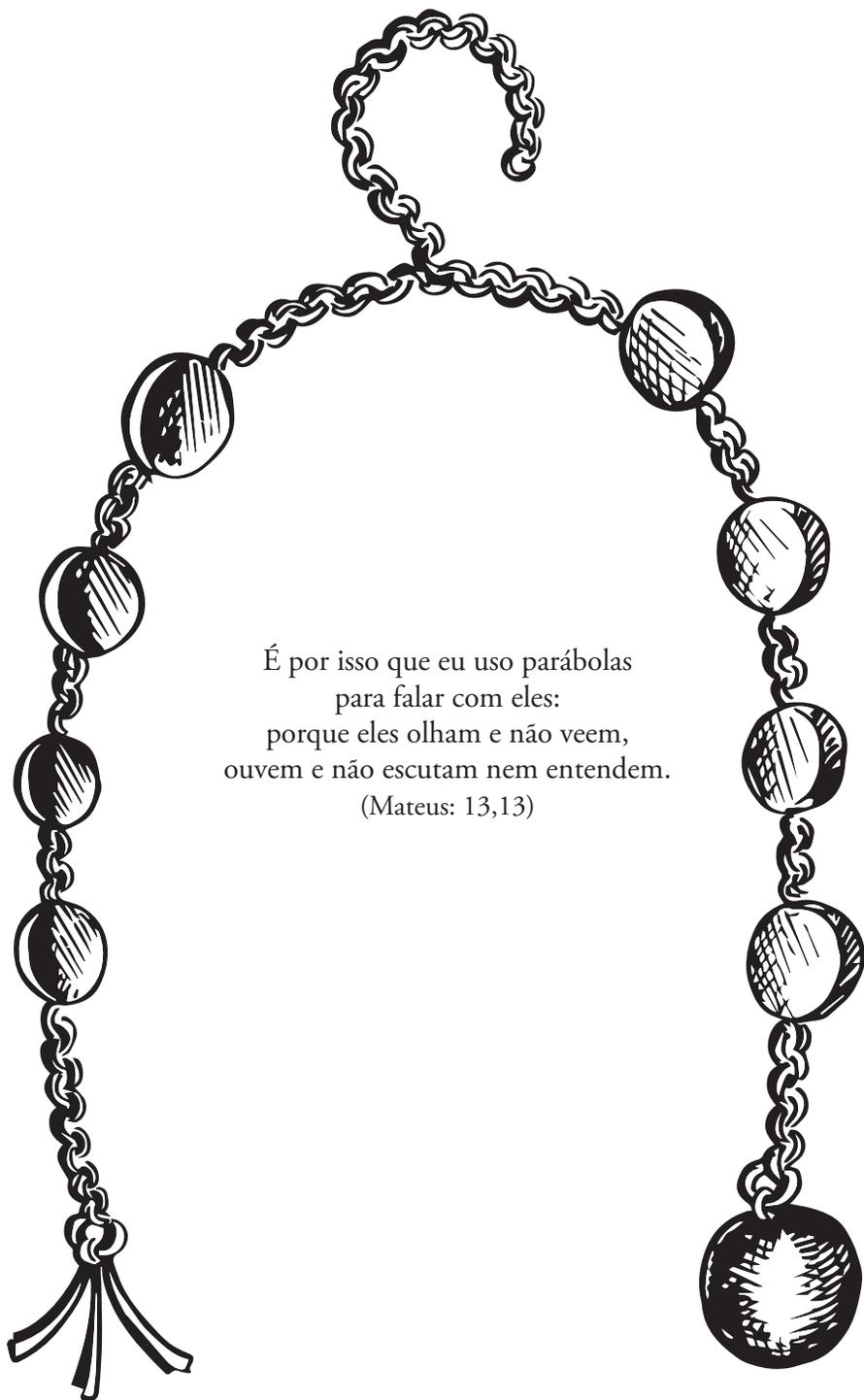
www.uesc.br/editora

editus@uesc.br

EDITORA FILIADA À



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias



É por isso que eu uso parábolas
para falar com eles:
porque eles olham e não veem,
ouvem e não escutam nem entendem.
(Mateus: 13,13)



À memória de

Mãe Velha, Maria Gustavo de Jesus,
que me levou para Oxalá.

Meu Mestre,
Professor Manoel Simeão da Silva,
que me levou para a Universidade.

Minha outra mãe,
Juventina Marques de Jesus,
Doya Seçu,
que me levou pelo Caminho.

Minha Tia Jovanina,
que me levou pela vida
para eu ouvir *A Fala do Santo*.

Minha Velha Nanewá,
que me levou pelas memórias de Itabuna.

Para os Póvoas,
os de ontem e os de agora,
meus parentes brancos.



SUMÁRIO

De volta com os <i>Itan</i>	11
A fala do outro	13
Antes de contar	
<i>A Fala do Santo</i>	15
Os caminhos	21
A cabeça e o sacrifício	23
A cabeça nova	27
A casa de Ariuô	31
A caveira que falava	35
A cilada contra Iku	41
A cilada das palavras	45
A comida e o regalo	49
A escolha do destino	53
A esperteza de Euá	57
A estratégia de Obá	61
A fama e o poder	65
A feiura e a boniteza	69
A força da palavra	73
A força do encanto	77
A grandeza e a obrigação	81
A jaca mole	85
A justiça e a paz	89
A lonjura e a demora	93

A mudança e o coração	97
A orelha de Obá	101
A pele de búfalo	105
A resposta do coração	109
A riqueza da sabedoria.....	113
A viagem de Orixalá	117
O amor, o ciúme e a beleza	123
O caçador e a cobra encantada	127
O chapéu de duas cores	131
O desejo de Gadamu	135
O fofoqueiro	139
O gato e a anta.....	143
O homem de barro	147
O macaco e a cutia.....	151
O ovo anunciado	155
O preço da escolha	159
O preço da ingenuidade	163
O Quibungo	167
O saber e a sabedoria	171
O sapo invisível	175
O segredo das folhas.....	179
O segredo do outro.....	183
O segredo do pote.....	187
O senhor de grande riqueza	191
Depois de ter contado.....	195

DE VOLTA COM OS *ITAN*



Em 2001, escrevi *A Fala do Santo*, um conjunto de vinte e seis *itan*. A edição se deu no ano seguinte, ilustrada por Osmundinho Teixeira, num primor de sua criatividade. Os dezesseis anos que nos separam daquela edição constituem-se o tempo necessário para que eu tivesse oportunidade de contar outros *itan* nas minhas andanças. Conforme afirmei no referido livro, os *itan* são narrados sempre que alguém precisa aprender a vida. Por isso mesmo, fazem parte da pedagogia dos terreiros.

Cumprе lembrar que os *itan* não se constituem uma criação minha, embora a roupagem literária que lhes dou seja atinente à minha atividade de escritor. São histórias que faziam parte, e ainda fazem, do sistema de consulta a Orumilá Babá Ifá por parte dos babalaôs, seus sacerdotes. Depois, com alterações, também passaram a ser contadas para ensinamentos de princípios éticos e morais e foram se misturando às narrativas dos vários participantes do processo de colonização do Brasil.

Também vale lembrar que essas histórias tiveram seu acesso barrado na Escola por causa de uma dupla interpretação das elites dominantes. Uma, a de que tais histórias traziam nomes de deuses dos idólatras e, por isso mesmo, se prestariam a um desserviço educacional e religioso. Outra, a de que certamente negros escravos nada teriam a ensinar e, se assim o fizessem, seria para corromper a inocência das crianças.

Outras agravantes concorreram para reforçar tal compreensão. O regime republicano implantado desde 1889 passou a considerar a cultura negra de origem africana uma vergonha para a Nação. Mais tarde, a ideologia marxista dos movimentos de esquerda entendeu que o verdadeiro problema do povo brasileiro seria sua consciência de classe e a questão racial só faria fracionar o proletariado brasileiro. Por sua vez,

as chamadas direitas se estribavam no pensamento de Gilberto Freire, considerando o Brasil como um verdadeiro laboratório de democracia racial.

Então, os terreiros se recolheram nos subterrâneos da cultura oficial, nos esconsos e quebradas dos morros, e guardaram os ensinamentos de seus antepassados, dos pais fundadores. E no rol da imensa herança africana, os *itan* foram fazendo sua trajetória de boca a ouvido, de geração em geração.

Agora, nestes tempos de ventos considerados democráticos, apesar de inúmeras ameaças movidas pelos preconceituosos, a Lei 10.639 tem propiciado abertura de inúmeras portas onde antes só havia paredões de pedra. Isso não significa que as portas da Escola foram escancaradas para o acolhimento dessa herança. Não; não é bem assim. No dia 8 de abril deste ano, às caladas da noite os “mandões” da República publicaram alterações na LDB, eliminando do currículo obrigatório, entre outras, a disciplina Cultura Afro-brasileira. Com isso, voltamos ao marco zero. O ensinamento dos mais velhos, no entanto, ainda é válido: “Não há bem que sempre dure, nem mal que nunca se acabe.” Vamos, portanto, aos *itan* que este livro traz. Espero que gostem e dele façam bom uso.

Devo esta segunda edição a Ingrid Barbosa Gonçalves, coordenadora de minha biblioteca particular. Ela salvou os manuscritos da fogueira de minha inquisição.

Ruy Póvoas
Novembro 2015

A FALA DO OUTRO



Madrid, outubro de 2001.

Querido amigo Ruy,

Estamos aqui, em uma Madrid que se lava nas chuvas de outono. A música de Gal que suaviza o ambiente, o leve ruído de quem passa nas ruas, as conversas entrecortadas, as lembranças do Brasil, uma pausa para as leituras de *e-mails* dos amigos, Raimunda Alencar, Genebaldo Pinto, Marcos Salviano, o cafezinho, a chegada de D’Ajuda Alomba, mais uma uesquiiana em terras espanholas. O ir, o vir, o ler, o reler e o gostar.

Temos, nas mãos e no corpo, o seu *A Fala do Santo*, lê-lo é refazer vários caminhos. O da infância, do gosto de ouvir histórias e nos transportar para mundos que a imaginação não delimita barreiras. É o andar pelas veredas da nossa cultura, é evocar a memória de uma história ancestral que a história oficial não conta. É o retorno ao *terreiro* e ao nosso encontro com o povo do Ilê Axé Ijexá, nas *rodas do contar*, onde crianças e mais velhos se harmonizam numa mesma dimensão temporal.

As histórias que você conta não têm idade. Elas se atualizam no momento do contar, também pelo trabalho com a linguagem que, em suas mãos, evoca o gosto de conversa, o jeito brasileiro de reinventar o gesto, o calor, o sabor, o cheiro da terra, nas expressões que você tão bem sabe dizer: “*Ah, criatura, nem te conto...*”; “[...] *tim-tim por tim-tim*”; “*foi a gota d’água*”; “[...] *enfim, todo esse bolor-dório*”; “*ele não bate prego sem estopa*”; “[...] *com sua língua de trapo*”.

Ler suas histórias é estar com a sabedoria dos orixás, a sagacidade e a esperteza de Exu, as previsões de Ifá, a ligeireza de Oyá, a tenacidade de Oxóssi, a imensidão materna de Iemanjá, a sedução da Oxum, a magia de Ossáin, a coragem de Ogum, a compreensão do tempo em Iroko, a justiça de Xangô, o silêncio de Oxalá... E tudo

isso se revela em *A orelha de Obá*, *A pele de búfalo*, *O Chapéu de duas cores*, *A mudança e o coração* e nas tantas histórias que compõem o seu livro. Bicho, gente, natureza falam da vida, dizem das coisas, dizem de nós mesmos. Dos nossos encontros, incertezas, dúvidas, desejos, espertezas, temores, disfarces, poder, autoconhecimento, percepção do tempo, encantamento, reconhecimento do outro, na alegria de viver e de aprender continuamente.

Você abre, na grandeza do narrar, a possibilidade de que muitas das histórias que circulam na intimidade de uma *casa de santo*, histórias que revelam princípios filosóficos, éticos e estéticos, possam adentrar na intimidade da casa do outro, sinalizando outras formas de conviver, de pensar o mundo. *A Fala do Santo* é a multiplicidade das vozes dos orixás, ecos da senzala, da mistura étnico-cultural que convida o homem e a mulher brasileiros a compartilhar um espaço de reconhecimento das nossas marcas.

O seu livro é, portanto, um livro-convite para muitas coisas: para o recordar, para o aprendizado da escuta, para inaugurar novas formas de conhecer e para que circule, na escola, a história da nossa História que ela ainda desconhece.

Esta *Fala do outro* que você quis que fôssemos nós, não se quer restrita a esta apresentação. A verdadeira fala do outro serão os muitos outros leitores, meninos, moços e mais velhos, professores e alunos, artistas, poetas, gente de axé... que, em diálogo com as histórias, multiplicarão suas vozes e lhe darão mais e mais vida.

Ficamos aqui, em Madrid, com *A Fala do Santo* que nos faz estar aí, com você.

Com um beijo e muita saudade. De nós.

Consuelo Oliveira e Marialda Silveira.

PS: Um afetuoso abraço a todos os nossos amigos do Kàwé que, também, com este livro, alcançam a concretização do nosso Projeto de divulgar e discutir a cultura afro-brasileira.

ANTES DE CONTAR A FALA DO SANTO



Era uma vez... Não. Não era assim que meus mais velhos começavam a contar histórias. Só nos livros e na escola de Dona Elvira, a contação tinha *era uma vez...* Lá em casa, as histórias começavam assim: *Contam os mais velhos que...* E eu me criei entre esses dois mundos, tão diferentes entre si. O mundo de lá era o do meu pai, da escola, do catecismo de Dona Amália, da cultura dos brancos. Enfim, da escrita. O de cá era o da minha mãe, dos bate-papos em família, dos terreiros de candomblé, da tradição oral afrodescendente.

Lá, os sabidos eram Dona Elvira e o meu pai, com Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho, as fábulas de Esopo, os contos de Monteiro Lobato. Cá, os sábios eram Tia Jovanina, minha mãe e Compadre Roque, com as histórias dos orixás. Com os primeiros, aprendi Português, Matemática, História, Geografia... Com os segundos, aprendi a vida.

Veja como são as coisas... Aqui, no Brasil, a gente terminou colocando uma barreira entre mundos desses dois tipos, os de lá e os de cá. Aí, ficou o espaço público de um lado e o espaço privado de outro. Isso resultou num sistema de educação em que a vida, com todos os seus altos e baixos, é deixada de lado. E ensinam à gente tanta coisa que nunca vai servir pra nada. Enquanto isso, é negado um bocado de coisa que realmente faz parte da vida, quando não se diz: “coisa de gente atrasada”. Então, você, eu, todo mundo tem passado por isso: aprender de maneira dividida. Termina a escola desconhecendo ou negando o saber de dentro de casa, o que é mais grave ainda.

Por falar em casa na minha casa, o pessoal gostava de conversar. Após o almoço do domingo, todo mundo já sabia: conversar, contar caso e dar risada. Às vezes, a Domingada demorava

tanto que emendava com o jantar. Foi nesse mundo de cá, que eu aprendi os *itan*.

A minha mãe gostava de contar casos e tinha um dom pra isso. Não narrava simplesmente. Fazia muito mais: usava recursos da mímica e da voz, além de ocupar o espaço pra representar, ao modo dela, os personagens que viviam a história, o caso, o *itan*. Ela chamava essas histórias de *Casos de Trancoso*. Enquanto isso, Tia Jovanina, a matriarca da família, dizia que essas histórias eram *A Fala do Santo*. Hoje, eu sei que a minha mãe agia assim pra driblar o preconceito que o meu pai e a família dele tinham contra a cultura dos afrodescendentes. Também sei que tia Jovanina disfarçava, chamando de *Santo* o que, na verdade, ela conhecia como *Orixá*.

As histórias não eram contadas assim, sem mais nem menos. Na conversa cotidiana, as pessoas davam notícias, lembravam fatos, relatavam as novidades. E em meio a tudo isso, as histórias eram contadas. Às vezes, os mais velhos chamavam as histórias de *itan*. E não perdiam oportunidade pra contar os *itan*. Bastava haver uma situação que demonstrasse ser preciso alguém aprender uma lição de vida. Havia uns *itan* que não precisavam mais ser contados. Era suficiente que se dissesse, por exemplo:

– Cuidado com o chapéu de duas cores!

E todos já sabiam do princípio ético: *Nem tudo é aquilo que parece ser*. Na conversa comum, normal, uma pessoa perguntava por outra. A notícia dada, muitas vezes, englobava uma situação de vexame, doença, prejuízo, ou coisa parecida. E era justamente aí que os *itan* entravam como ensinamento.

Mas não quer dizer que os *itan* só eram narrados na roda familiar. Não; não era assim. Eles eram lembrados sempre que alguém precisava aprender a vida. Como eu me lembro tão bem das circunstâncias em que aprendi os mais diferentes *itan*. Delas, duas permanecem em minha lembrança, como se ainda estivessem acontecendo agora.

O Pontal de Ilhéus, lugar onde nasci e me criei, era terra de pescadores. E havia um pescador chamado Duca Arame Grosso. Tinha fama de valente e grosso. Um dia, eu estava à porta de minha casa e notei um grande ajuntamento na porta de Arame

Grosso. Não contei conversa: rumei pra lá. Na curiosidade de meus seis anos, fui chegando e me esgueirando entre os adultos, até que descobri do que se tratava: era um balaio enorme, do tamanho do mundo, repleto de sardinha.

Na ânsia de chegar perto do balaio, pisei no pé de Arame Grosso. Acontece que ele estava com uma ferida enorme no pé. Foi um deus nos acuda. Arame Grosso, enlouquecido de dor, quis me pegar pra torcer o meu pescoço. A mulher dele atiçava, dizendo:

– Pega ele, Duca! Mata e joga na maré!

Os adultos fizeram uma parede entre mim e Arame Grosso e eu, sem entender nada do que estava acontecendo, abri a boca no mundo, gritando por minha mãe.

Não sei como foi aquilo, mas de repente, minha mãe estava me segurando pela mão. A cena, nesse ponto, fica nublada. Só sei que ela me levou pra casa. Sentou-se comigo no degrau de nossa porta, enxugou meus olhos e me disse com segurança:

– Vou te contar a história sobre *O Quibungo*...

Quando ela acabou de contar, eu fiquei com uma certeza: se eu fosse do tamanho do Quibungo, Arame Grosso tinha falado fino. Mas também não valia a pena eu ser nenhum dos dois...

De outra vez, Tia Jovanina veio nos ver. Minha mãe quis saber notícias de prima Iuiuca. E Tia Jovanina explicou:

– Tá lá, querendo achar sapo em copa de arvoredado...

E eu, com muita curiosidade, perguntei:

– E o que é isso, Tia? Esse negócio de sapo no arvoredado?

Ela me perguntou até num tom de reprovação:

– Ô, você não sabe ainda disso? É a história sobre *O sapo invisível*... Senta aí, que vou te contar agorinha mesmo.

Aí, Tia Jovanina me contou o *itan*. E a frase final, dita pela mãe da girafa, que Tia Jovanina repetiu com tanta ênfase, ficou comigo pra sempre. Terminei aprendendo como é importante compreender o lugar que o outro ocupa em relação a gente.

Ah, como me lembro das maneiras diversas com que as pessoas contavam as histórias! Minha mãe, mestra na teatralização. Tia Jovanina, centrada na lição resultante. Mãe Velha, abreviando a narrativa, pra enfatizar o final. Olga não narrava; cantava o

itan com uma voz de ouro. Compadre Roque preferia os *itan* sobre magia. De todos, Sinhanja era a mais detalhista. E mãe Mariinha? Ninguém igual a ela na arte de contar: narrava, dançava, interpretava, fazia mímicas, imitava qualquer bicho, qualquer pessoa, qualquer encantado: era uma verdadeira atriz. Mas aí, eu virei um rapazola e, desde então, me surgiu a ideia de pesquisar sobre os *itan*, contar a sabedoria dos afrodescendentes na linguagem dos descendentes da Ibéria.

Mal sabia que, ouvindo aquelas pessoas, eu estava começando uma trajetória que iria atingir seu ponto mais alto através da pesquisa, na Universidade. Foi labutando com as coisas do *imaginário* e do *saber popular* que atinei para o verdadeiro papel dos *itan*. Agora, saio juntando as coisas: estudos acadêmicos, saber popular, escrita formal, oralidade, histórias contadas, literatura, teoria, prática... Claro: com critério e com certa dose de humor. E nessa intenção, aqui estou eu, com esse livro, que faz parte de meus estudos sobre o *quarto de consulta*. Esses estudos têm sido feitos ao longo da vida, mas atingiram formalidade no Kàwé, que é o Núcleo de Estudos Afro-Baianos Regionais, da Universidade Estadual de Santa Cruz. Lá adiante, depois dos *itan*, eu vou conversar sobre isso e dizer mais algumas coisas a quem se interesse por um pouco mais.

É possível que uma pessoa ou outra acuse as histórias de ingênuas ou tendenciosas. Então, eu pergunto: Qual a mãe, em relação a seus filhos, que não se identifica com a coruja do *itan A feiura e a boniteza*? Quem discordará da conclusão tirada por Iroko, no *itan A lonjura e a preocupação*? Mesmo que a intenção aqui seja divulgar um dos traços da sabedoria milenar do povo nagô que hoje fazem parte da cultura brasileira, é necessário não esquecer que os escravos trazidos das mais diversas regiões africanas também trouxeram seu cabedal de histórias. E no Brasil, eles também conservaram a memória de uma prática eficaz de narrar lendas e mitos, pra ensinar e aprender princípios de ética e de moral. Por isso eles viveram, na terra do desterro, contando histórias, cujos personagens são bichos, gente, plantas, lugares e até seres divinos.

Vale ressaltar que as histórias chamadas *itan*, material básico aqui em análise e amostra recriada, inicialmente, faziam parte ape-

nas do sistema de adivinhação. Depois, com alterações, também passaram a ser contadas pra ensinamentos de princípios éticos e morais e foram se misturando à narrativa dos vários participantes do processo de colonização do Brasil, concorrendo pra a indeterminação das origens dos contos populares brasileiros.

Bem verdade que uso o recurso da recriação literária aqui e ali. Por isso é que a anta também tem oportunidade de aparecer. Mas conservo a essência: o tom de oralidade, a lição de ética ou moral, os elementos básicos tomados do universo nagô. As histórias, aqui apresentadas, aprendidas com os mais velhos, também têm sido narradas por mim, nas mais diversas ocasiões: palestras, conferências, seminários, mesas redondas, oficinas, artigos pra jornais ou revistas, sessões de estudo no Kàwé, salas de aula, cotidiano do terreiro, onde convivo com o povo de santo. E é por isso que pode haver uma diferença no estilo do meu contar, de um *itan* pra outro. Afinal, pra cada plateia, deve-se ter uma maneira diferente pra se comunicar. A princípio, pensei em fazer um trabalho de nivelamento. Depois, cheguei à conclusão que seria melhor deixar assim mesmo, pois a vida se faz com a própria diversidade. Por isso, conservei os vinte e seis *itan*, que compõem este livro, no estilo em que eles foram contados, conforme o público a quem eu me dirigia.

Não inventei nada. Apenas reproduzo o que ouvi pela vida a fora. E terminei me dando conta de que isso se constitui um dos aspectos mais importantes do que ocorre no quarto de consulta. Lá, também se explica a saída pra um problema através de *itan* narrado no momento.

Aqui, junto pontas que estavam desatadas. Retomo os *itan* e os apresento com um tratamento literário. Na passagem da fala para a escrita, fui fazendo, aqui e ali, meu trabalho de linguagem. Tento recuperar a memória de tão valioso tesouro. E aí fui juntando as coisas que aprendi nos meus caminhos de professor, contista, africanista e babalorixá. Também vou dando conta de resultados alcançados nos meus estudos no Kàwé. Lá adiante, eu volto a conversar sobre tal assunto. É por isso que este livro tem três partes: esta conversa, antes da contação; um mostruário de quarenta e duas histórias representativas, e outra conversa, depois dos *itan*.

Estes escritos não se constituem uma defesa à ideia da hegemonia nagô. Não! Categoricamente, não se trata disso. Apenas, meu saber não é tanto assim, a ponto de abarcar as heranças e contribuições dos demais povos que foram trazidos da África. Cabe a quem tiver tal conhecimento fazer seus escritos também.

Pra escrever esse livro, conversei com um bocado de gente, discuti muito com os pesquisadores do Grupo Kàwé, li como um desvalido, ouvi coisas do arco-da-velha. Mas quando falei sobre o livro a Osmundinho Teixeira, ele foi categórico e disse:

– Vou ilustrar seu livro.

Aqui está o resultado: a beleza de sua criatividade. Ah, criatura privilegiada, esse Osmundinho!

Mas uma coisa também é mais do que certa: eu não chegaria até aqui sozinho. Ah, quanta gente boa encontrei pelo caminho! E justamente por isso, é necessário agradecer:

A todos aqueles que contaram *itan* pra mim,

Ao povo dos terreiros por onde andei, que me contou *itan* e mais *itan*,

À Academia de Letras da Bahia, que um dia me premiou por eu ter escrito o livro *Itan dos mais velhos*, dando-me o incentivo pra prosseguir no caminho,

Ao Grupo Kàwé, constituído de parceiros e parceiras de pesquisa,

Às ialorixás que me ensinaram o jogo dos búzios, Joana da Rodagem, Malungo Monaco e Maria Natividade Conceição,

À Raimunda d'Alencar, pela leitura prévia dos originais,

À Maria Luiza Nora, pela revisão do texto,

À Consuelo de Oliveira Santos e Marialda Jovita Silveira – companheiras sem as quais o Kàwé não seria criado, nem se firmaria –, pela crítica sensata e sugestões de gente sabida,

A Osmundinho Teixeira, pela belíssima ilustração.

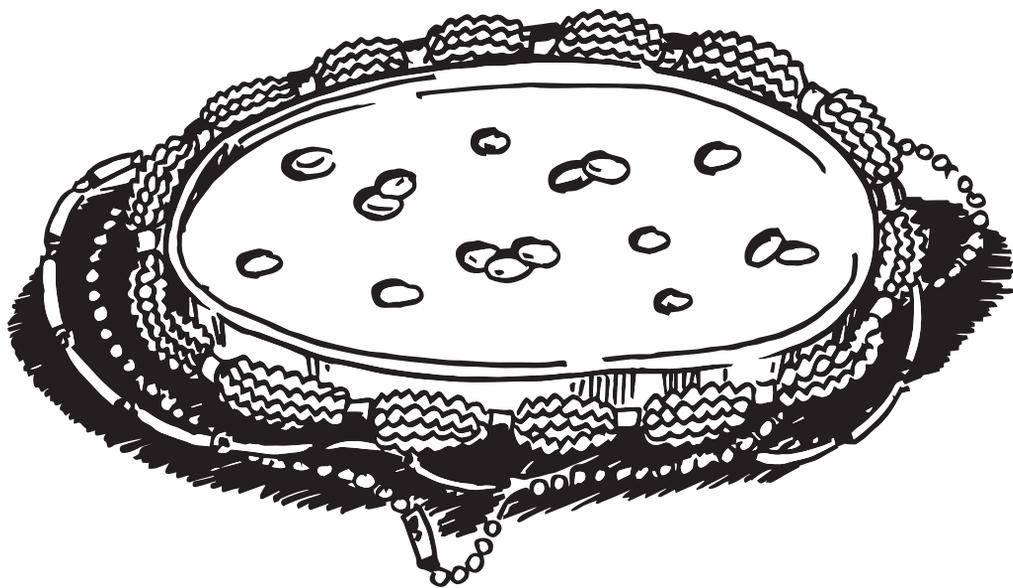
A todos e a todas, meu eterno reconhecimento e o penhor de minha gratidão.

Ruy Póvoas

Itabuna, outubro de 2001

OS CAMINHOS

Porque todos devem conhecer sua origem e seu destino.
(Ensino do quinto *itan* do odu Oxetuá)



A CABEÇA E O SACRIFÍCIO



Contam os mais velhos que, naquele tempo, Ifá se desentendeu com o rei e, por isso, passou a viver triste. Então, ele resolveu fazer uma consulta pra saber o que fazer. Ele foi aconselhado a fazer um *ebó* com tudo quanto era fruto redondo. Mas tinha uma coisa: o *ebó* só fazia efeito se fosse entregue pela mãe dele. Acontece que a mãe morava muito distante e, por isso, Ifá resolveu contratar os serviços de Exu. O pagamento foi feito antecipado, com um galo, pois Exu não faz nada de graça.

Aí, Exu foi em busca da mãe de Ifá. Lá chegando, Exu cobrou da velha pagamento por trazer ela até seu filho. Mas acontece que a velha não tinha com que pagar os serviços de Exu. Então, Exu disse a ela que queria em pagamento um bode que ele viu amarrado no quintal. A velha explicou a Exu que o bicho não pertencia a ela e que ela apenas tomava conta do animal. Aí, Exu disse que queria o bode assim mesmo e sangrou o bicho. Mas o sangue que jorrou do bode era puro fogo que tomou conta de Exu e ele se incendiou.

E aí, quem precisava de consulta agora era ele. Não se fez de rogado: foi consultar o babalaô, soltando labaredas daquele tamanho. Ele foi aconselhado a fazer um *ebó* com as entranhas do bode. Ele fez tudo direitinho, o fogaréu se acalmou, mas sua teimosia não lhe deixou em paz. Pois é: Exu é pai da insistência e da teimosia. Aí, ele resolveu cozinhar a cabeça do bode pra comer. E quanto mais cozinhava, mais a cabeça endurecia. Exu não é dado a tarefas demoradas, por isso ele resolveu trazer logo a mãe de Ifá e trouxe também com ele uma panela fervendo com a cabeça do bode dentro, pra terminar de cozinhar.

Mas aí, tem um senão: naquele tempo ninguém tinha cabeça. Exu, então pôs a panela entre seus dois ombros e viajou com a mãe de Ifá. E quando ele foi retirar a panela, viu que ela tinha se

grudado nele e se transformado em sua cabeça. Aí, Exu ficou muito radiante, pois agora ele tinha uma cabeça.

A mãe de Ifá pegou o *ebó* feito com frutas redondas e foi levar ao rei, a fim de acabar com a má querença entre ele e Ifá. Quando o rei recebeu as frutas, pegou um mamão e colocou entre seus ombros. O mamão virou uma cabeça e o rei ficou muito feliz. Quando Ifá soube disso, quis ter uma cabeça também e lá se foi ele fazer nova consulta. Outra vez, lhe foi recomendado fazer um *ebó* com frutas redondas. E ifá voltou da consulta sabendo:

**QUEM QUISE TER UMA CABEÇA
PRECISA FAZER SACRIFÍCIO.**



A CABEÇA NOVA



Contam os mais velhos que Ajaguná, filho de Obatalá, nasceu sem cabeça. Por isso, ele cresceu revoltado, vagando, sem destino certo. Um dia, ele se encontrou com Ori, o orixá das cabeças. Ajaguná suplicou a Ori que tirasse ele daquele sofrimento. Aí, então, Ori resolveu fazer uma cabeça branca pra Ajaguná, com inhame cozido e amassado no pilão. Durante os preparativos, o sem cabeça gemia tanto e implorava com tanta agonia, que Ori se apressou e nem esperou o inhame esfriar: fez uma cabeça branca com o inhame quente mesmo.

Depois que Ori modelou a cabeça, Ajaguná se transformou num guerreiro valente e desempenado. Ori deu a ele um escudo e uma mão de pilão pra enfrentar as batalhas. Ele ficou muito feliz, mas a cabeça de inhame esquentava muito e ele sentia dores de cabeça muito fortes. Ficava arreado por vários dias, quando as crises atacavam e não tinha paciência com nada, nem com ninguém. E ele foi pelo mundo, padecendo de seus males.

Um dia, ele se encontrou com Iku, a Morte. Muito prestativo, Iku começou a dançar e se ofereceu logo, pra fazer uma cabeça nova pra Ajaguná. Ele, coitado, recusou. Mas o sofrimento aumentou tanto, com uma dor de cabeça tão insuportável, que ele terminou aceitando a oferta. Todo mundo sabe que a dor é que ensina a gemer, e quem está sofrendo não escolhe remédio. Iku prometeu lhe dar uma cabeça negra e fria, feita de sombra. Assim foi feito e Ajaguná ficou feliz e aliviado. Antes de desaparecer, Iku lhe tomou a mão de pilão e levou consigo.

Mas aí, outra coisa aconteceu: Ajaguná passou a se sentir perseguido por um terror: eram as sombras da Morte em sua cabeça fria. Até hoje, não se sabe qual dos dois sofrimentos era maior: se a agonia da dor da cabeça branca e quente, ou se o terror da

perseguição da cabeça negra e fria. E lá se foi Ajagunã, vagando pelo mundo, embora continuasse sendo um grande guerreiro.

Certo dia, ele estava mergulhado em profundo terror, sofrendo horrores, quando se encontrou com Ogum, o grande ferreiro, senhor dos caminhos. Ajagunã se queixou dos males e contou tudo a Ogum. A primeira coisa que Ogum fez foi dar sua espada a Ajagunã. Com a nova arma, ele afugentou a Morte e espantou as sombras de sua cabeça. Depois, Ogum pegou sua faca e começou a remodelar a cabeça de Ajagunã, misturando o frio com o quente. Aí, as duas cabeças, que estavam uma revestindo a outra, se misturaram e a nova cabeça ficou azulada. Virou uma cabeça nem muito quente, nem muito fria.

Quando Ogum terminou seu trabalho, Ajagunã virou Oxalufã, o mais velho dos mais velhos, trazendo agora uma cabeça equilibrada. Mas foi preciso que Ogum fizesse um cajado, pra Oxalufã se apoiar, pois o escudo não tinha serventia pra mais nada. E Oxalufã devolveu a espada a Ogum, saiu pelo mundo, de bem consigo mesmo e com a vida, apoiando-se em seu cajado. Por onde passava, ouvia as queixas dos sofredores e ensinava remédio pra seus padecimentos.

**UMA CABEÇA QUENTE NÃO FUNCIONA MUITO
BEM; UMA CABEÇA FRIA, TAMBÉM NÃO.
UMA É CHEIA DE AGONIA; A OUTRA
NÃO TEM COMPAIXÃO.**



OSHIUMTSO 2016

A CASA DE ARIUÔ



Contam os mais velhos que, na casa de Ariuô, o povo não conversava; brigava. E a discussão era tanta que terminava na porta da rua. Quando a vizinhança perguntava a eles a causa do arerê, cada um dava uma explicação diferente. E ninguém sabia, na verdade, porque aquela gente brigava tanto assim.

Um dia, a vizinhança foi se queixar ao Velho Afaradá, o juiz da aldeia, e ele resolveu dar um ensinamento. Bem na hora em que todos estavam falando de vez, no maior alarido, ele mandou que um menino gritasse com todo fôlego, na porta de Ariuô:

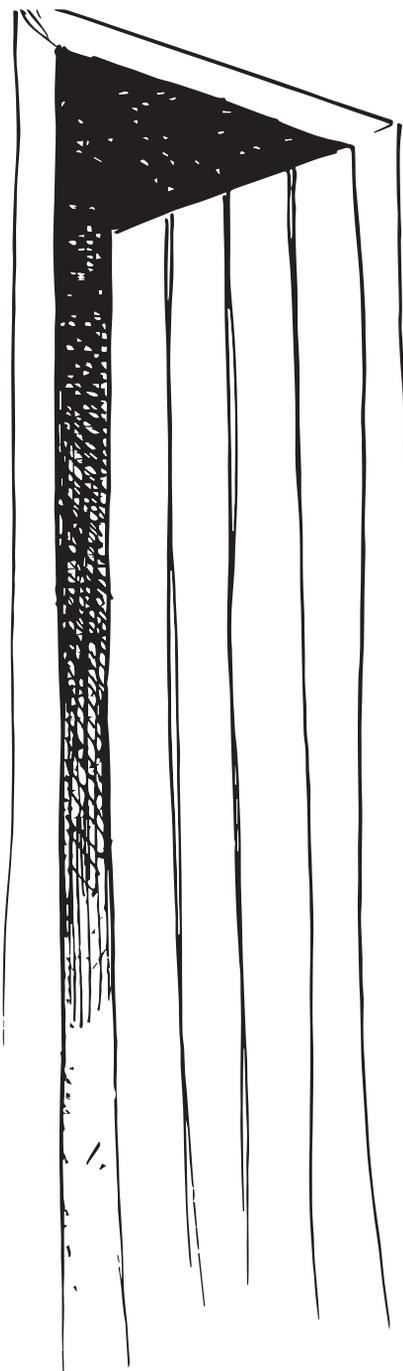
– Lá vem a onça aí, minha gente!

O menino foi lá e fez direitinho como Afaradá mandou. Acontece que ninguém lá de dentro se incomodou com o berro do menino e a discussão continuou. Então Afaradá fez diferente: mandou que os caçadores trouxessem uma onça viva, amarrada, e soltasse na entrada da porta da casa de Ariuô, bem na hora do arerê e ninguém avisasse nada.

Os caçadores cumpriram as ordens de Afaradá. E quando a onça foi solta, saltou casa adentro, e aí ocorreu um alarido que fazia dó e piedade. Por ordem de Afaradá, ninguém tomou providência alguma, ninguém entrou na casa pra acudir os moradores. De repente, fez um silêncio mortal lá por dentro. Os moradores ficaram sem saber o que Afaradá queria, comprometendo a vida daquela gente. Terminou toda a família de Ariuô vindo pra rua. Uns esfarrapados, outros arranhados, outros mais capengando e outros ainda com ar de assombro. Mas todos muito risonhos, unidos e felizes, exclamando:

- Pegamos uma onça viva. E dentro de nossa casa!
- Então Afaradá explicou:
- Vocês viram? Faltava eles aprenderem a conversar...

**CONVERSA QUE SURTE EFEITO É COM
BOCA E COM OUVIDO.**



OSAMU
2015

A CAVEIRA QUE FALAVA



Contam os mais velhos que um homem se orgulhava de falar apenas sobre o que ele realmente via. Por isso mesmo, ele sempre dizia: “Língua que fala o que não vê merece ser frita no dendê”. Certa ocasião, este homem estava viajando a pé. Aí, por volta do meio dia, sentindo fome, sede e cansaço, o homem procurou uma árvore pra descansar à sua sombra. Comeu alguma coisa que trazia na capanga e se dirigiu a um regato que corria mansinho por ali mesmo. Quando ia se levantando, o homem viu uma coisa que lhe deixou admirado: uma caveira espetada numa vara de quase dois metros de altura. Acontece que aquele homem tinha uma natureza muito dura, metido a descrente das coisas do além. Ele costumava fazer gozação com as pessoas que se diziam temerosas da morte, de cemitério e de coisas semelhantes. Mesmo estando sozinho naquele lugar ermo, o homem resolveu fazer uma brincadeira com a caveira. Aproximou-se da vara, olhou pra cima e perguntou bem alto:

– Caveira, quem te matou?

E não é que a caveira respondeu? Numa resposta curta, o homem ouviu:

– Foi a língua!

Gente, caveira falando... Nunca se ouviu falar numa coisa desta. O homem quase cai de costas com o susto que tomou. Tirou o chapéu, coçou a cabeça e ficou pensando. De repente, atinou e disse pra si mesmo:

– Taí, estou rico... Vou ao palácio do rei pra contar essa novidade a Sua Majestade. Em nenhum outro reino da face da terra existe uma caveira que fala. Sua Majestade vai se interessar pelo assunto e vai querer saber dessa grande novidade.

Mais que depressa, retomou a marcha pra cidade. Lá chegando, foi direto pra o palácio e pediu uma audiência com o rei. Outra surpresa: foi logo atendido. E certo de que estava com sorte naquele dia, começou a pensar nos prêmios que ia receber do rei: moedas de ouro, joias, pedras preciosas... Ia logo comprar uma carruagem pra deixar de andar a pé. Ia ser saudado pelas pessoas, quando sua carruagem passasse pelas ruas.

Estava, assim, mergulhado nos sonhos, de olhos perdidos no horizonte sem fim, quando vieram lhe chamar. Estava na hora da audiência. Pois bem: Alalá - esse era o nome do homem - entrou no salão de audiências, fazendo mil salamaleques de reverência ao rei. Mandaram que ele expressasse o que queria. Sabendo que não devia gaguejar, nem muito menos ocupar o tempo do rei com uma conversa comprida, ele foi direto ao assunto:

– Saiba Vossa Majestade que no seu reino existe uma caveira que fala.

O rei chamou um dos conselheiros e cochichou alguma coisa. Depois, bateu seu cetro real no chão e pronunciou:

– Amanhã, pela manhã, bem cedo, você vai conduzir uma comitiva ao local onde está acontecendo essa maravilha. Eu mesmo, pessoalmente, irei verificar a verdade de suas palavras. Em sendo verdade, pode se considerar um homem rico doravante. Mas se não for, se prepare pra perder sua cabeça.

O rei ordenou que acomodassem o homem no palácio e fornecessem o que ele desejasse.

E ao amanhecer do dia, lá se foi o rei com sua comitiva. Alalá ia na carruagem da frente, indicando o roteiro da viagem. Muita gente do povo seguia a comitiva a pé, pois a notícia se espalhou por toda a cidade. Chegaram ao local e lá estava a caveira espetada no pau. O rei ordenou que Alalá fizesse a caveira falar. Todo concho da vida, Alalá exclamou em voz bem alta:

– Caveira, quem te matou?

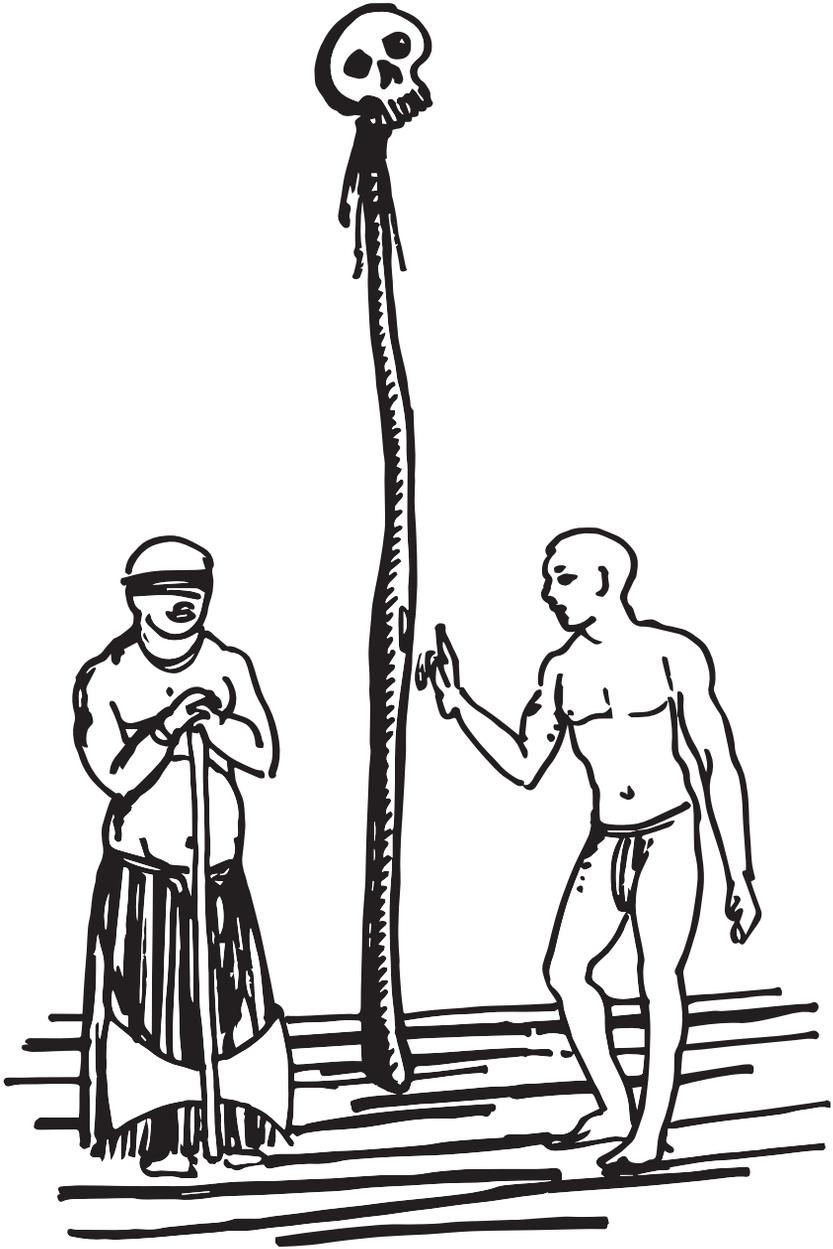
E não é que a caveira permaneceu muda, senhor? Ele insistiu diversas vezes, mas a caveira continuava em profundo silêncio. Alalá foi entrando em desespero e começou a chorar. O rei não se comoveu com o sofrimento dele e ordenou:

– Cortem a cabeça dele. Não se faz o rei de bobo.

E quando a cabeça de Alalá rolou no chão, decepada pela espada do carrasco, a caveira gritou bem alto:

– Foi a língua!

**A LÍNGUA QUE FALA O QUE NÃO VÊ MERECE
SER FRITA NO DENDÊ, TAMBÉM A LÍNGUA
QUE DE TUDO FALA MERECE EMUDECER.
O FALADOR PASSA MAL.**



OSMIVDO
2015

A CILADA CONTRA IKU



Contam os mais velhos que havia uma cidade que estava sendo castigada por epidemia. Era uma festa pra Iku, que andava atarefado em levar tanta gente pra fora deste mundo. Mas havia um homem que resolveu fazer diferente. Ele foi em busca de um conselho de Orunmilá. Então, ele procurou um babalaô pra fazer uma consulta, saber o que o Pai Maior tinha pra lhe dizer. Não deu outra: o babalaô jogou o opelé e Orunmilá respondeu direitinho o que o homem queria saber.

Foi recomendado que o homem fizesse um ebó com certos objetos de segredo e seguisse todo o preceito. Também conseguiu um quati vivo e amarrasse o bicho acima da porta de sua casa. O homem voltou de lá muito confiante e foi providenciar os objetos necessários. Encomendou um quati vivo a um caçador e amarrou o bicho pendurado acima da porta, pra que todo mundo visse aquilo.

Vai daí que Iku entendeu de fazer uma visitinha à família do homem. Foi chegando, todo enrolado em seu manto preto, porrete na mão, seguro de si, confiante no seu poder. De repente, ele suspendeu a cabeça e viu o bicho pendurado acima da porta. Disse pra si mesmo:

– Coisa boa! Vou ter até uma sobremesa...

Foi se aproximando, se aproximando... E o quati bem quieto, pendurado. E quando Iku estirou o braço pra pegar o quati, o bicho deu um bote na cara de Iku. Todo mundo sabe que as garras de um quati cortam igual a navalha. Quando um caçador vai pra o mato e seus cachorros avistam um bicho desse, a primeira coisa que ele faz é chamar os cachorros de volta. Do contrário, o quati deixa os cachorros em pedaços. Pois bem: as garras do quati lanharam a cara de Iku. Com o porrete que levava, Iku tentou acertar o quati, mas errou o golpe e acertou na

corda. O bicho se soltou e pulou na cabeça de Iku, que saiu em desabalada carreira pelo mundo a fora, prometendo tão cedo não voltar ali.

**PARA ESPANTAR A MORTE, BASTA
REINVENTAR A VIDA.**



OSHIKAWA
2015

A CILADA DAS PALAVRAS



Contam os mais velhos que, no princípio dos tempos, o mundo ainda estava se formando. Aí, Olorum mandava sempre embaixadas de Orixás pra ir ajeitando a criação. Tinha de tudo nas embaixadas. Uns vinham somente pra organizar tudo e depois voltar pra o Orun. Outros iam ficar transitando entre o Orun e o Aiyê. E mais outros que iam ficar no meio das criaturas. Mas tudo isso era por vontade de cada um, conforme do que queria participar.

Acontece que Obatalá era o chefe da criação dos humanos, mas Orunmilá era quem ajeitava tudo. Ele não dispensava as opiniões de Exu, o responsável pelo equilíbrio e pelo movimento. Sem o axé de Exu, as coisas iam ficar paradas pra sempre. Mas Exu, que adora uma troça, até hoje só faz as coisas com muita dose de gozação. Se a gente não tiver o devido cuidado, termina caindo em cada esparrela...

Aí, Orunmilá resolveu que era chegado o tempo de decidir sobre o lugar pra cada criatura: minerais, vegetais, animais e humanos. Pediu uma opinião a Exu. Ele disse a Orunmilá que tudo fosse resolvido pela ordem. Tinha mais: que fosse apresentada uma pergunta simples a cada criatura. A pergunta era: “Quer viver dentro ou fora?” A resposta devia ser direta. E aí, a depender da resposta, estava decidido o destino e o modo de viver de quem respondeu. E os que não dessem resposta, o destino seria decidido pelo Orixá. Aí, foi aquela trabalhadeira pra perguntar, ouvir a resposta e esclarecer o lugar e o modo de vida pra cada um, isto é, o entendimento da missão.

Enquanto todos se empenhavam nessa tarefa, Exu ia trabalhando, mas também fazendo arrelia: uma brincadeira com um, uma gozação com outro, um deboche aqui, uma piada acolá. Mas ele se divertia mesmo era quando conseguia surpreender Orunmilá, pois ele queria sempre demonstrar que era mais esperto do que o chefe.

Aí, Orunmilá foi fazendo a pergunta às criaturas. Quando chegou a vez dos humanos, Orunmilá perguntou:

– Prefere viver dentro ou fora?

Os humanos responderam:

– Dentro!

Exu, então, acrescentou:

– Bando de bestas! Vai tudo viver prisioneiro...

Os bichos, que tinham escolhido “Fora!”, se acabaram de rir.

Aí, Orunmilá, resolveu pegar Exu pelo pé e perguntou de supetão:

– E você, Exu? Prefere dentro ou fora?

Foi aquele susto pra Exu, pego de surpresa. Principalmente porque ele estava ocupado, pensando como fazer uma “surpresa” a Orunmilá.

Muito veloz, Exu se recompôs e respondeu:

– Fora casa morar dentro morar fora.

Aí aconteceu a célebre conversa entre Orunmilá e Exu:

– Vai ser como você quer.

– Oba! Viva a liberdade! Estar no mundo, só com liberdade de entrar e sair.

– Não estou entendendo. Você escolheu “Fora!” e agora diz que vai ficar livre pra entrar e sair. Sair de onde? Você nunca vai ficar “Dentro!”

– Eu não disse “Fora!” Eu disse: “Morar dentro morar fora.”

– Não, senhor. Escute o que você disse:

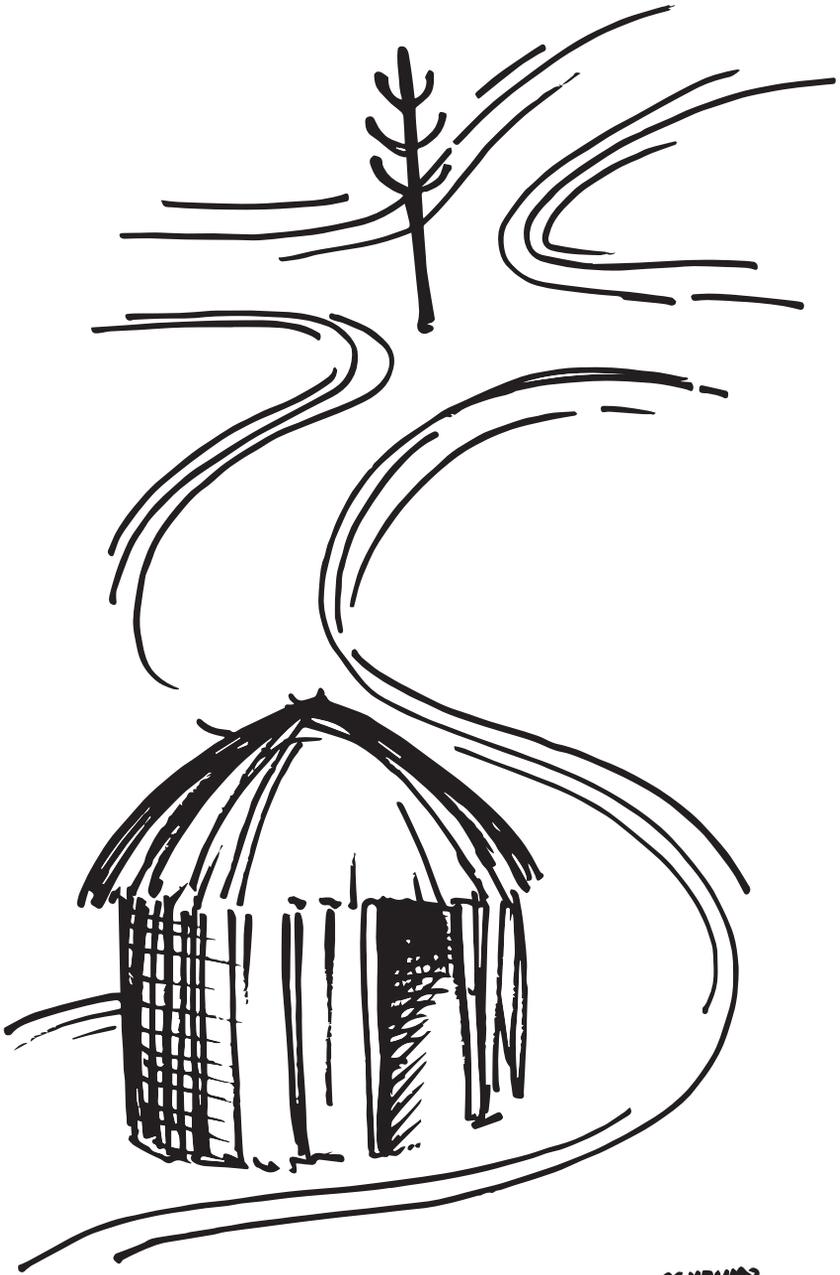
– Fora, casa! Morar dentro? Morar fora.

Aí, Orunmilá deu a Exu o destino e o modo de viver sempre:

– Daqui pra frente, você não vai viver dentro de casa; vai viver fora, na rua, no caminho, na encruzilhada.

Aí, o mundo todo caiu na gargalhada.

**PALAVRAS SÃO CILADAS; ÀS VEZES,
ELAS ATRAPALHAM.**



OSHVIND
2016

A COMIDA E O REGALO



Contam os mais velhos que, no começo do mundo, Olodumare criou os homens e enviou Ogum pra tomar conta deles. Apressado como sempre, Ogum não fez as oferendas e veio logo cumprir sua tarefa. Acontece que o único alimento que Ogum usava era o palito do dendezeiro e era isso que ele oferecia aos humanos, quando eles reclamavam que estavam com fome. Tempos depois, os humanos guiados por Ogum morreram de fome.

Então, Olodumare resolveu confiar a Orixalá uma nova missão. Vagaroso como sempre, ele se arrastou tanto que não teve tempo pra fazer as oferendas e veio, assim mesmo, cumprir com sua obrigação, isto é, conduzir outro grupo de humanos. Mas o único alimento que Orixalá conhecia era a água. E quando os humanos diziam que estavam com fome, Orixalá lhes dava apenas água pra beber. Com pouco tempo, não restou nenhum humano vivo.

Com esse segundo fracasso, Orunmilá se ofereceu pra conduzir as criaturas humanas e Olodumare concordou com isso. Muito cuidadoso, Orunmilá fez uma consulta e lhe foi recomendado fazer oferendas. Foi dito também que ele preparasse sementes de legumes, verduras e frutas e despejasse tal oferta sobre a terra. Assim mesmo ele fez. Quando as sementes caíram na terra, as plantas nasceram e cresceram, dando raízes, folhas, flores, frutos e sementes. Foi uma abundância sem igual. E com essa fartura, Orunmilá alimentou os humanos. A receita deu certo.

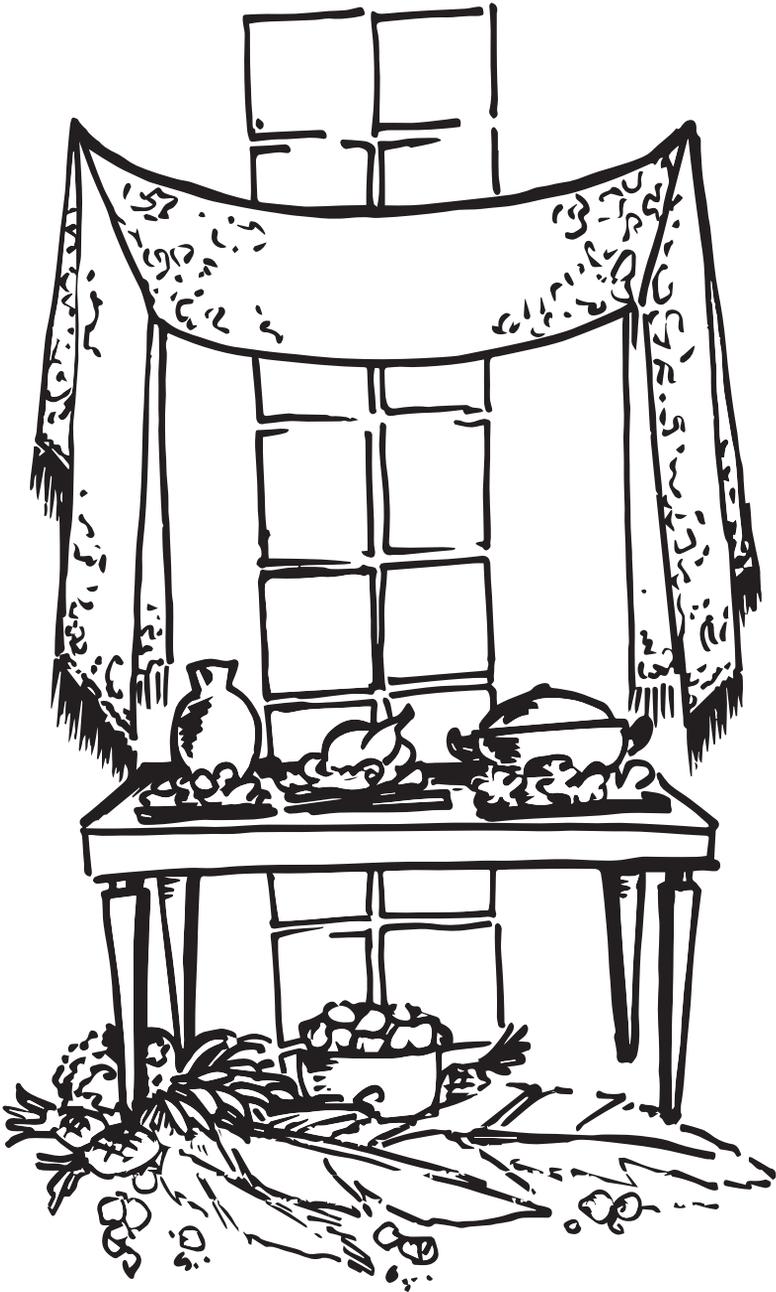
Então, Ogum e Orixalá ficaram intrigados com o sucesso de Orunmilá e resolveram fazer uma visita, pra descobrir qual era a causa de tão grande sucesso. Principalmente, queriam saber por que fracassaram. Já se dizia até que Olodumare ia dar a Orunmilá o título de Dono do Mundo. Pois bem, eles foram fazer a visita.

Quando chegaram, foram recebidos com um grande banquete. Todos os humanos daquele lugar estavam na casa de Orunmilá, comendo, e as mesas estavam repletas de uma variedade imensa de alimentos.

Ogum e Orixalá foram tão bem recebidos que ficaram surpresos e muito satisfeitos. Perderam até a vontade de fazer qualquer pergunta. E o jeito foi reconhecer que, de fato, Orunmilá era o Dono do Mundo. Mas Orunmilá, com toda humildade, não quis aceitar o título e disse que, por maior que fosse aquele banquete, ainda faltavam duas coisas. Fez-se um profundo silêncio e todos quiseram saber do que se tratava. Então, Orunmilá disse que faltavam a parte de Ogum e a parte de Orixalá e que, sem isso, o banquete não estaria completo: palitos pra esgravatar os dentes e água pra enxaguar a boca.

Todos bateram palmas, cheios de contentamento e alegria. Ogum e Orixalá ficaram maravilhados e deram sua participação. E quando o dia amanheceu, a terra estava em paz, a abundância e a alegria reinavam entre os humanos.

**NÃO BASTA APENAS TER O QUE COMER; É
PRECISO TAMBÉM O REGALO PARA
ALEGRAR A ALMA.**



OSAMURO
2015

A ESCOLHA DO DESTINO



Contam os mais velhos que um homem vivia em paz no meio de seu povo. Era um excelente mercador, sua voz cristalina e sonora atraía multidões. Todos os seus produtos eram vendidos rapidamente, de forma que ele quase não dava conta do atendimento a quem procurava suas mercadorias. Mas ele era inconformado com o seu destino. Gostaria de ter nascido um grande cantor pra arrebatara as pessoas com a maravilha de sua voz. Ainda que sua fama de mercador corresse o mundo, ele queria mesmo ter nascido com outra sorte.

Um dia, ele resolveu consultar Ifá, pra ver se poderia mudar o seu destino. Ifá lhe recomendou um ebó a ser oferecido no olho do dendezeiro e que ele dormisse ao pé da palmeira por três noites consecutivas. Assim o homem fez. Terminado o prazo do ebó, ele voltou pra sua cidade, enquanto aguardava a resposta do divino. Então, ele avistou uma grande caravana que caminhava em sua direção. Imediatamente ele pensou em se reabastecer de mercadorias, afinal estava precisando negociar. Quando chegou perto, o homem notou algo diferente. Não se tratava de uma caravana de negociantes e sim de um Mago e seus acompanhantes. Então o homem pensou em falar com o Mago pra tentar trocar seu destino.

Feita a proposta, o Mago aceitou, mas impôs uma condição: o homem não poderia desfazer a troca, depois que a magia fosse realizada. Aceita a condição, o Mago lhe mostrou inúmeras e inúmeras caixas fechadas que guardavam destinos dos humanos. Ele teria que escolher uma delas pela aparência. O homem pensou, pensou, olhou, olhou, examinou muitas e muitas caixas. Por fim, uma delas atraiu sua atenção. Era leve, forrada de pele de camelo, couro bem tratado, enfeitada de fios de ouro e muitas pedras brilhantes. Havia até uma inscrição: VOZ DE OURO, ENCANTADOR DE MULTIDÕES.

Era justamente isso que ele queria. E ele ficou tão encantado, tão feliz que, diante de tanto contentamento, o Mago resolveu lhe dar a caixa e fazer a troca de destino sem receber pagamento nenhum. Quando o homem abriu a caixa, ansioso pelo novo destino, lá dentro estava seu nome e, embaixo do nome, a palavra MERCADOR.

Diante de seu espanto, o Mago se revelou:

– Eu sou Orunmilá, Testemunha do Destino, Aquele que Esculpe no Escuro. Este é o seu caminho e fique sabendo:

**O ESPINHO QUE TEM DE ESPETAR DESDE
PEQUENO TRAZ A PONTA.**



OSKUNDO 2015

A ESPERTEZA DE EUÁ



Contam os mais velhos que um homem estava bem de seu, assim, sentado à porta de sua casa, quando Iku, a Morte, apareceu de repente. Não precisou nem se identificar: o homem viu logo de quem se tratava... Iku se aproximou e foi logo avisando:

– Chegou o teu momento e eu vim te buscar.

O homem, que não queria morrer de forma alguma, deu um pinote no meio da rua, saiu louco, desvairado, correndo pra escapar de Iku. Entra aqui e sai ali e Iku atrás dele. Pediu socorro na casa do governador, na igreja, na escola, no hospital. Todos ficaram penalizados, mas disseram que não havia como socorrer e que o jeito era ele ir com Iku.

O homem não desanimou e continuou em fuga, desesperado, enlouquecido, correndo igual ao vento. Adiante, tomou o leito de um rio raso e foi correndo por dentro d'água. Iku ia atrás, ora próxima, ora distante, pega aqui, pega ali, pega acolá.

Depois de uma curva do rio, o homem se esbarrou com um bando de mulheres lavando roupa. Sobre uma pedra, uma formosa senhora, muito bem vestida, estava sendo penteada por suas damas de companhia. Era Euá, a casta esposa de Obaluaiyé, o Dono do Mundo, temível guerreiro.

Com a alma saindo pela boca, o homem se dirigiu a Euá, pedindo que ela lhe socorresse pelo amor de Deus e lhe livrasse de Iku. Euá levantou suas anáguas e mandou que o homem se escondesse debaixo delas. Ele obedeceu e ficou ali, quietinho, bem escondidinho.

Euá continuou o que estava fazendo, como se nada estivesse acontecendo. Nisso chega Iku, enrolado no seu eterno manto preto, porrete na mão, procurando pelo homem. Dirigiu-se a Euá e fez uma saudação, perguntando:

– Salve, Senhora, Esposa do Grande Senhor da Terra! Acaso, vistes um homem em desabalada carreira rio abaixo?

Euá sabia que a força de Iku devia ser respeitada também. Mesmo, a ignorância é atrevida e quem deixa passar passa também. E então, respondeu com firmeza na voz, educação e cortesia:

– Salve, Nobre Senhor das Sombras! O homem passou por aqui, sim. Até entendeu de se esconder nas anáguas.

Então, Iku quis saber:

– E o que é anágua, Senhora?

Euá explicou:

– Intimidade feminina...

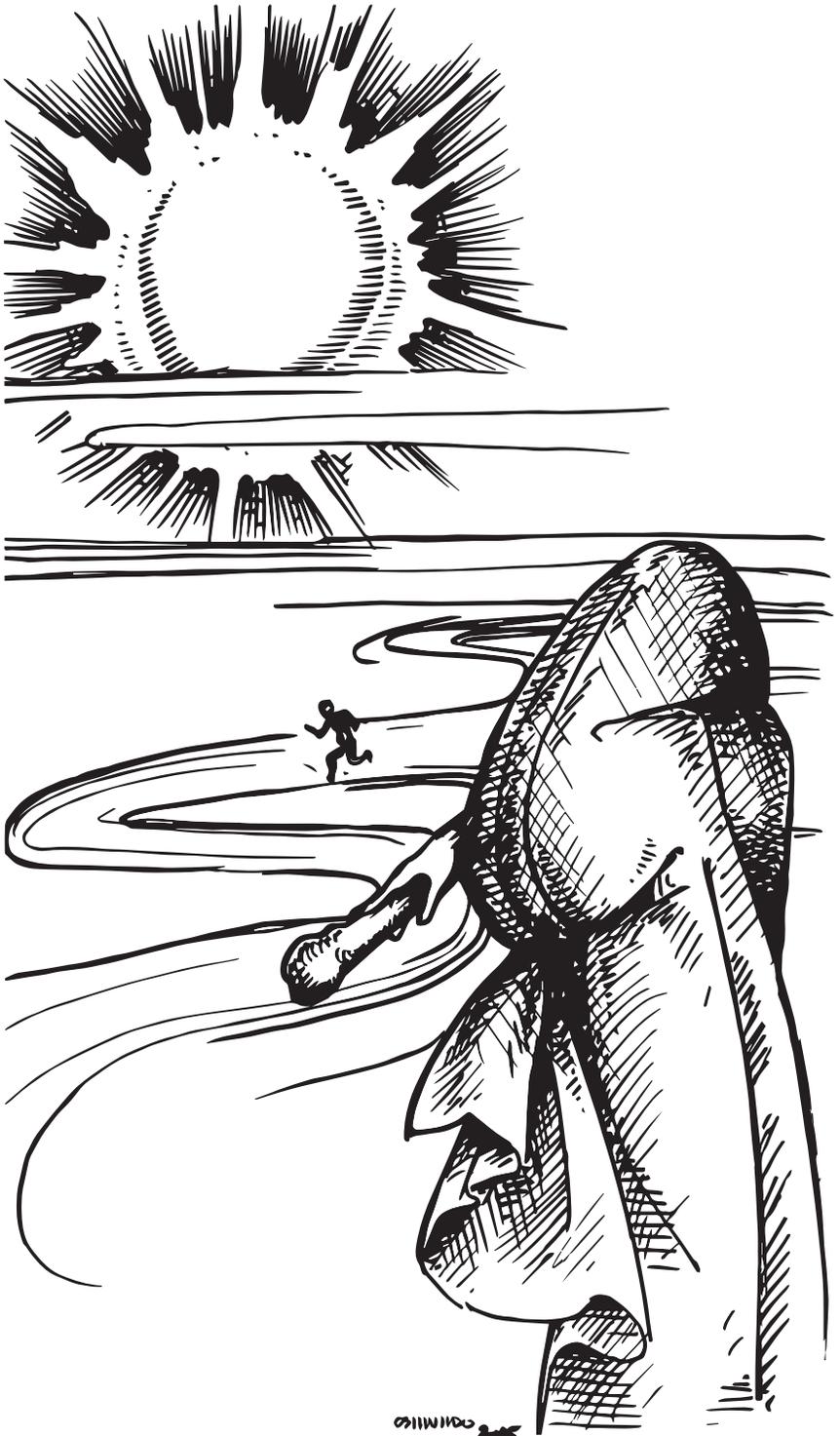
Iku, muito ignorante das coisas da vida, entendeu que o homem se ousara com as mulheres.

A mucama de Euá acrescentou:

– Não se sabe que rumo ele tomou. Passou em desabalada carreira e sumiu.

Nem mesmo Iku ia ter a ousadia de perturbar a esposa do temível Dono do Mundo. Correu os olhos pelas margens, mirou o rio que sumia muito lá adiante, resmungou qualquer coisa, deu meia volta e desapareceu rio acima. Quando Iku sumiu, Euá suspendeu as anáguas e o homem saiu debaixo delas. O coitado, de tão surpreso com tudo, nem sabia como agradecer. Mas Euá apenas confortou o homem com um conselho:

**NESSE MUNDO, TEM TEMPO PRA TUDO, ATÉ
MESMO PRA ESCAPAR DA MORTE. MAS NEM
SEMPRE EUÁ ESTÁ NO CAMINHO.**



SHINJIRO

A ESTRATÉGIA DE OBÁ



Contam os mais velhos que, uma noite, Xangô estava se divertindo, passeando, quando escutou sons de atabaques vindos da mata. Quis saber o que era aquilo e lhe informaram que era noite de *elekô*, culto secreto das mulheres, comandadas por Obá, e que homem nenhum podia assistir, sob pena de morte. Mas Xangô é o pai da curiosidade e resolveu dar uma espiadinha às escondidas. Protegido pelas ramagens, ele via sem ser visto. Acontece que só Ossáin sabe proceder assim, e Xangô terminou sendo pego em flagrante. As mulheres cercaram ele, armadas de lanças e ele foi levado à presença de Obá, pra que fosse aplicada a pena de morte.

Quando ambos se viram, os dois tiveram a certeza: da beleza de um, o outro não escapava. Obá sabia que a lei era dura e ela não podia passar por cima da lei. Então, Obá disse a Xangô:

– Todo homem que for flagrado espiando o culto será condenado à morte.

Enquanto as mulheres se preparavam pra aplicar a pena, Obá cruzou várias vezes o seu olhar com o olhar de Xangô. E ela se convenceu de que não podia deixar que as coisas fossem assim. Mas havia a lei e tinha que ser obedecida. Então, ela se lembrou de Iyá-mi Oxorongá, a grande mãe feiticeira, e saiu às pressas, pra fazer uma consulta. Bateu um acaçá com água e mel numa cuia e depositou ao pé da grande *Apaoká*, a jaqueira sagrada. Fez a pergunta:

– Minha grande mãe feiticeira, estou perdida. Que faço eu agora?

Iyá-mi, satisfeita com o que Obá tinha lhe oferecido, respondeu:

– Obedeça a lei. Mas se lembre que lei é assim: sempre se pode diminuir ou acrescentar mais uns dizerezinhos na lei...

Obá agradeceu, tomou a bênção e se retirou, na certeza de que ela também, agora, era uma condenada, e se pegou no flagra, amando Xangô. E já sabendo o que ia fazer, convocou as mulheres e disse:

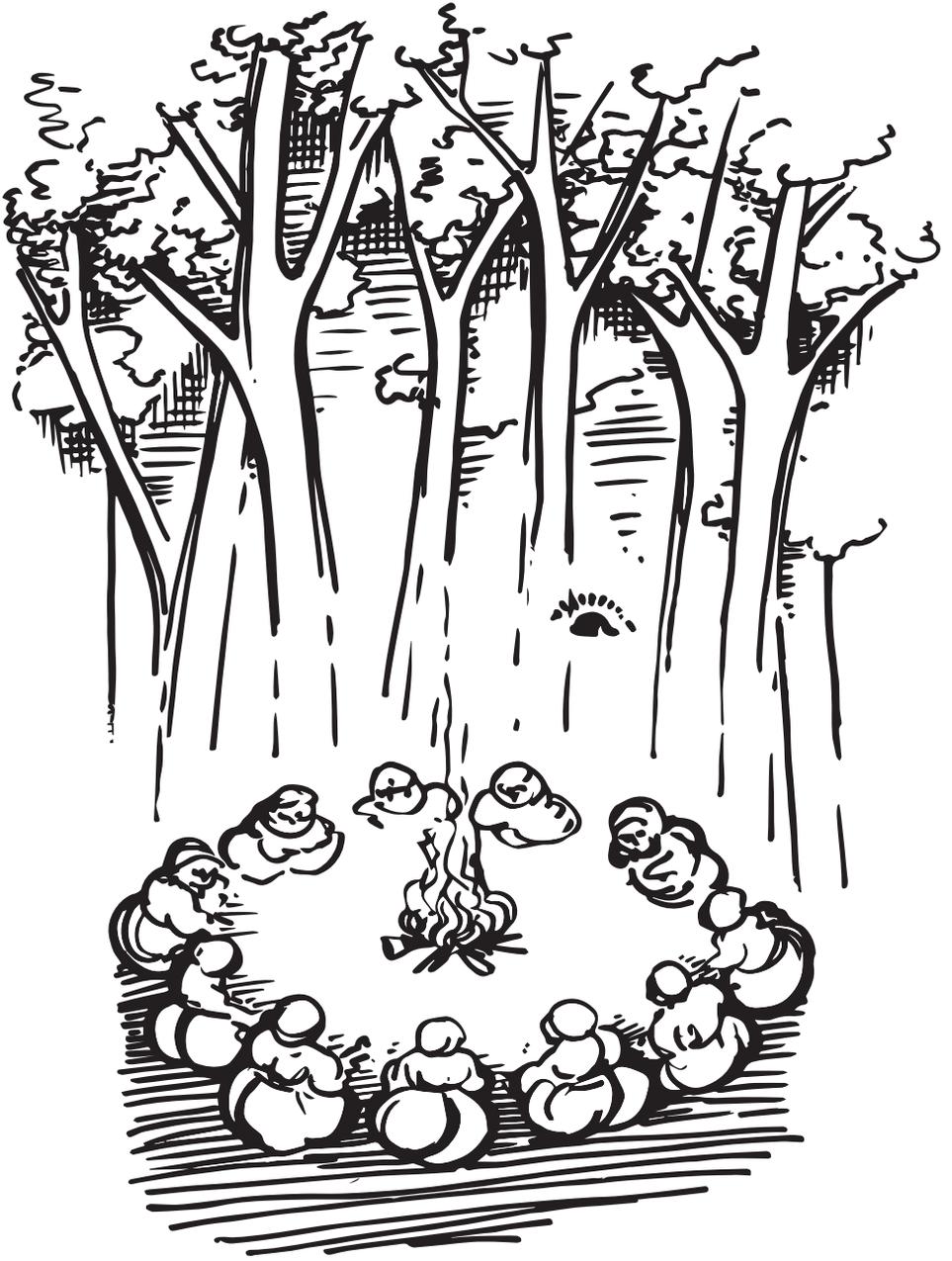
– Vamos ser justas: vamos dar um oportunidade ao condenado.

Subiu um burburinho entre as mulheres, até que Obá pediu silêncio a todas, e explicou:

– A lei diz: Todo homem que for flagrado espiando o culto será condenado à morte. A lei podia ser completada: ...mas se for do agrado da Senhora do Culto, poderá se unir a ela em casamento, ou aceitar a morte.

Todas as mulheres concordaram prontamente. Agora era ouvir o condenado. Xangô não pensou duas vezes, ia ser poupado da sentença de morte e ainda se casar com Obá, por quem tinha se apaixonado. Obá acabava de escobrir um sentimento novo que ia além do ódio trazido pela guerra: ela aprendeu a amar e ser amada. Assim, ela se tornou a justiceira, que pune os homens que maltratam mulheres.

**A LEI NÃO É UMA ARMADURA DE FERRO, PRA
METER OS HUMANOS LÁ DENTRO. MESMO, O
AMOR É A LEI MAIOR, E ELA PASSA POR CIMA
DE QUALQUER OBSTÁCULO.**



OSAMURO
2016

A FAMA E O PODER



Contam os mais velhos que, um dia, o rei de Keto quis dar uma festa e mandou convite pra muita gente. Mas não quis chamar Iyá-mi Oxorongá, a grande feiticeira. Sabe como é... Pra essas festas, assim, de gente nobre, o dono da festa finge esquecer de convidar os que ele não tem em tanta conta. Mas deixemos isso pra lá.

Bem na hora da festa, quando todo mundo estava nos comes e bebes, um bicho monstruoso pousou na cumeeira do palácio real. Era um bicho encantado, feitiço de Iyá-mi Oxorongá: uma vingança daquelas. Foi um deus nos acuda. As asas do bicho eram tão grandes que impediam a luz do sol. O reino ficou às escuras e o bicho ameaçava devorar todo mundo. O rei, mais do que depressa, convocou os mais famosos caçadores de Keto. Era uma questão de vida ou morte que os caçadores abatessem o bicho pavoroso.

O Primeiro Caçador atirou quatrocentas flechas e o bicho nem se abalou do lugar. O único resultado foi que o bicho ficou mais furioso ainda. O Segundo Caçador foi chamado e disparou duzentas flechas. Foi pior o resultado. E assim todos os famosos caçadores ficaram desmoralizados, enquanto a vida de todo mundo corria perigo. E foi chegando caçador que não acabava mais, até mesmo aqueles sem expressão nenhuma. Ninguém dava conta da empreitada.

Quando o rei não tinha mais pra quem apelar, soube da existência de um caçador solitário que vivia embrenhado nas matas. Não se sabia ao certo quem era ele. Apenas corria um boato de que ele tinha uma pontaria certa, mas tão certa mesmo, que só precisava de uma única flecha. Então o rei mandou buscar esse caçador com a maior urgência. Esse caçador era Oxó.

Quando a mãe dele soube disso, correu e foi consultar Ifá, o orixá da adivinhação. Ifá explicou a ela que aquele era um bicho

encantado e que era preciso fazer uns preceitos pra que Oxó pudesse matar o monstro. Que ele lavasse sua flecha com água e folhas de jaqueira pisadas. A mãe de Oxó correu e explicou tudo ao filho. Ele ouviu direitinho as recomendações com respeito e atenção e fez tudo o que Ifá tinha mandado. A mãe dele, Apaoká, a Senhora da Jaqueira, se prostrou em terra e rezou pelo filho, horas a fio. Depois, com calma e segurança, o caçador se dirigiu pra cidade, levando apenas uma flecha e a crença de que tudo ia dar certo.

De longe Oxó ouviu o alarido na aldeia. Tudo estava mergulhado numa sombra escura e o povo gritando por socorro. Ele parou em frente ao palácio, mirou entre os olhos do bicho e disparou sua única flecha. Acertou direto no ponto fraco do monstro. Pra espanto de todos, o bicho soltou um urro, se estrebuchou e despencou lá de cima, num estrondo pavoroso. Toda a multidão começou a gritar: *Oxó uosi!*, que quer dizer *Oxó pertence a seu povo!* Com o tempo, esta saudação foi substituída pelo nome do Grande Caçador e ele ficou conhecido por Oxóssi até hoje.

E é ele quem ensina:

**ENFRENTAR OS MONSTROS É PARA
QUEM APRENDEU A OUVIR.**



SHIMPOO 2015

A FEIURA E A BONITEZA



Contam os mais velhos que a coruja, antes de se casar, tinha feito uma consulta. Ela queria saber das intenções do corujão, se ele realmente gostava dela, essas coisas assim... Pois bem: foi dito a ela que tudo estava em ordem, que ela não se preocupasse. Apenas prestasse atenção no fato de que, nem tudo de que ela gostava, os outros gostavam também.

Ela saiu muito satisfeita da consulta. De vez em quando, se lembrava do conselho sobre o gostar, mas isso foi caindo no esquecimento com o passar dos dias. E agora ela estava ali, feliz da vida, já criando sua primeira ninhada. Os meninos já estavam se empenhando e logo, logo, estariam voando também.

Ah, mundo velho sem porteira... Ninguém se julgue feliz por estar em bom estado, porque vem a sorte tirana e faz do feliz desgraçado. Pois não é que o urubu chegou esbaforido pra dar uma notícia ruim? A mãe da coruja estava passando mal e queria ver sua única filha. A coruja se entristeceu e ficou pensando como haveria de fazer pra ir ver a mãe. Os meninos ainda não podiam voar. Deixar aquelas coisinhas tão bonitinhas, assim, sem proteção? Também não podia deixar de atender ao chamado da mãe. Podia ser a última vez. Depois de muito pensar, a coruja se lembrou e conversou consigo mesma:

– Ah, sim! Comadre Raposa... Gente fina está ali. Prestativa, sutil, tem sempre um jeito pra tudo... Mesmo, basta um voozinho de nada e posso passar na toca onde ela mora.

Logo a coruja alcançou a toca da raposa, cuja porta estava sempre disfarçada. Chamou e a raposa atendeu. Contou tudo, de baixo de aflição e agonia. Por fim, o pedido:

– Comadre da minha alma, me ajude pelo amor de Deus! Vou e volto logo. Apenas queria que a senhora olhasse meus lindos

meninos... Tomasse conta deles até eu voltar...

A raposa não se fez de rogada:

– Faça isso, sim, comadre... Mas como saber quais são seus meninos, com tanto ninho espalhado por aqui? A senhora sabe: eu vivo no chão e a senhora nos galhos...

A coruja deu as instruções necessárias:

– Tá vendo aquela árvore seca lá adiante? Pois é lá, no oco mais baixo que eles estão. E é muito fácil a senhora saber quem são eles. São os meninos mais bonitos de toda essa redondeza. Olhe, eu passo horas a fio só olhando pra eles. Uma lindeza!...

Despediram-se. A coruja foi pelos ares, em busca da casa da mãe. A raposa se dirigiu pra árvore seca, bem perto da sua toca. Foi um alarido, quando a passarada viu a raposa se aproximando. Gritos, bater de asas, voos espalhafatosos, enfim, um danor. Mas a raposa estava decidida: dessa vez não escaparia nenhum menino feio. E foi passando de ninho em ninho, devorando tudo.

Com poucas horas, a coruja voltou. Logo foi avistando a comadre dormindo ao pé da árvore. Aquilo que era gente boa e prestativa. Mas quando ela pousou no ninho, uma onda de terror invadiu seu coração. Cadê os lindos meninos?! Tudo vazio. Desceu, acordou a raposa e, muito aflita, quis saber dos filhotes. A raposa, então, ainda meio sonolenta e se lambendo, explicou:

– Olhe, comadre, lhe garanto que seus lindos meninos estão em paz. Desde que a senhora saiu, eu vim logo pra aqui. Só devorei meninos feios. Naquele ninho ali, então, estavam os mais horrórosos deste lugar...

– Comadre, a senhora devorou meus lindos meninos!...

E a raposa, toda espantada, apenas comentou:

– Meu Deus! Comadre, a senhora não tem juízo mesmo... Nunca desconfiou disso? Pois saiba, comadre:

A FEIURA E A BONITEZA ESTÃO NOS OLHOS DE QUEM VÊ.



07111440 2015

A FORÇA DA PALAVRA



Contam os mais velhos que havia uma aldeia muito populosa, onde viviam os *Ibêji*. Hoje em dia, eles são considerados os irmãos mabaças, padroeiros da fartura e da abundância. Eles eram dados aos sonhos. E sempre que acontecia algum mal aos habitantes, os gêmeos tinham um mesmo sonho. Ao acordarem, eles conversavam entre si e terminavam atinando na solução do problema e contavam isso aos pais. Por isso mesmo, seus pais também eram famosos.

Mas aí, chegou um tempo de uma seca sem igual. As fontes, os lagos e os rios secaram. A plantação estava no fim e os animais estavam se acabando. Os homens do lugar cavavam o chão desesperadamente, na esperança de encontrar um minadouro. Tudo era vão. E os *Ibêji* começaram a ter um sonho que não fazia sentido. No sonho repetido, uma voz dizia: “Escutem a palavra!” Nem mesmo seus pais podiam atinar no significado do sonho. O aviso não fazia sentido com o que a aldeia estava passando.

Os pais ficaram muito preocupados, sem mais saber o que fazer. Todas as manhãs diziam aos *Ibêji*: “Vão brincar no lajedo!” Era uma rocha enorme, muito alta que dava uma sombra muito boa. Mas os meninos nunca queriam ir pra o lajedo, pois era preciso andar debaixo de um sol forte, pra chegar até lá. Um dia, os *Ibêji* resolveram brincar no lajedo. Ao pé da rocha imensa, no lado da sombra, uma velha senhora estava sentada descansando. Os *Ibêji* nunca tinham visto aquela anciã na aldeia. Mesmo assim, cumpriram com a obrigação de tratar os mais velhos com respeito e pediram-lhe a bênção.

A velha gostou dos *Ibêji* e ficou conversando com eles. Nisso, um deles se lembrou de pedir à velha uma explicação pra o sonho que ele e seu irmão tinham constantemente, desde que a

seca começou. A velha ouviu tudo com atenção. Depois, pensou, pensou e disse:

– Pois é... Obedeçam ao sonho. Escutem a palavra...

– E qual é a palavra, vovó? – Eles quiseram saber.

– Ora, disse a velha, que palavra vocês têm escutado todos os dias, desde que a seca começou?

– Vão brincar no lajedo! – Os dois responderam de vez.

– Pois é isso mesmo. Vão brincar no lajedo. Brinquem, cavando o chão. Cavem o chão, brincando...

Dito isso, a vovó se levantou, tomou seu cajado e se pôs a caminhar, até sumir na curva do caminho. E os *Ibêji* se puseram a brincar de cavar fonte ao pé do lajedo. Cavavam com as mãos, com lascas de pedra, pedaços de pau. De repente, eles perceberam que a areia estava vindo meio molhada. Cavaram muito mais. E um fiozinho de água começou a brotar do chão. Um deles continuou brincando de cavar e o outro foi correndo até a aldeia anunciar a boa nova. Uma multidão veio ver a brincadeira dos meninos. Os homens se revezavam com ferramentas apropriadas, pra aprofundar o buraco. Assim, uma fonte foi feita e a aldeia se sustentou até a chegada das chuvas.

A PALAVRA TRAZ A BÊNÇÃO QUE ANULA A DESTRUIÇÃO.



OSMUNDO 2016

A FORÇA DO ENCANTO



Contam os mais velhos que, um dia, Oxóssi chegou ao ponto mais escondido da mata. Fazia tempos que ele vinha seguindo o rastro da Cobra Encantada. De repente, ele avistou uma palhoça bem escondida. Aproximou-se com cautela, pois um bom caçador não denuncia sua presença. Oxóssi notou, ao lado da palhoça, alguém mexendo uma grande panela que estava fervendo no fogo. Imaginou que não tinha sido notado, pois o vulto não se virou pra trás.

De repente, o estranho falou assim, sem se virar.

– Você deve estar cansado de tanto procurar a Cobra Encantada... Se sente que eu vou lhe servir uma bebida. Você aceita?

– Com quem eu falo? Perguntou Oxóssi.

– Com Ossáin. Resmungou o outro.

– Ah, sim! O dono do segredo das folhas... Nem te reconheci. – Explicou Oxóssi.

– É... Faz um bom tempo que não vejo ninguém. Aliás, nenhum caçador esteve aqui antes. Sabe que você é corajoso? – Ossáin disse isso, virando-se pra o caçador.

– Já me disseram isso antes... – Respondeu Oxóssi cheio de si mesmo.

– Mas desta bebida, com certeza, você nunca provou antes.

– Ossáin disse isso, enquanto passava às mãos de Oxóssi uma cum-buca fumegante.

Por um momento, Oxóssi se lembrou da Cobra Encantada. Mas era costume seu não se encabular com nada. Mesmo, a teimosia sempre foi sua companheira. Ele só acreditava depois que via e pegava. Por esse motivo, inúmeras vezes passou por maus bocados, mas foi-se acostumando com isso. Sabe como é esse povo teimoso: sempre duvida da intuição. Esperou um tempinho pra beberagem esfriar um pouco e foi bebericando em

silêncio. E um sono pesado fechou seus olhos. Era o dia da caça: ele caiu na armadilha...

Aí, as pessoas começaram a sentir falta de Oxóssi. Ogum, o seu irmão, buscava notícias por todo canto. Iemanjá, a Grande Mãe, contou a todos o que soube através de Ifá: Oxóssi tinha sido encantado por Ossáin, no fundo da Mata. Ogum juntou um grande grupo de caçadores e se embrenharam na mata, dias e dias, procurando, até que encontraram.

Ossáin sentiu o cheiro de gente estranha, se escondeu na touceira de taquari e ficou espiando por trás das folhas. Oxóssi recebeu os caçadores, muito tranquilo e feliz da vida. Ogum, muito afoito e briguento, quis saber o que houve. E os dois tiveram uma conversa:

– Meu irmão, o que aconteceu? Você desapareceu! O que houve?

– Não houve nada! E não estou entendendo o porquê de tanto alarido...

– Como não está entendendo? Você desapareceu, meu irmão, e a gente veio à sua procura. E olhe que a gente tem andado por dentro desta imensidão de mata...

– Eu não desapareci. Eu resolvi ficar uns tempos por aqui mesmo...

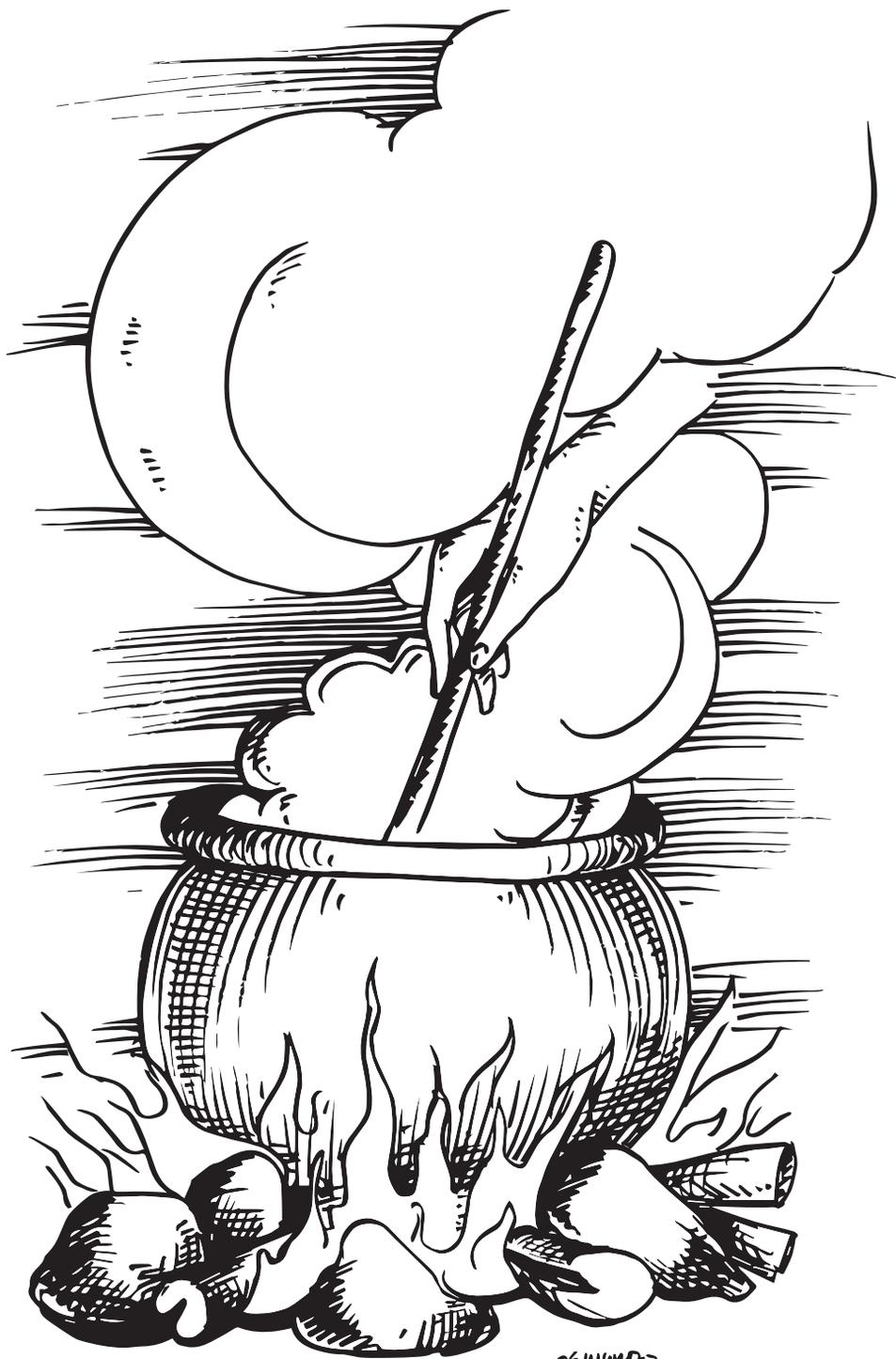
– Com quem?

– Com Ossáin...

– Já que é assim... Cada qual com seu igual!

Ogum chamou os outros caçadores e todos se retiraram. Ossáin saiu do taquari, derramou sobre Oxóssi o pó do bambuzeiro que faz as pessoas se envultarem e se confundirem com as folhas. É por isso que até hoje se diz, quando alguém resolve seguir outro:

**DE QUEM SE AMARROU E BEBEU DO ENCANTO
PORQUE QUIS, NÃO É O OUTRO QUEM VAI
DESMANCHAR ESSE NÓ.**



OSHIMOTO 2016

A GRANDEZA E A OBRIGAÇÃO



Contam os mais velhos que, na criação do mundo, Olodumare deu a Oxum o privilégio de atender aos mortais e responder às perguntas feitas por eles no jogo de búzios. Ela nem queria isso, mas foi distinguida com tal fidalguia. Com o tempo, sempre fazendo a mesma coisa, Oxum estava ficando enfadada com a atividade de ter de responder às perguntas dos humanos. Era tanta pergunta, uma miudeza que não acabava mais. Gente que de nada entendia e queria saber de tudo, perguntas sem cabimento, encabulações, interesses descabidos, teimosias, mágoas, ódios, sede de poder, inveja, ciúme, vingança... Olhe, senhor, tanta coisa... Enfim, todo esse bolodório que só os humanos sabem viver.

Ela resolveu, então, deitar-se no remanso do rio e cochilar um pouco pra ver se encontrava uma solução. Quando estava naquele soninho, vai mas não vai, um estalido chamou sua atenção. Abriu os olhos... Quem estava ali? Ele, Exu, o que gosta de ser grande em tudo. Todo galanteador, ele abriu a boca e disse:

– Olá, Senhora dos Búzios, Dona da Beleza! Que faz assim, toda largada nas águas?

– Eu?! Estou aqui, assim... Pensando em passar os direitos de minha grandeza a quem queira ficar com eles...

Muito interesseiro, Exu logo quis saber:

– Como assim?!

– É que eu tenho a grandeza e por isso sou eu quem responde às perguntas dos mortais, quando eles querem saber das coisas no jogo de búzios. Papel importantíssimo, esse meu.

Exu se fingiu bajulador e disse assim:

– Pois é... Os grandes têm lá suas grandezas... E eu por aqui, nesta pendenga de equilíbrio. É equilíbrio pra aqui, equilíbrio pra ali... Uma chatice...

Oxum percebeu que Exu estava começando a morder a isca e se empenhou numa negociação. Cautelosamente, pois ela sabia como Exu é malicioso, ardiloso e interesseiro. Enfim, ele não bate prego sem estopa. E foi fundo numa proposta:

– Que tal a gente fazer assim? Eu te passo essa grandeza que é só minha, toda minha, a de responder a tudo que os mortais querem saber e, ainda de quebra, você fica com o privilégio de ser servido em primeiro lugar. Então eu vou ter tempo pra lustrar minhas pulseiras e meus anéis, me mirar nos meus espelhos, me enfeitar na hora em que eu bem quiser e entender...

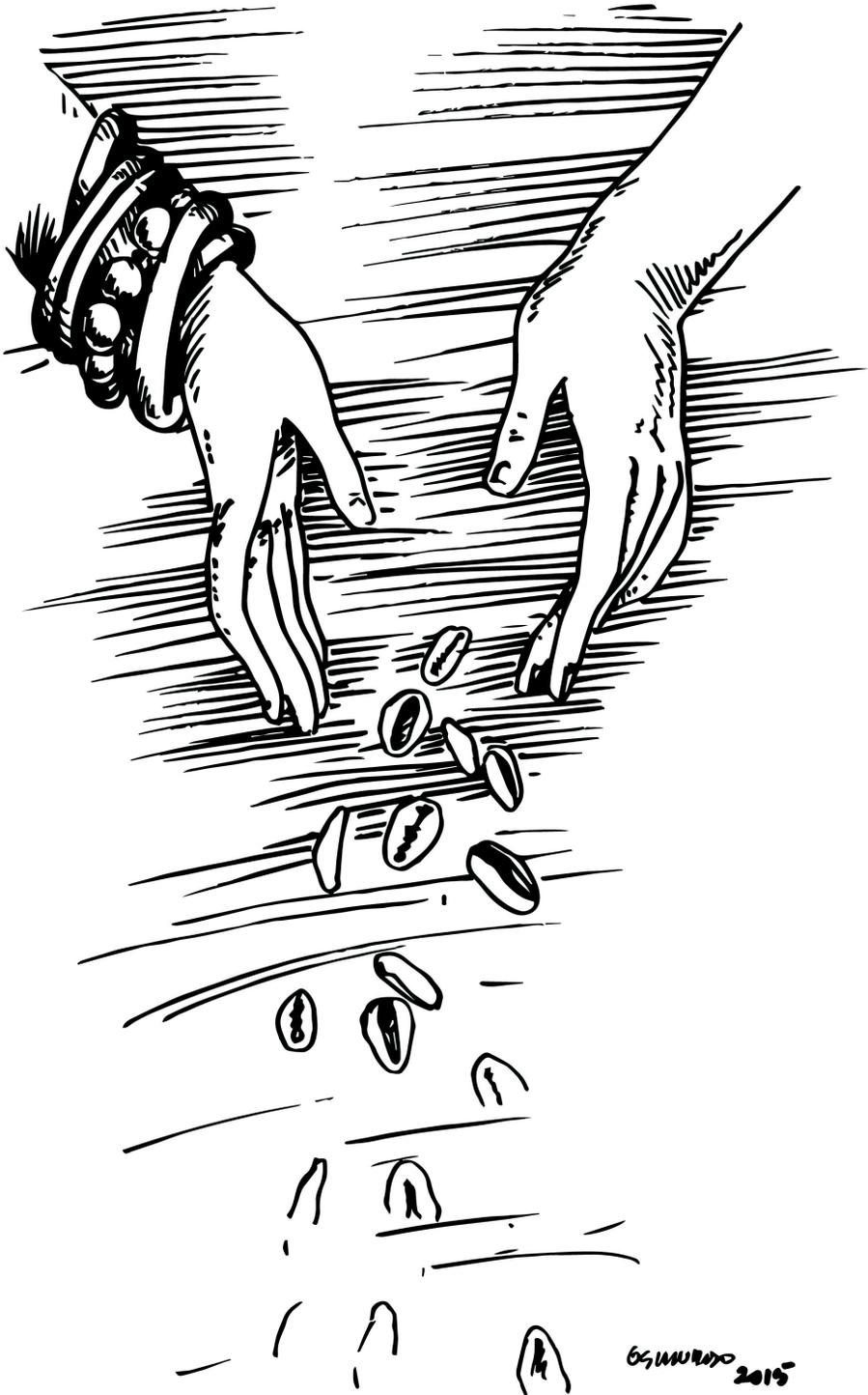
Claro que Exu aceitou. E aí os dois fizeram o pacto e um ebó sacramentou a mudança de papéis entre eles dois. E mal Exu deu as costas, feliz e sirigaiteiro, pela estrada a fora, Oxum sumiu nas águas encantadas do rio.

Dias depois, Exu voltou, arrependido, à procura de Oxum pra desfazer o pacto. Mas a Senhora dos Búzios tinha se sumido nas águas. E tanto Oxum procurou até que foi encontrar a Senhora das Águas, toda sorridente, enfeitando-se numa cachoeira. Queixou-se muito, mostrou as desvantagens da troca e o enorme prejuízo que estava tendo, mas Oxum nem quis saber de conversa: mergulhou nas águas e sumiu.

Daí, Exu se apresentou a Olodumare e pediu pra ele obrigar Oxum a desfazer o trato. O Controlador do Destino ouviu tudo e, depois, se pronunciou:

– O que está feito, está feito. Palavra dada, destino empenhado. Agora é tarde... Afinal, você sempre quis ser considerado O Maior em tudo. Pois fique sabendo:

OS GRANDES SÃO ESCRAVOS DE SUA GRANDEZA.



OSIMURO 2015

A JACA MOLE



Contam os mais velhos que, um dia, Oxalá amanheceu com vontade de viajar. Olhe que isso é uma raridade acontecer. É tão raro, que os outros orixás atenderam, de imediato, ao chamado dele pra participarem. Saíram de madrugada. Oxalá é assim: só começa as coisas antes do raiar do dia. E lá se foram, em fila indiana. Todo mundo andando sem pressa, pois Oxalá é lento, vagaroso e só anda em último lugar.

Iansã, acostumada com a agonia de sua tempestade, foi ficando impaciente. Olhava pra um canto, olhava pra outro, mirava o horizonte sem fim bem lá longe. E foi ficando cada vez mais agoniada. Começou a pensar consigo mesma:

– Ah, se eu estivesse sozinha... Logo, logo, eu estava lá.

Se pelo menos Xangô, seu parceiro de agonia, resolvesse lhe acompanhar... Mas que nada: Xangô hoje estava decidido a fazer companhia ao mais velho... A agonia aumentou tanto, que ela não suportou mais andar no passo de cágado. Aí, ela rodopiou e seguiu em frente sozinha. Lá, bem adiante, parou. Ficou embaixo de uma jaqueira, enquanto observava o grupo que se arrastava lentamente, por causa de Oxalá. A essas alturas, ela já estava pensando no que ia fazer depois que voltasse da viagem. Assim, ela navegou nos pensamentos, fazendo mil projetos. E a ventania corria pelo mato, derrubando folhas verdes e maduras.

Quando ela estava assim, bem de seu, uma jaca-mole, bem madura, despencou bem em cima de sua cabeça. Ela ficou banhada de visgo e melaço de jaca, da cabeça aos pés. Tomou um susto enorme, deu um grito e ficou sem saber o que fazer. Aí, ela se sentiu profundamente desamparada e resolveu voltar ao encontro do grupo.

Todo mundo notou a melação, mas ninguém disse nada. E aí de quem perguntasse qualquer coisa... De cabeça baixa, ela passou por Oxalá e tomou o último lugar na fila, atrás dele. Iansã apenas ouviu a última frase de uma conversa, que já estava terminando, entre Oxalá e Omolu, os mais velhos entre os mais velhos:

– Pois é... Como o senhor bem sabe, esse povo assim, agonizando, precisa aprender...

**QUEM SÓ ANDA ÀS CARREIRAS VAI TER QUE
VOLTAR MUITAS VEZES PRA
VENCER A AGONIA.**



A JUSTIÇA E A PAZ



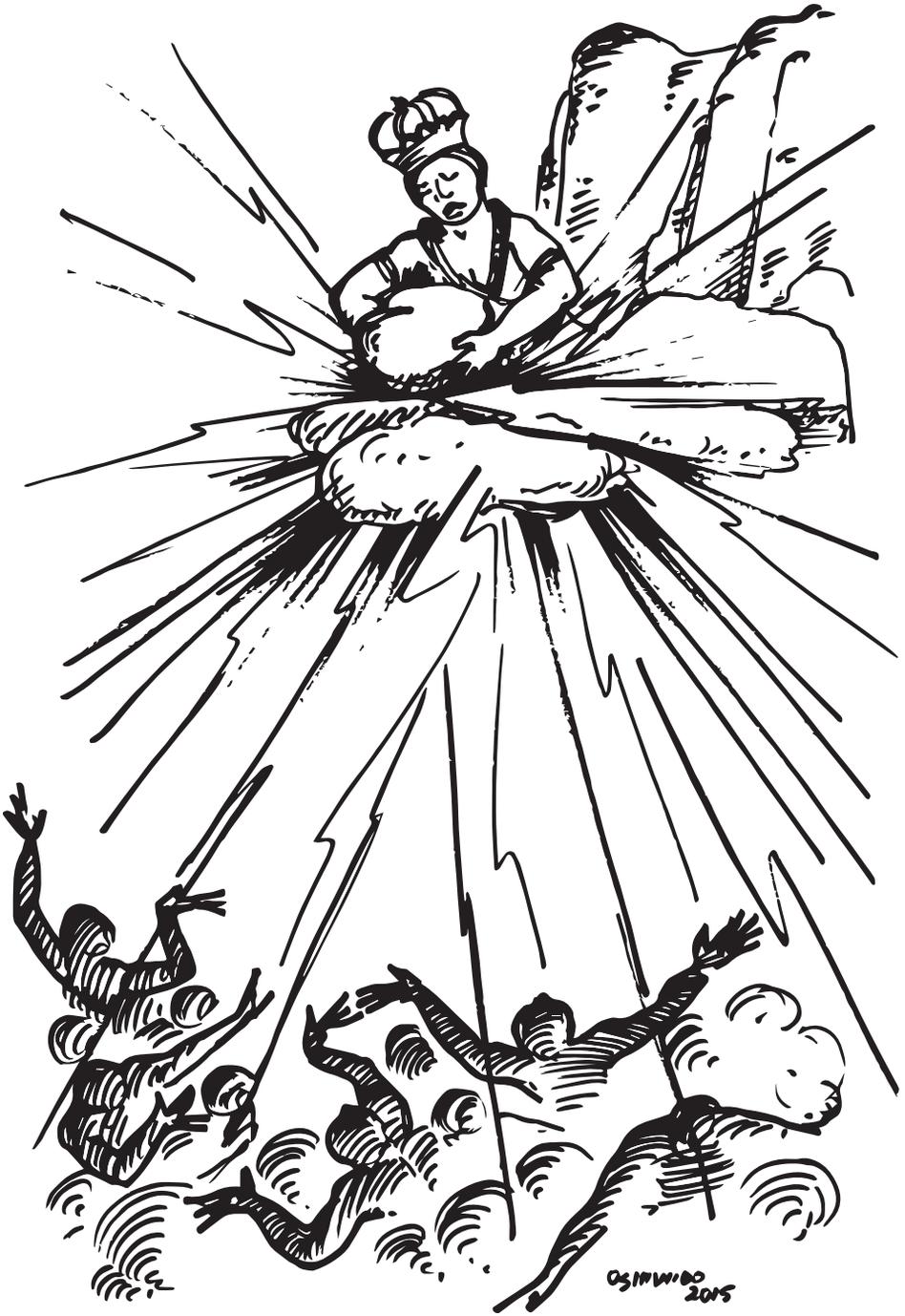
Contam os mais velhos que, um dia, Xangô, rei de Oyó, estava envolvido numa grande batalha. Os homens lutavam contra um grande e numeroso exército inimigo. Os guerreiros de Xangô estavam sendo aniquilados. O grande rei estava angustiado. Não foi ele quem começou aquele conflito, mas era sua obrigação comandar os guerreiros contra os inimigos invasores. Perder aquela batalha significava ver seu reino arrasado e seu povo feito cativo.

Xangô viu uma pedra ao lado do campo onde a batalha estava sendo travada e resolveu subir até o alto pra rogar a Oxalá, o rei da paz. Então, Oxalá mandou que o rei pegasse pedras, muitas pedras, e batesse umas nas outras. E Xangô cumpriu com a recomendação. Enquanto ele batia as pedras umas contra as outras, foram saindo faíscas de fogo. As faíscas foram se juntando e formando línguas de fogo que voavam pelo céu e, depois, desciam furiosas sobre os guerreiros inimigos. A guerra que estava quase perdida se transformou em vitória.

Então, os soldados pediram a Xangô permissão pra perseguir os derrotados e invadir a aldeia inimiga. Queriam arrasar tudo e não deixar nenhum sobrevivente. E o rei perguntou a eles: “Será justo fazer isto?” Os guerreiros ficaram sem compreender a pergunta de Xangô. Aí, ele explicou que todos se lembrassem que estavam ali, no campo de batalha, por ordem dele. Suas famílias tinham ficado em casa, sem se envolverem com a peleja. E que, pelo gosto das esposas, dos filhos e das filhas, eles não estariam ali, expondo-se à morte. Os soldados inimigos já estavam mortos. Seria justo aniquilar quem tinha ficado em casa? Fazer isto seria afrontar a justiça divina e

impedir a construção da paz. Pra aquela gente, a dor de chorar seus mortos e de se sentir um povo derrotado já era o bastante. Os guerreiros compreenderam:

**PARA SE CONSTRUIR A PAZ, É PRECISO,
PRIMEIRO, QUE SE FAÇA JUSTIÇA.**



A LONJURA E A DEMORA



Contam os mais velhos que, tempos depois da criação do mundo, Olorum andava querendo saber como os humanos entendiam o espaço no tempo e o tempo no espaço. Tinha que escolher um embaixador de tarimba: firme, decidido, paciente, profundamente observador e, principalmente, que soubesse aguardar sem dar um vacilo. Ninguém melhor do que Iroko, o Mestre do Tempo. Dito e feito: Olorum mandou e Iroko veio ao Iluaiyê, a terra da vida, pra descobrir o que Olorum queria saber.

Iroko recebeu ordens de procurar uma aldeia muito antiga e conversar com Iroju, que era o morador mais velho do lugar. Procura daqui, procura dali, e ele terminou tendo informações sobre a aldeia onde ele podia encontrar Iroju, o morador mais velho entre os mais velhos da Terra. Depois de dias procurando, Iroko encontrou um homem que tinha uma boa informação. Iroko chegou, bateu palmas e o homem veio atender. Terminou dizendo assim:

– Ah, moço, eu estou muito contente hoje. Um filho meu, que está ausente há muito tempo, vai chegar daqui a três dias. Logo, logo, ele vai estar aqui e o tempo é muito curto pra eu tomar as providências que quero.

O homem conversou muito e animou Iroko a prosseguir. Disse que a casa do velho ficava perto dali e indicou a direção.

Iroko agradeceu e se despediu. Andou muito, até que precisou procurar outro informante. Terminou encontrando outro homem, que pouco conversou. Apenas disse o seguinte:

– Ah, moço, eu estou muito preocupado com a ausência de um filho meu. Olhe, ele saiu tem uma hora e ainda não voltou. Eu não aguento mais essa demora. Tanto que eu queria saber em que lonjura ele está...

Iroko ficou por ali, olhando o mundo, esperando pacientemente, pra colher mais alguma informação. Mas o homem continuava

amuado e não adiantou puxar conversa. Pra se ver logo livre da visita, o homem informou:

– Dizem que a casa do velho que o senhor procura fica pras bandas de lá... Mas é muito longe. Mas muito longe mesmo...

E apontou na direção a ser seguida. Iroko se despediu agradecido e se pôs a caminho. Pra sua surpresa, logo depois da primeira curva da estrada, avistou a casa do velho, embora tivesse recebido a informação de que a casa ficava muito longe. Andou só um pouquinho e foi logo chegando aonde queria.

Mas antes de se aproximar da casa de Iroju, Iroko resolveu descansar um pouco pra pensar. Sentou-se numa pedra, debaixo de um arvoredor e ficou pensando sobre tudo o que viu e ouviu, naquela tão longa e, ao mesmo tempo, tão curta viagem. E ele terminou concluindo que nem precisava mais conversar com Iroju, pois já sabia a resposta pra ser dada a Olorum:

A DISTÂNCIA E O TEMPO TÊM O TAMANHO DA PREOCUPAÇÃO.



OSIMONDO
2019

A MUDANÇA E O CORAÇÃO



Contam os mais velhos que havia uma aldeia em que até os jovens viviam desiludidos, porque ali não acontecia nada de novo. As pessoas conservavam os mesmos hábitos desde muitas gerações. A pasmaceira terminou tomando conta de tudo e de todo mundo. Então, o chefe da aldeia resolveu fazer uma reunião com os seus conselheiros. Depois de muito discutirem, e sem chegar a uma solução prática, todo o conselho decidiu que o melhor era consultar Xangô.

Na consulta, Xangô aconselhou, sem muita conversa:

– Façam uma grande mudança em tudo.

Aí, o Conselho dos Mais Velhos designou um grupo de homens e mulheres pra realizar as mudanças necessárias. O povo foi convocado pra participar ativamente. Queimaram as palhoças e fizeram outras novas. Mudaram os roçados de lugar. Até mesmo passaram a apanhar água de beber em outra fonte. As mulheres teceram novas roupas, as crianças inventaram novos brinquedos e todo mundo ficou contente.

Mas vai que daí a algum tempo, eles foram notando que a alegria estava se desfazendo. A rotina trouxe de volta o mesmo desânimo de antes. A fonte nova, as novas palhoças, as brincadeiras novas, nada adiantou. A tristeza tomou conta de todos. O chefe convocou o Conselho novamente. Outra vez, resolveram consultar Xangô.

Perante o orixá, tudo foi relatado miudamente e Xangô ouviu a conversa com atenção. E ainda se queixaram de que a solução apontada na primeira consulta não deu resultado. Então Xangô quis saber:

– Que mudanças vocês fizeram lá dentro?

Ficaram sem entender a pergunta e pediram uma explicação. Xangô explicou com a mesma severidade de costume:

– Ora! Dentro das pessoas, no modo de ver o mundo, a vida, um ao outro... Dentro de vocês mesmos... Dentro do coração...

Olharam um pra o outro, cochicharam entre si. Terminaram por chegar à conclusão de que, na verdade, cada um permanecia como era antes. Então Xangô disse:

**A VERDADEIRA MUDANÇA TEM QUE ACONTECER,
PRIMEIRO, DENTRO DO CORAÇÃO.**

A ORELHA DE OBÁ



Contam os mais velhos que fazia tempos a disputa entre Oxum e Obá pela preferência de Xangô. Acontece, porém, que Oxum era decidida, cheia de iniciativas, envolvente e cativante. Enquanto isso, Obá ficava ressentida com seus fracassos e tentava, a todo custo, imitar Oxum. Ela ficava furiosa porque Oxum alcançava com facilidade aquilo que ela não tinha. De tanto se ver imitada pela outra, Oxum resolveu dar um basta. Ficou aguardando o dia em que Obá viesse, outra vez, com aquele interrogatório enjoado. E o dia chegou. Obá disse assim:

– Mas me diga... Me conte como você faz... Como você consegue ser sempre a preferida? Eu preciso saber o segredo pra fazer o mesmo...

Foi a gota d'água. Disfarçando sua ojeriza, Oxum explicou:

– Ah, minha filha! Fácil, fácil... Aguarde com paciência que amanhã eu vou te ensinar um grande segredo. Se acalme, fique quieta e espere.

Oxum mandou que as cozinheiras preparassem um amalá, o prato preferido de Xangô. Recomendou que fizessem no capricho: bastante camarão pilado, cebola ralada, gengibre e pimenta da costa. O dendê tinha de ser daquele bem vermelho. As rodelas de quiabo não deviam ser fininhas. Ah, sim: tudo cozido em fogo brando. Mas houve, dessa vez, uma recomendação muito especial, daquelas que são verdadeiros segredos de pé de fogão. A cozinheira de maior confiança devia enfeitar o prato, acrescentando uma orelha de pau, daquelas bem parecidas com uma orelha de gente...

Oxum se enfeitou toda, se perfumou, amarrou um bonito turbante na cabeça cobrindo a orelha esquerda todinha. Ficou esperando bem na dela. As cozinheiras trouxeram o amalá em frigideira de barro, bem quente, fumaçando. Nisso, chega Obá que havia horas

estava reparando Oxum por baixo dos olhos. Foi logo dizendo:

– E então, cadê o segredo? Você me prometeu...

Aí, Oxum, bem faceiramente, explicou:

– Ah, minha filha... Aqui está. Eis o segredo: este amalá fumaçando ainda...

Louquinha pra saber de tudo, Obá não deixou por menos:

– E essa orelha bem por cima do amalá, o que é?

A outra respondeu:

– Ah, minha filha... Xangô adora uma orelha... Então eu mandei preparar uma orelha pra ele...

A curiosidade de Obá aumentou mais ainda:

– E por que seu turbante hoje está tão diferente assim, cobrindo sua orelha?

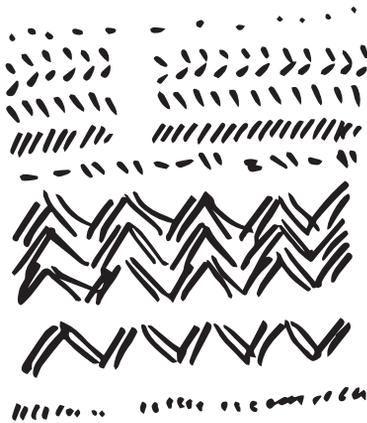
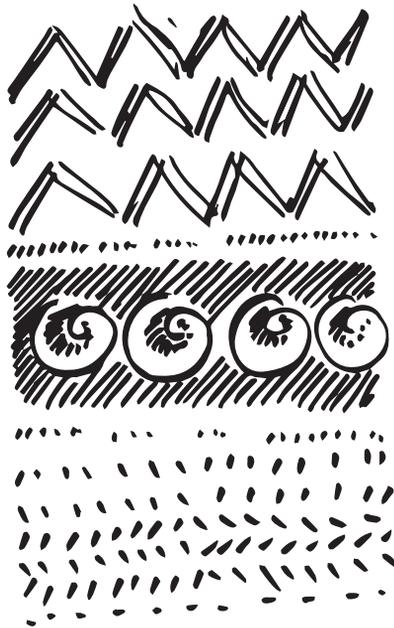
Oxum não se fez de rogada:

– Foi porque eu cortei minha orelha esquerda pra preparar o amalá... Sempre preparo comida pra Xangô com pedacinhos de mim. Hoje foi a vez da orelha...

Obá viu a orelha enfeitando o prato, deu-se por satisfeita e ficou esperando a reação de Xangô. Gostava de fingir não estar reparando nada, sentada num canto, olhando por baixo dos olhos. Viu Xangô comer o amalá, se deliciando e gabando os dotes culinários de Oxum. Depois de se fartar, Xangô ainda convidou Oxum pra um belo passeio que durou o dia inteiro.

No outro dia, Xangô encontrou Obá com uma orelha cortada, pano cobrindo a ferida e um amalá, contendo a própria orelha dela. Ele se repugnou, deu um estrondo e nunca mais quis saber de Obá. Oxum, por trás da cortina, disse pra si mesma:

O MAL DO INVEJOSO É QUE ELE, ALÉM DE NÃO TER, NÃO QUER QUE O OUTRO TENHA.



OSUWON 2015

A PELE DE BÚFALO



Contam os mais velhos que Oyá andava farta da repetição e resolveu inovar. Ela gosta muito de saber tudo, surpreender as pessoas com o seu sucesso. De repente, teve um estalo: ia ao mercado da feira disfarçada. Mas não ia usar um disfarce qualquer. Tinha de ser alguma coisa que chamasse a atenção... Que tal uma magia bem forte? Foi então que lhe ocorreu a ideia de vestir uma pele de búfalo. Mas tinha de ser uma pele mágica.

Pois bem. Lá se foi ela, entrou na mata e fez o encanto. Mais tarde, na feira, as pessoas todas viram aquele enorme búfalo pra lá e pra cá, chamando a atenção de todo mundo. Surgiram os mais diferentes comentários, um disse me disse que não acabava nunca mais. De repente, o búfalo surgia do nada e, sem mais nem menos, desaparecia sem ninguém saber como. O búfalo virou assunto pra qualquer ocasião, em todos os lugares. E Oyá se babava de contente.

Acontece que, há tempos, Ogum andava meio tristonho. Ele tinha sido atraído pela personalidade forte de Oyá e ela não dava a mínima atenção pra ele. Nos dias de mercado, lá estava ele, esperando que ela aparecesse. Dias ela vinha, dias não vinha. Ele começou a notar que o búfalo só aparecia, na feira, durante a ausência de Oyá. Sabe como é: a pessoa apaixonada observa tudo na outra, nos mínimos detalhes.

Depois de dias e dias observando, Ogum descobriu que o animal saía direto da feira pra a mata. Um dia, ele resolveu seguir o bicho misterioso. Dentro do mato, escondido pelas folhagens, terminou descobrindo tudo. O búfalo se transformava em Oyá. Naquele dia, ela saiu da pele do bicho e mergulhou no rio, pra um banho gostoso. Aí, Ogum correu, pegou a pele encantada e escondeu bem escondida.

Quando Oyá saiu do banho, se deu conta de que a pele mágica tinha sumido. Dentro da pele, estava guardado o seu poder de encantamento, magia e axé. Ah, criatura, nem te conto... Oyá caiu em desespero. Tomada de ira, quis soltar a tempestade, mas não funcionou. Seus poderes tinham ficado na pele encantada.

Foi aí que Ogum apareceu e disse a ela:

– Só devolvo a pele, se você se tornar minha mulher...

Sem outra saída, desprovida de seus poderes mágicos, Oyá não teve outro jeito, a não ser fazer o que Ogum queria. E lá se foi ela, seguindo os passos dele.

Mas havia alguém escondido por trás da cachoeira: Oxum. Ela, sem ser vista, assistiu a tudo, achando graça dos atropelos de Oyá. Terminou repetindo pra si mesma:

AO DESCUIDADO, COME O RENDIDO.



0911111111
2015

A RESPOSTA DO CORAÇÃO



Contam os mais velhos que havia uma vendedora de quitutes, chamada Kirina. Um dia, ela estava bem do seu, arrumando os açaças no tabuleiro, quando um barulho de passos apressados lhe chamou a atenção. E seu cabelo ficou arrepiado com o que estava vendo: um batalhão caminhava em sua direção. Essas coisas, soldado, exército, farda, sempre mexiam com sua natureza. O pensamento deu mil voltas e ela ficou assim, meio atoleimada, sem atinar na razão da presença de tantos soldados.

Diante do tabuleiro, por ordem do comandante, os soldados pararam. Eta pedaço de homem, Kirina viu. Alto, de bom corpo, olhos de gato, voz de touro. Kirina sentiu outro arrepio mais forte ainda e parecia que o chão tremia debaixo de seus pés.

– Bom dia, Dona!

– Bom dia, Ioiô! Em que posso lhe servir?

– Meu batalhão está morrendo de fome. Estamos em diligência de guerra e há dois dias a gente não come nada. A Dona pode dar alguma coisa à gente pra comer?

Kirina sentiu um baque no coração. A semana não tinha sido lá essas coisas, a vendagem foi pouca. Ela estava justamente contando com alguns trocados que entrassem hoje. E agora estava ali aquele comandante a lhe pedir seus quitutes de graça... E lá se foi o pensamento de Kirina fazendo voltas. Viu os filhos que ficaram em casa, esperando as providências, a mãe parálitica que dependia dela. Mas seu coração bradou lá dentro, repleto de sentimento, mandando compartilhar. Quando conseguiu abriu a boca, Kirina não fez por menos:

– Olhe, Ioiô... Aranha vive do que tece, mas é Deus e Ogum que deixam a aranha tecer. Mesmo, hoje por ti, amanhã por mim... O que Deus dá é pra todo mundo e Ogum não vai me faltar no dia

de amanhã. Pode mandar os outros moços se servir...

O comandante deu a ordem e ficou parado, ao lado de Kirina, enquanto os soldados comiam. Num instante, o tabuleiro ficou vazio. Kirina ainda ofereceu água, que ela sempre trazia num barril. Quando tudo acabou, os soldados se afastaram e o comandante, todo faceiro e sorridente, disse:

– Bom... dinheiro, eu não trago. Mas tenho aqui umas coisas ajuntadas na guerra. Chamou um dos soldados e deu uma ordem. O ordenança, então, trouxe um enorme saco de couro e entregou ao comandante. O oficial entregou o saco a Kirina e disse:

– Abra. É seu...

Meio desconfiada, Kirina obedeceu. E quando abriu o saco, quase dá um ataque. O surrão estava apinhado de coisas de valor, moedas, coroas, ferramentas, um tesouro, enfim. E ela ficou um tempo enorme, entretida, examinando as coisas que estavam dentro do surrão. Quando levantou as vistas, o batalhão não estava mais ali. Aí, Kirina caiu em si: aquilo era coisa de Ogum, só podia ter sido ele... De longe, o comandante apreciava Kirina sorrindo e, virando-se pra seus soldados, afirmou:

**NÃO SE VENCE BATALHA APENAS COM ESPADA
NA MÃO. TAMBÉM SE VENCE COM
AS ARMAS DO CORAÇÃO.**



A RIQUEZA DA SABEDORIA



Contam os mais velhos que Ifá sempre foi muito sabido. Por isso, todo mundo queria fazer consulta com ele, pra saber do destino. Ele era ajudado por um empregado muito pobre, bom servidor e muito atencioso. Esse atendente recebia as pessoas muito bem e informava o que elas queriam saber. Por isso mesmo, tornou-se também muito conhecido. Mas apesar de suas qualidades, ele continuava em extrema pobreza. O moço se chamava Oxumarê

Um dia, Ifá não pôde atender à clientela. Tinha se demorado mais que o previsto em outra cidade, socorrendo umas pessoas que precisavam de sua ajuda. Nisso, chegou um homem desconhecido, mal vestido, com o rosto meio escondido, querendo falar com Ifá. O empregado atendeu com toda gentileza. Explicou a ausência de Ifá e garantiu que ele seria atendido tão logo Ifá voltasse. Ele mesmo iria cuidar pra que o homem ficasse no primeiro lugar da fila de atendimentos.

O homem insistiu com o atendente pra que lhe desse uma orientação qualquer pro seu sofrimento. Não era possível esperar pela chegada de Ifá. Era uma emergência. O homem insistia e o atendente explicava:

– Eu sou apenas um pobre atendente. Quem sabe das coisas é Ifá...

Então, o homem tentou, mais uma vez, convencer o atendente:

– Mas você já deve ter visto o seu senhor fazendo consultas muitas vezes. Por que não tenta uma experiência pra me tirar desta tão grande aflição?

O empregado pensou, pensou e, com toda cautela, terminou dizendo:

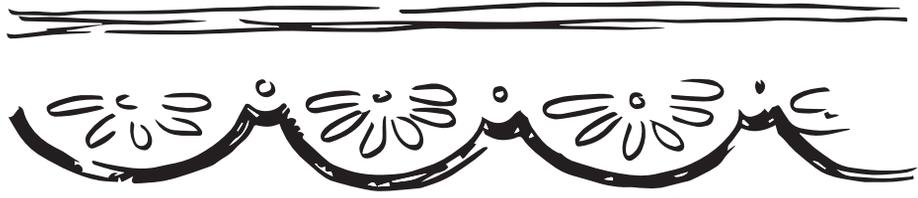
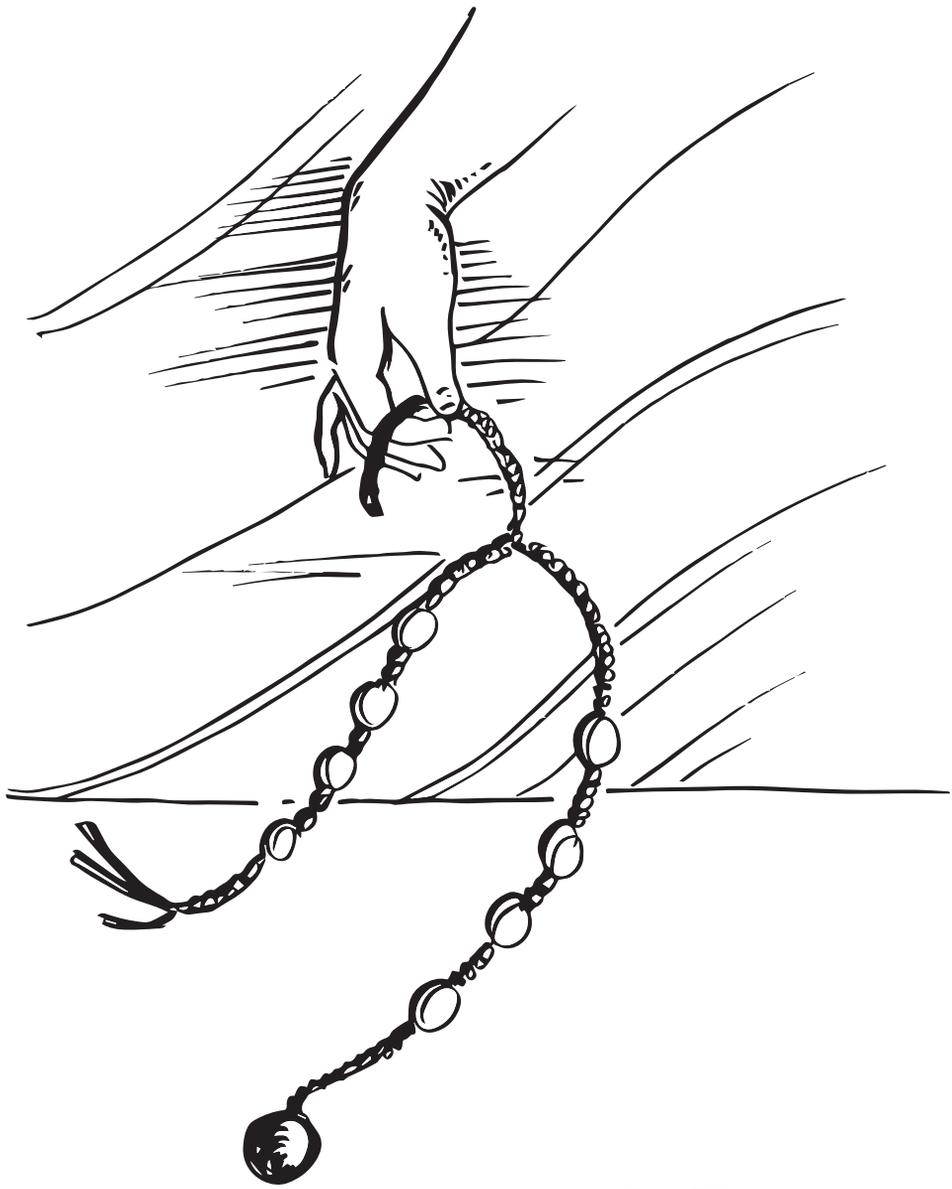
– Bom... Como estou vendo o senhor tão aflito, tão sofrido, eu vou tentar fazer alguma coisa. Mas isso fica em segredo entre nós dois...

Entrou no quarto de consulta, jogou o opelê e respondeu ao que o homem queria saber. Profundamente agradecido, o visitante foi-se embora. Daí a três dias, Ifá estava atendendo a sua clientela, quando a carruagem real parou na sua porta. O próprio rei, em pessoa, procurava pelo empregado de Ifá. Foi um deus nos acuda... Todos ficaram meio assustados. Mas o empregado se conservou calmo, quieto no seu canto, esperando que Ifá conversasse com o rei e esclarecesse o que fosse preciso.

Finalmente, chamaram o empregado lá dentro. O rei declarou, então, que ele era aquele pobre homem, socorrido pelo atendente, na ausência de Ifá. O rei elogiou Ifá por ter um empregado tão honrado, tão sabido. Bateu palmas e os lacaios do rei trouxeram um baú que depositaram aos pés do empregado. E quando ele abriu o baú, lá dentro havia uma enorme fortuna. O rei então sentenciou:

– Essa riqueza é sua, embora você já seja muito mais do que rico.

**A SABEDORIA É A MAIOR RIQUEZA QUE SE PODE
CONSTRUIR NESTE MUNDO, E A SIMPLICIDADE
É O ÚLTIMO DEGRAU DA SABEDORIA.**



512
2015

A VIAGEM DE ORIXALÁ



Contam os mais velhos que Orixalá não é dado a se movimentar muito, mas, há vários dias, vinha planejando uma viagem a Oyó. Ele sentia falta de Xangô, seu filho, rei daquele lugar. Queria porque queria fazer aquela viagem. Resolveu, então, fazer uma consulta com Orunmilá. A consulta até que foi boa, mas Orunmilá recomendou que ele não fizesse a viagem naquela ocasião. A estrada estava com fome e, quando isso acontece, a gente não deve viajar.

Orixalá ficou descontente e insistiu com Orunmilá, pra que ele jogasse o opelé de novo e visse se havia alguma maneira de ele fazer a viagem. Então, Orunmilá jogou, viu e recomendou:

– Se for, faça suas oferendas antes, e não atenda a pedido nenhum que lhe façam pelo caminho. Também leve três pedaços de sabão e três mudas de roupa limpa. Mesmo assim, melhor será adiar a viagem...

Orixalá agradeceu e se retirou. Estava decidido, sim, a fazer sua viagem. Era preciso visitar Xangô. O que sentia era saudade e ele sabia: saudade é tudo que fica daquilo que não ficou. Por isso, valia a pena viajar. Nem se lembrou de fazer as oferendas.

As coisas de Orixalá só começam antes de o sol raiar. Ele se pôs na estrada de manhãzinha, bem cedo e lá se foi ele, vagaroso, sem pressa, apoiado no seu opaxorô. De repente, alguém apareceu no sentido contrário. E quando o desconhecido se aproximou, saudou Orixalá:

– Salve, Senhor da Paciência! Que faz por aqui?

Apanhado de surpresa por tamanha cortesia, Orixalá respondeu:

– Vou pra Oyó, Ioiô, fazer uma visita a Xangô.

O homem, então, pediu a Orixalá que lhe ajudasse a descer um saco que trazia nas costas. Orixalá não se fez de rogado.

Esquecido da recomendação de Orunmilá, ajudou o desconhecido. Então, dando uma estrondosa gargalhada, o homem despejou o que tinha no saco por cima de Orixalá. Era carvão e o desconhecido era Exu, aquele que gosta de pregar peças e se divertir com o vexame dos outros. Foi aí que Orixalá se lembrou do aviso de Orunmilá, mas já era tarde.

Calado e reservado como ele só, Orixalá se dirigiu ao riacho mais próximo, lavou as vestes, se banhou e trocou roupa limpa. Não se queixou, nem se maldisse. Resolveu acampar por ali mesmo e cochilou até a madrugada.

No amanhecer do segundo dia, ele já estava no caminho. Lá, por volta do meio dia, Orixalá avistou alguém que vinha em sentido contrário. Era outro homem. Quando se aproximou, o desconhecido saudou Orixalá:

– Salve, Senhor do Silêncio! Que faz por aqui?

Sabe como é: a cortesia também serve pra esconder a falsidade e tem gente que cai direitinho na cilada. Orixalá respondeu:

– Nobre senhor, faz muito tempo não vejo meu filho. Então, estou indo pra Oyó, fazer uma surpresa a ele.

Aí, o homem pediu que Orixalá lhe ajudasse a descer um barril que trazia nas costas. E outra vez se esquecendo da recomendação de Orunmilá, lá se foi Orixalá prestar ajuda ao desconhecido. Ai, então, o homem abriu o barril e derramou dendê por cima de Orixalá, desabando na gargalhada. Claro: o homem era Exu, aquele que gosta da zombaria. Orixalá, então, atinou na recomendação de Orunmilá, mas já era tarde. E outra vez, guardando silêncio e recolhimento, lá se foi Orixalá lavar as suas vestes, se banhar em água limpa e vestir roupa nova. E, como sempre, não reclamou da sorte.

Quando o terceiro dia acordou os passarinhos, já Orixalá tinha caminhado bastante. A estrada começou a ficar movimentada. Era sinal de que Oyó estava perto. De repente, apareceu um homem vergado ao peso de um fardo que trazia sobre os ombros. Parou junto a Orixalá, e lhe fazendo rapapés de saudação, disse assim:

– Salve, Senhor das Nuvens que Cobrem o Mundo! O que faz por estas bandas?

Num laivo de atenção, Orixalá pensou consigo mesmo: "Interessante, este homem sabe quem sou eu, mas eu não sei quem ele é..." Mas afastou o pensamento e respondeu:

– Vou pra Oyó, moço honrado, fazer uma visita de surpresa a Xangô, meu filho. Sabe quem é ele?

– Mas é claro que sei. O grande rei, cujo trono é o pilão e que solta fogo pela boca, quando profere sentenças. Nisso, até que somos parecidos. Mas temos lá nossas diferenças... Mas eu queria mesmo é que alguém me ajudasse a descer esse fardo dos meus ombros, pois preciso descansar.

Orixalá não se fez de rogado. E outra vez, esquecido da recomendação de Orunmilá, lá se foi ajudar ao homem. E mais que depressa, o homem rasgou o saco e despejou todo o sal que carregava no fardo por cima de Orixalá. Todo mundo já sabe: o homem era Exu outra vez. Ele, o trocista, gozador com quem se engana. E às gargalhadas, Exu sumiu no caminho.

Lá se foi Orixalá, sem nenhuma lamentação, cuidar de si. Lavou as roupas e se banhou em água limpa. Quando já estava se vestindo, Orixalá viu um bonito cavalo branco pastando, arrastando a rédea solta pelo chão. Aí, Orixalá reconheceu que era o cavalo de Xangô, presente que ele mesmo tinha dado ao filho, já fazia algum tempo. E disse pra si mesmo: "Que beleza! Vou fazer duas surpresas: uma, a minha visita; a outra, entregar o cavalo que certamente deve ter fugido do palácio." Assim pensando, se aproximou do cavalo com muito cuidado, até que segurou a rédea. E lá se foi Orixalá conduzindo o cavalo pra surpreender Xangô.

Nisso, a polícia apareceu e foi logo confundindo Orixalá com um ladrão de cavalos, sem sequer perguntar qualquer coisa. A polícia deu uma surra de pau em Orixalá, até mesmo quebrando alguns ossos. Depois, amarraram e levaram ele pra prisão.

O tempo foi passando e durante sete anos Orixalá continuou um prisioneiro esquecido, tendo agora o corpo um tanto deformado por causa dos ossos quebrados. Foram sete anos de silêncio.

Vai daí que o reino de Oyó começou a passar por coisas horríveis. A seca destruiu toda a plantação, as mulheres não pariam mais e o povo morria de sede. Quando o clamor do povo se tornou um

trovão, Xangô resolveu consultar Orunmilá. Na consulta, uma coisa ficou esclarecida: uma maldição tinha se abatido sobre o reino, pois um prisioneiro padecia inocente no calabouço. E olhe que a prisão de Oyó era feita em buracos no chão, tampados com um gradeado de madeira forte. Quem lá caía, dificilmente voltava com vida.

Horrorizado, Xangô mandou seus ordenanças vasculharem todas as prisões de Oyó, procurando saber de cada preso. Foi aí que descobriram que um dos presos era Orixalá, que padecia inocente. Quando ficou sabendo disso, Xangô mandou que todo mundo no reino lavasse suas casas, que lavassem também o palácio. E todos, vestidos de branco, deveriam ir em procissão buscar Orixalá. Ele deveria vir num andor, trazido por todos, levado ao palácio, onde seria servido um banquete, de desagravo, em sua homenagem.

E na festa foi oferecido o Pilão. Foi um banquete preparado com muito inhame e várias espécies de alimentos brancos. Tudo sem sal e sem dendê. Pombo branco, então, tinha com fartura. Todos comeram juntos, rezaram, cantaram e dançaram, celebrando a vida. Era a garantia de que tudo ia voltar ao normal no reino de Oyó. Dito e feito. E no meio da festa, quando perguntaram a Orixalá o que ele achava de tudo aquilo, na maior tranquilidade do mundo, ele respondeu:

**A GLÓRIA CABE APENAS A QUEM SE DISPÕE
ENFRENTAR A SI MESMO.**



O AMOR, O CIÚME E A BELEZA



Contam os mais velhos que Xangô tinha três esposas: Oxum, Obá e Oyá. A mais meiga, a mais apaixonada entre elas era Oxum. Também a mais caprichosa e cheia de dengues. Um dia, passeando pelo mercado, Oxum viu Oxumarê, o moço mais bonito e mais atraente daquele lugar. E aí, Oxum se deu conta: um amor enorme por Oxumarê tomou conta dela.

Os fuxiqueiros de plantão não deixaram por menos e fizeram de tudo pra que Xangô soubesse do que estava acontecendo. Tomado de ciúme, enlouquecido de raiva, Xangô saiu em busca de Oxumarê e desafiou o rival pra um duelo. Todos sabiam: Xangô era o próprio Fogo e, quando se enraivecia, lançava as pedras de raio pelo firmamento. Quando ele falava, suas palavras eram labaredas devoradoras.

O duelo se desenvolveu pela terra e pelo céu, durando três dias com três noites. Os medrosos correram pra se esconder, os afoitos presenciavam, vibrando a cada golpe. Xangô nunca tinha perdido uma batalha, mas Oxumarê usava seu poder também. Ele se transformava em cobra pra escapar dos golpes de Xangô. Por fim, o Fogo venceu a Cobra e Oxumarê foi morto.

Naná Borokô, a Mãe das mães, condoída pelo destino fatal de Oxumarê, foi procurar Olodumare, o Controlador do Destino. E em presença dele, narrou o acontecido com seu filho Oxumarê. Por fim, Olodumare falou:

– No seu entender, a que se deve tudo isso?

Naná pensou, pensou, pensou e respondeu:

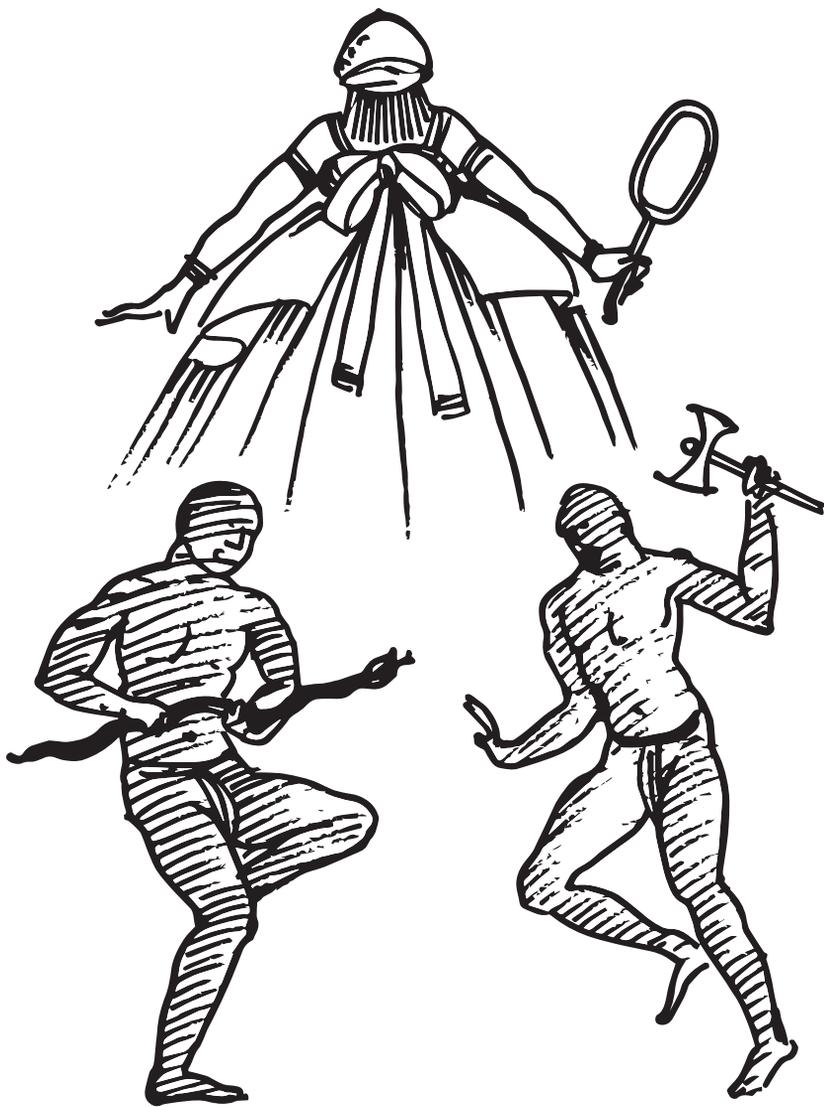
– Se deve à força do amor... De tão bonito que era meu filho, até o amor se curvou diante da beleza dele. Mas o ciúme veio e acabou com ele...

Então Olodumare sentenciou:

– O ciúme pode até ter lá suas forças. Pode até matar a beleza, mas nunca vai poder matar o amor.

Quando Olodumare disse isso, Oxumarê se transformou no arco-íris e reinou pra sempre vivo no céu, em todas as partes do mundo.

**A BELEZA É ARREBATADORA, MAS É PRECISO
SABER LIDAR COM ELA.**



OSNIVINDO
2015

O CAÇADOR E A COBRA ENCANTADA



Contam os mais velhos que Odé estava caçando na Mata Real do Segredo. Ele é o grande caçador. De repente, topou com a Cobra Encantada. Mais que depressa, ele armou o arco pra flechar o bicho. Aí, o bicho cantou:

– Não me mate, que eu sou a Cobra Encantada.

Odé nem levou isso em consideração e disparou uma flecha certa, matando a cobra na hora. Ele é o caçador de uma flecha só. Não precisa de duas, porque não perde uma. Aí, ele levou a cobra pra casa, pra preparar uma comida. Quando foi esfolar, o bicho tornou a cantar:

– Não me esfole, que eu sou a Cobra Encantada.

E ele, nem aí, esfolou a cobra. Depois, foi cortar o bicho em postas, mas o bicho tornou a cantar:

– Não me corte em postas, que eu sou a Cobra Encantada.

Ele cortou, salgou e se preparou pra assar. E o bicho:

– Não me asse, que eu sou a Cobra Encantada.

Ele assou. Se preparou pra comer, mas o bicho cantou:

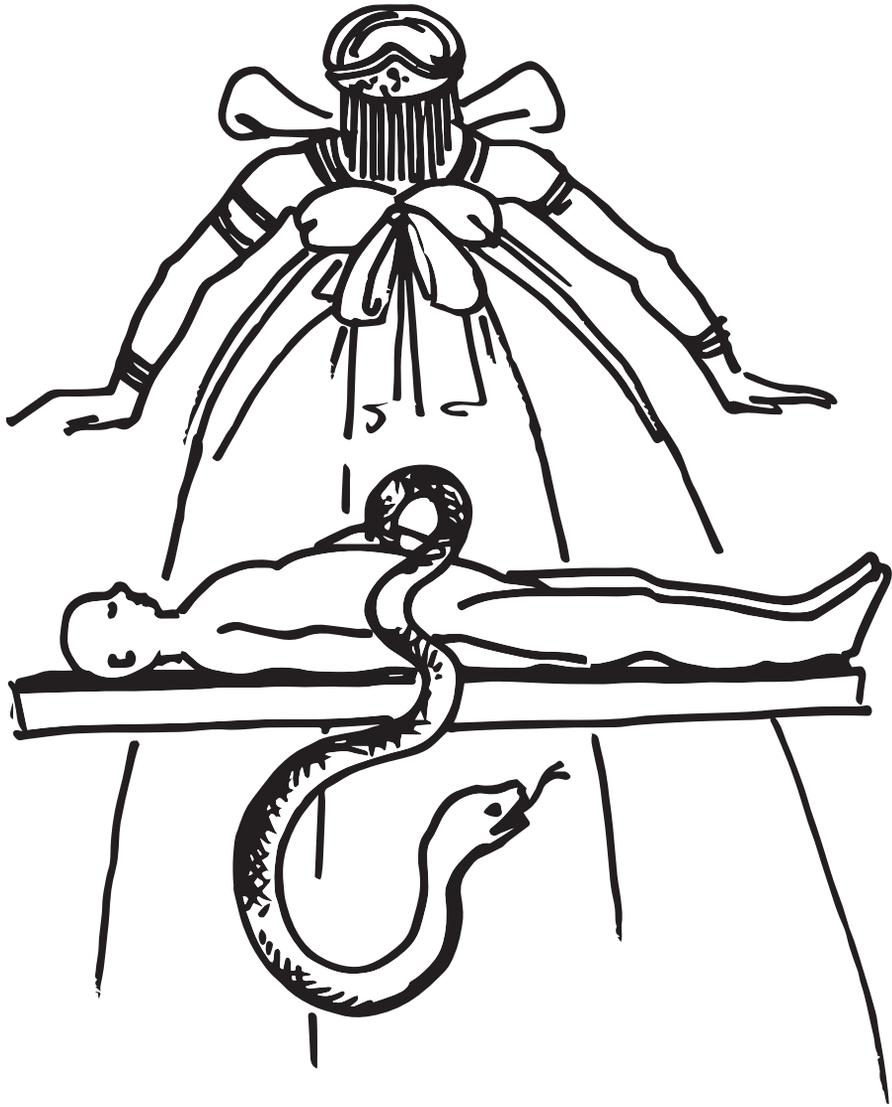
– Não me coma, que eu sou a Cobra Encantada.

Ele comeu. Sentiu sono e adormeceu. A barriga dele foi crescendo, crescendo, crescendo, até que explodiu e a Cobra Encantada saiu de dentro dele perfeitamente viva. Aí, os outros encantados não viram Odé aparecer e ficaram preocupados com ele. Alguma coisa devia ter acontecido. Até porque a Mata Real era lugar misterioso. Quando Oxum soube disso, se mandou pra casa de Orunmilá, pra ele jogar o opelé e dizer o que tinha acontecido com Odé. Aí, Orunmilá jogou e contou tudo pra Oxum.

Oxum saiu da casa de Orunmilá já sabendo de tudo que sucedeu, em que lugar, como, por quê. Ela juntou um bocado de gente e todos foram até o lugar onde Odé explodiu a barriga.

Aí, Oxum fez aquilo que ela sabe fazer de melhor: chorou, chorou e chorou sobre o corpo de Odé. E o choro foi tamanho que Olo-dumare, o Controlador de Todos os Destinos, lá no Orun, ouviu. Ele põe e dispõe de tudo. E naquele momento, Ele decidiu. Odé ia voltar, mas com outro nome: ele seria Oxóssi. Aí, Oxóssi acordou nos braços de Oxum.

**A TEIMOSIA COMPROMETE A VIDA DA GENTE E
AINDA CAUSA SOFRIMENTO AOS OUTROS.**



5102 COMARISO
2015

O CHAPÉU DE DUAS CORES



Contavam os mais velhos que, na Aldeia de Ajalá, havia dois irmãos muito unidos. Eles jamais tinham brigado entre si. Nunca tinham se aborrecido um com o outro. A fama daquela amizade corria as aldeias e todo mundo comentava, fazendo disso admiração geral.

Um dia, Exu andava por aquele lugar e ouviu comentários sobre a tão falada amizade dos dois irmãos. Então, ele resolveu fazer um teste sobre a fortaleza daquela amizade. Descobriu os dois irmãos trabalhando num campo, que era dividido ao meio por uma estrada estreita. E eles trabalhavam cada um de um lado, cantando, cortando o mato com facões bem amolados, conversando sobre diversos assuntos. Aí, Exu pôs na cabeça um chapéu pintado de vermelho e preto, sendo que, de cada lado, só se via uma única cor.

Então, Exu passou pela estrada, entre os dois irmãos, fazendo uma saudação:

– Bom dia, irmãos unidos!

E os irmãos responderam a Exu, em uma só voz. Mas Exu passou por entre eles, sempre olhando pra frente e seguiu adiante, até desaparecer na curva da estrada. Aí, um dos irmãos perguntou ao outro:

– Quem era aquele homem de chapéu vermelho?

Ao que o outro respondeu:

– Mentira sua! O homem usava um chapéu preto...

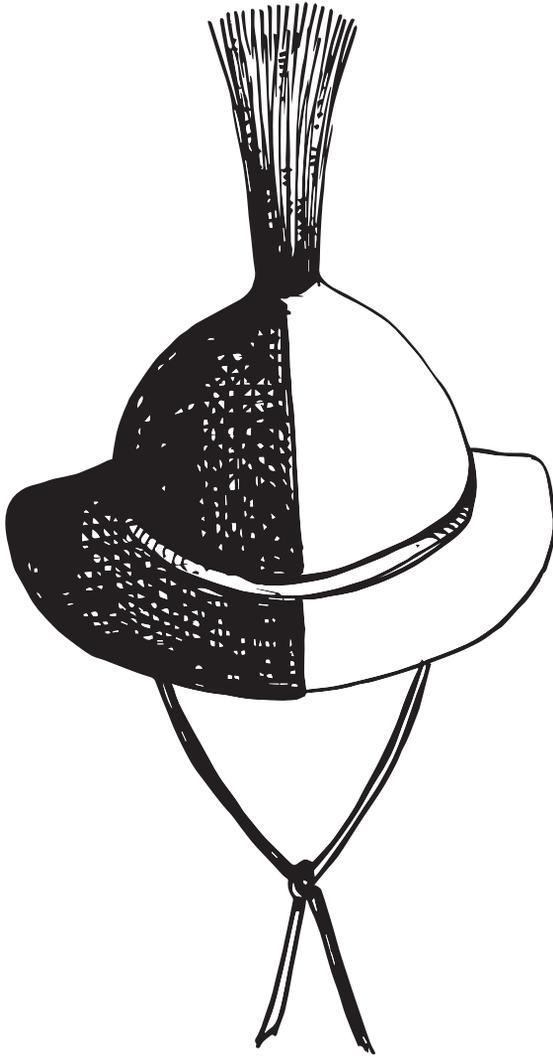
O irmão que viu o homem de chapéu vermelho se sentiu ofendido e, pela primeira vez, mostrando-se aborrecido, devolveu a ofensa. E o que tinha visto o homem de chapéu preto ficou aborrecido também. Daí, eles começaram a discutir, num desentendimento sem igual. A raiva cresceu tanto, que eles terminaram se agredindo com palavras. As ofensas trocadas se agravaram e eles terminaram

avançando um sobre o outro, armados de facão. Brigaram tanto que se mataram. E porque eles não tinham herdeiros, o campo ficou entregue às feras e às ervas daninhas.

É por isso que, até hoje, nas aldeias, os mais velhos ainda avisam:

– Se lembre do chapéu de duas cores:

NEM TUDO É AQUILO QUE PARECE SER.



OSLIVADO 2015

O DESEJO DE GADAMU



Contam os mais velhos que um homem chamado Gadamu nasceu e se criou em Aldeia Velha. Desde novinho ele vivia insatisfeito com tudo que era de sua terra. Jurava todos os dias ir embora pra Aldeia Grande, a terra das novidades, onde pudesse aprender muitas coisas pra ser uma pessoa importante. O seu sonho era vencer na vida e viver conforme ele entendia. Por isso, ele não dava muita importância à sabedoria e ao conhecimento de seu povo. Pra ele, tudo aquilo era muito limitado e ali, ele jamais seria um vencedor.

Quando os viajantes passavam por Aldeia Velha e davam notícias de Aldeia Grande, Gadamu ficava amuado e zangado com todo mundo. Mas Gadamu também sofria muito, pois amava seus parentes e seus amigos. Seu coração doía, quando ele pensava em deixar tudo e ir embora pra longe. Um dia, Gadamu criou coragem e partiu. Apenas se despediu dos mais íntimos e muitas das suas coisas ficaram abandonadas porque, pra ele, eram coisas sem serventia. De tempos em tempos, passavam viajantes por Aldeia Velha e informavam:

– Gadamu mandou dizer que não esquece de todos e que um dia vai voltar, mas ainda está lutando pra alcançar o que deseja.

Passou muito tempo e um dia Gadamu voltou. Agora ele era um homem sabido, com muitos cestos e baús repletos de muita novidade. Considerava-se um grande vitorioso na vida. Mas Gadamu foi tomado de muitas surpresas: os avós e os pais dele não existiam mais. As irmãs tinham se casado com homens de outras aldeias e foram embora com seus maridos. Ele não conhecia mais os rapazes que tinham nascido depois de sua partida. E os jovens de seu tempo agora não sabiam mais o que conversar com ele.

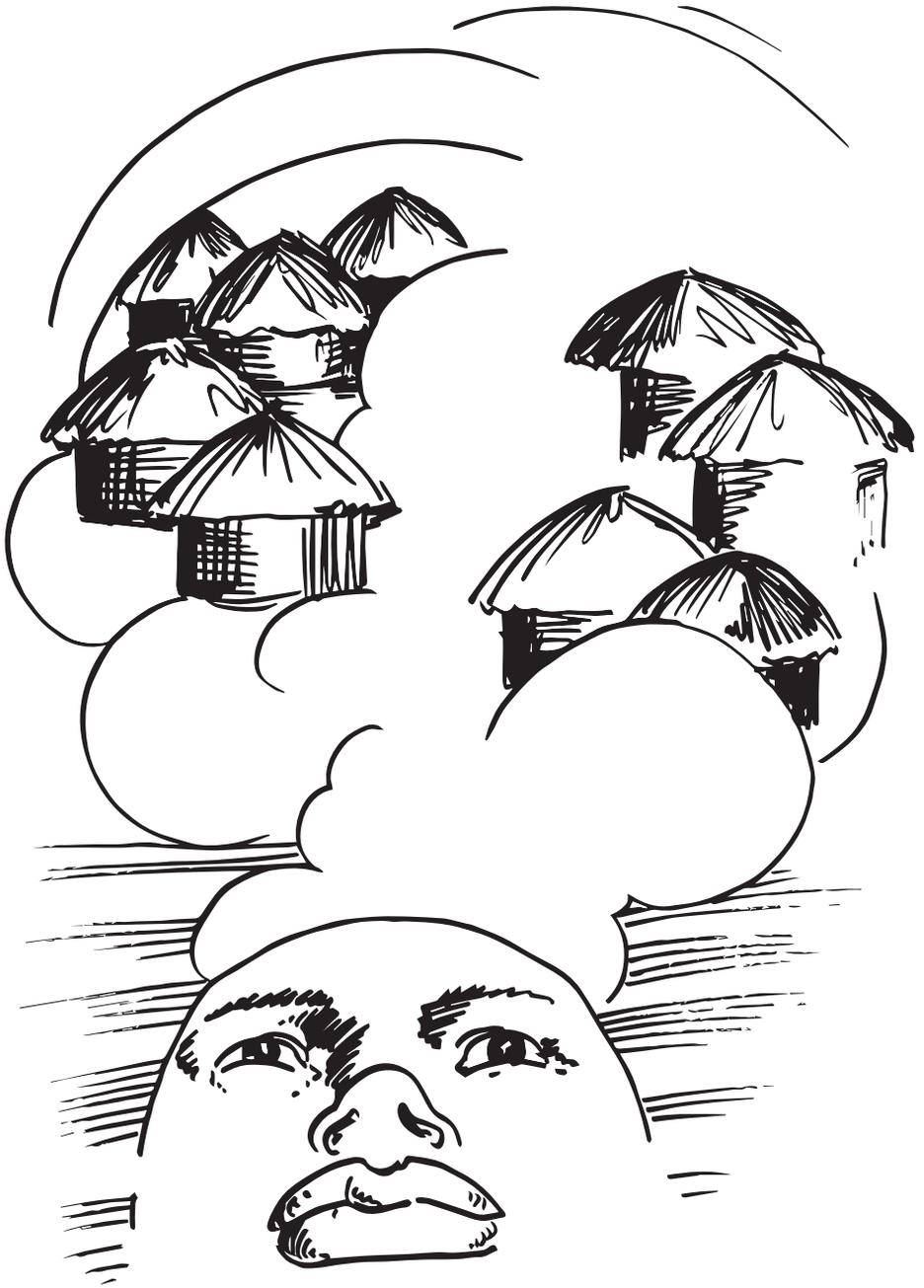
As velhas casas não existiam mais, e os antigos animais de estimação, há muito tempo, tinham desaparecido. Os cachorros estranhavam Gadamu e não queriam saber de seus afagos. O terreno

baldio, atrás de sua casa, agora era uma mata e a grande gameleira-branca tinha sido queimada por um raio.

Aí, Gadamu se deu conta de que sua amada Aldeia Velha não existia mais e a família, que era o seu maior tesouro, tinha se acabado. Pensou em voltar pra Aldeia Grande, mas concluiu que também não tinha fincado raízes por lá. Afinal, ele tinha labutado o tempo todo em Aldeia Grande, pra ficar sabido, garantir o futuro e voltar. Agora ele não sabia o que fazer com tudo o que tinha aprendido, porque ele não tinha mais quem sustentasse seus sentimentos.

E Gadamu ficou como exemplo:

**QUEM PENSA APENAS EM SI, MESMO COBERTO
DE GLÓRIA, NÃO TEM COM QUEM DIVIDIR.**



OSUNWUYO
2015

O FOFOQUEIRO



Contam os mais velhos que ninguém mais sabia o que fazer: havia uma fuxicada terrível, pois tudo o que se falava no palácio se espalhava pela cidade. Oxalá, o mais velho, irritado com a situação, ordenou que se apurasse tudo, tim-tim por tim-tim. Principalmente que se observasse os frequentadores mais assíduos, aqueles que tinham trânsito livre. Ninguém deveria deixar de ser observado. De repente, ficou bem visto que os mais assíduos frequentadores eram dois: Carneiro e Martim Pescador. Mas havia uma tremenda diferença entre eles, pois enquanto Carneiro era calado, reservado, manso, sempre de vistas baixas, Martim Pescador era o cão por dentro do mato. Se metia nas conversas, vivia de entra e sai, dando notícia de tudo. Parecia uma tempestade.

Então foram dizer a Oxalá que já sabiam quem era o falador. Quando anunciaram que era Martim Pescador, Iansã, a Mãe dos Ventos, agitada que só ela, tomou a palavra e pediu tempo pra provar a inocência de seu protegido. Oxalá deu o tempo e Iansã saiu apressada como um raio. Daí, ela chamou Martim Pescador e Carneiro e disse assim:

– Vai ter uma festa no palácio de Oxalá...

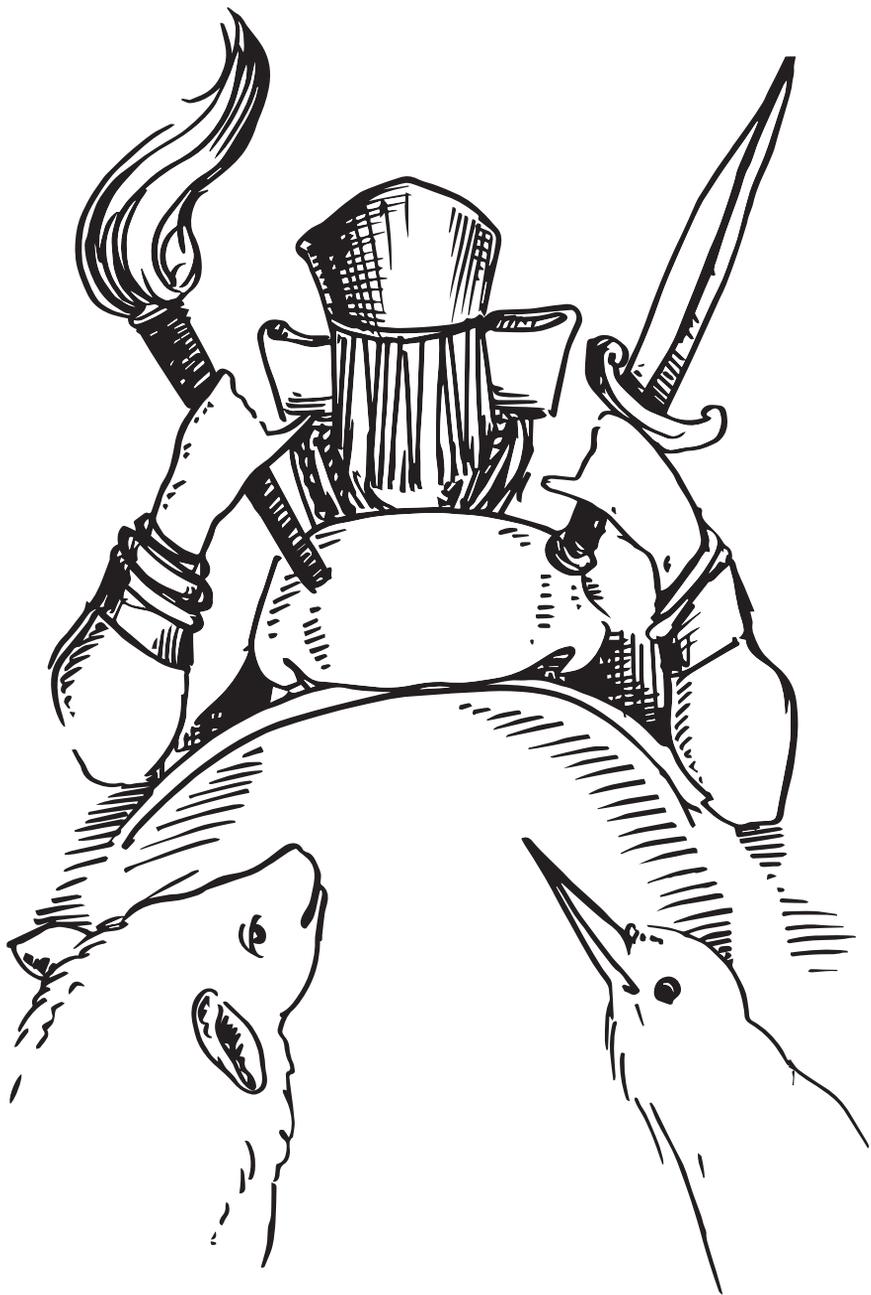
Interrompeu o que estava dizendo, pôs as mãos na cintura e percorreu os dois de alto a baixo, com olhares de autoridade, reprovação e cobrança. Depois, continuou:

– Oxalá vai premiar a quem aparecer com a melhor fantasia vermelha. Mas isso é segredo. Ninguém deve saber disso. Finjam que não sabem de nada e bico calado. Olhem lá, viu! Principalmente o senhor, Seu Martim Pescador, com sua língua de trapo...

Pois bem. No dia da festa, foi chegando bicho, foi chegando gente, foi chegando encantado e o salão ficou repleto. E aí todo mundo viu: somente Carneiro e seus parentes estavam fantasiados de vermelho. Oxalá tem ojeriza a cores fortes e já estava sabendo de

tudo, porque Iansã tinha contado a ele. Mandou expulsar Carneiro e sua gente daquela festa. E todo mundo ficou sabendo: era o manso e silencioso Carneiro o fofoqueiro do palácio. Apenas Martim Pescador ficou morrendo de pena do Carneiro.

**NÃO SE DEVE JULGAR O BOM POR BOM,
NEM O MAL POR MAL.**



SMITHSONIAN 2015

O GATO E A ANTA



Contam os mais velhos que o Gato queria aparecer. Tinha que conquistar a Anta, pois estava cansado de namorar as gatas do mato. Queria namoro novo... Deu de cara com a Anta, numa manhã de sol e de folhas verdinhas balançando com o vento brando. Comendo uma banana, a Anta fingiu nem sequer notar a presença do pixane. Ele, todo galanteador, também resolveu encenar:

– Ah, que cheiro gostoso de banana! Que fruta maravilhosa! Uma delícia!... Daria metade do meu reino pra comer uma banana saborosa juntamente com uma pessoa adorável. Pessoas especiais gostam de comer bananas...

A Anta parou, cheirou o ar. Olhou pra o Gato e soltou um risinho cúmplice. Era o que faltava... E lá veio o Gato todo fofo, todo macio, todo cheio de si mesmo. Tirou bocadas na banana da Anta, mastigou, engoliu e se lambeu. Gabou a preferência da Anta, o tipo da banana, comparou com o gosto de outras qualidades. Esta, sim, era de primeira categoria... Depois, entre lambidas e saracoteios, se retirou agradecido, mansinho, mansinho. A Anta, embevecida, julgou-se bafejada pela sorte. Mas quando o Gato dobrou a curva da estrada, ele olhou pra os quatro cantos do mundo, não viu ninguém e botou pra fora tudo o que tinha comido. Seguiu pra casa repugnado e ficou o resto do dia indisposto.

Passou um dia, no outro, o Gato voltou e repetiu a cena. E assim continuou fazendo, dia sim, dia não. Um dia pra o namoro e outro dia pra se recuperar. A coisa estava tão boa, que a Anta já estava até pensando em ficar noiva. Mas certa tarde, o Gato exagerou. E não se aguentando mais, fez feio diante da Anta: botou pra fora as três bananas que ele tinha comido de uma só vez. Teve falta de ar, ficou tonto e caiu no chão. Foi um vexame...

A Anta, coitada, muito aflita, agoniada, não sabia o que fazer. Seria algum feitiço? Também podia ser mau-olhado. Desde que começou o namoro com o Gato, era uma inveja que não acabava mais. As colegas nem sequer lhe davam mais um bom-dia, mortas de inveja. Esse povo é assim: nem tem, nem quer que os outros tenham. Por qualquer coisinha, tome-lhe olho-grosso... Ainda mais namorado bonito, a coisa que mais desperta inveja neste mundo de hoje...

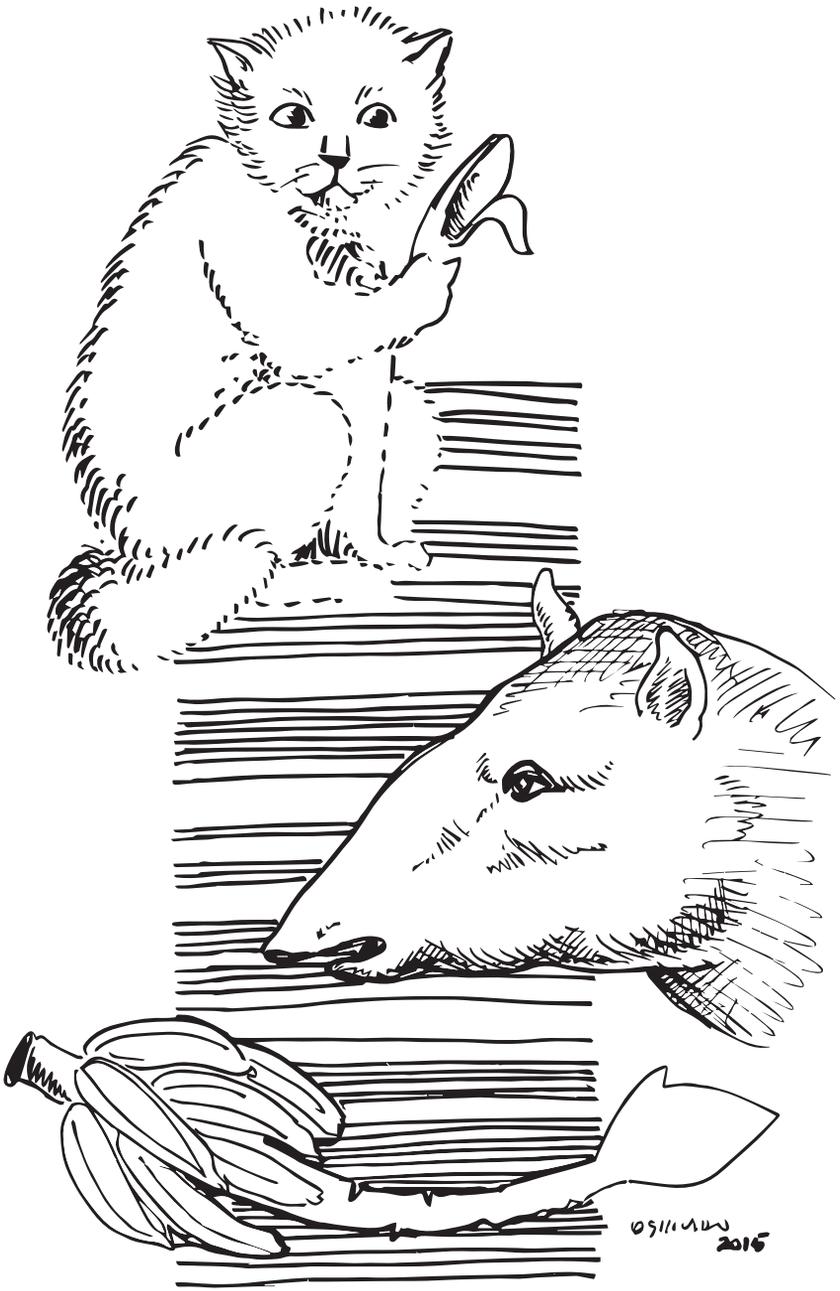
Mas quem estava acompanhando tudo aquilo, há dias, em silêncio? A Paca, sua Madrinha. O tanto que tinha de gorda tinha de sabida. Eta velha experiente, aquela Paca Madrinha! Calada, reservada, observando, pensando, só olhando... A Anta, então, muito chorosa com o estado em que o Gato se encontrava, perguntou:

– Madrinha, o que será que deu nele?

A Velha Paca, que até então não tinha se metido em nada daquele namoro, exclamou com sua voz segura e firme, como se já estivesse pronta pra dar o aviso, desde o princípio do mundo:

– Ora, minha filha... Todo mundo sabe:

**GATO GOSTA MESMO É DE CARNE, POR MAIS
QUE FINJA GOSTAR DE BANANA!**



09/11/15 2015

O HOMEM DE BARRO



Contam os mais velhos que, um dia, Olodumare, o controlador de todos os destinos, entendeu de criar o mundo. Chamou Obatalá e mandou que ele fizesse isso. Deu a ele um saco com o sopro da existência e ordenou também que ele criasse o semelhante. Aí, Obatalá desceu pra cumprir as ordens de Olodumare. Mas ele trouxe consigo alguns objetos, até mesmo uma cabaça de vinho. E Obatalá veio por ali, caminhando, caminhando e, antes de achar um ponto conveniente pra criar o mundo, sentiu muita sede e bebeu o vinho. Resultado: ficou bêbado e acabou dormindo. Nisso, Olodumare ficou esperando a explosão, sinal de que o mundo tinha sido criado. E nada. Aí, Olodumare chamou Oduduya e mandou que ela viesse ver o que tinha acontecido.

E Oduduya veio. Procura daqui, procura dali, terminou encontrando Obatalá, que ainda estava de sono solto. Quando ela olhou entre as pernas dele, viu o saco da existência assim, largado. Muito curiosa que só ela mesma, pegou o saco devagarinho, devagarinho... Quando abriu, tebeiiii!!! Foi aquela grande explosão. Tão grande que o barulho chegou aos ouvidos de Olodumare no Orun.

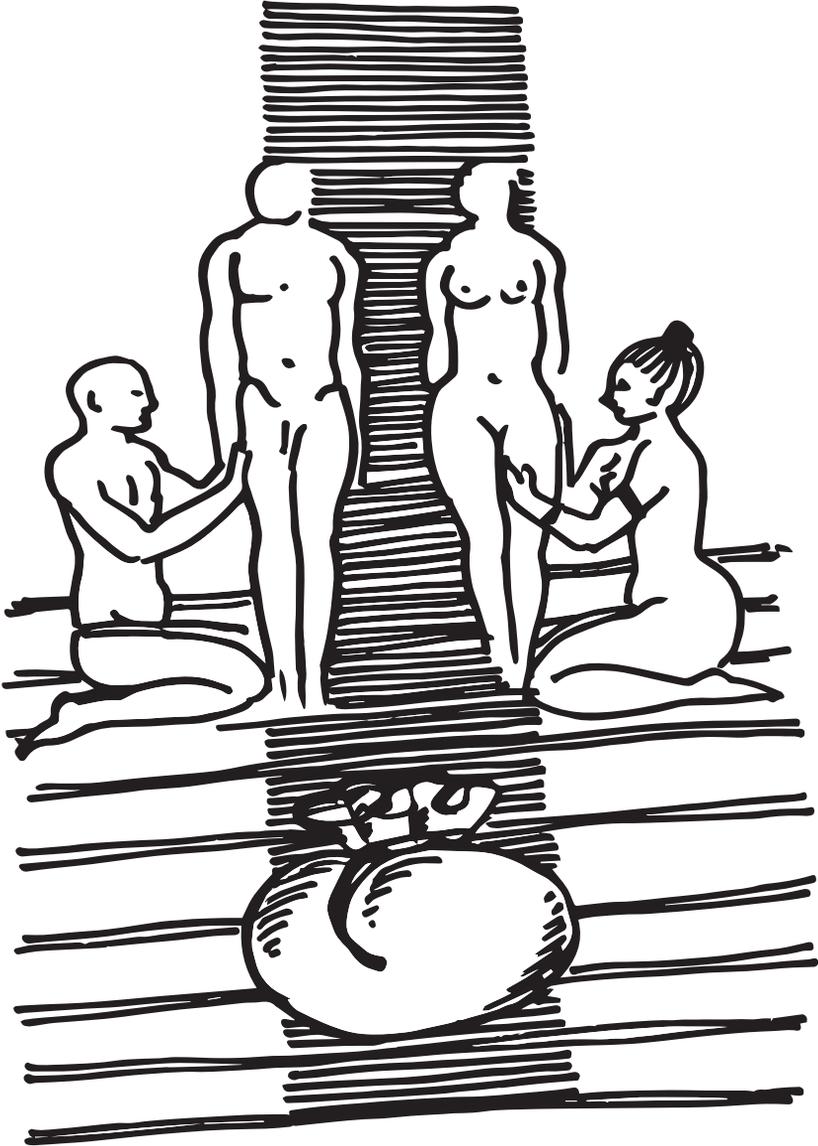
Com o barulho da explosão, Obatalá acordou atordoadado. “O que foi?! O que foi?!” Oduduya explicou tudo. Aí, eles viram que o Aiyê já estava criado. Então, ficaram sem saber o que fazer. Depois de pensarem bem, resolveram voltar ao Orun e contar tudo a Olodumare. E assim foi feito. Na presença do Dono de Tudo, contaram os acontecimentos. Depois de ouvir tudo, Olodumare disse: “Agora, voltem lá, e façam o semelhante”. Voltaram e foram escolher o material pra fazerem o semelhante.

Primeiro, fizeram com o ar, mas o semelhante se evaporou. Fizeram outro de madeira, mas ficou muito duro. Fizeram outro de pedra, mas ficou insensível. Fizeram outro de azeite, mas logo se derreteu.

Fizeram outro de areia, mas logo se desmanchou. E ficaram pensando com que matéria iam fazer o semelhante, pra que tudo desse certo.

Acontece que, um pouco mais adiante, Nanã Borokô estava observando tudo, calada. Ela é a mais velha de todas as mães, a Dona do Barro. Então, ela se debruçou sobre a Lagoa da Vida, imensa como o próprio mundo e apontou o seu *ibiri* pra as águas. Retirou barro do fundo da lagoa e deu um bolo a Obatalá e outro a Oduduya. Obatalá fez o semelhante com o barro molhado, pingando água e soprou a existência sobre ele. Oduduya fez a mesma coisa e também soprou a existência sobre o barro. Deu certo: os dois semelhantes viraram gente, homem e mulher.

A GENTE NÃO ESTÁ NO MUNDO À TOA.



5/11/2015
2015

O MACACO E A CUTIA



Contam os mais velhos que o macaco tinha uma mania de olhar os defeitos dos outros pra criticar. Na falta do que fazer, cismou de perseguir a cutia, botando os piores defeitos nela. Toda vez que passava pela porta da cutia, gritava apelidos jocosos. E morria de prazer, porque a cutia se danava, xingava, dizia coisas do arco-da-velha. E quanto mais a cutia se danava, mais o macaco ficava feliz.

Um dia, o macaco soube que a cutia era cotó, isto é, não tinha rabo. Aliás, ela nasceu com um rabo muito bonito e comprido, mas um dia, esquecida disso, sentou-se à beira da estrada, ficou distraída, olhando pro mato. Aí veio uma carroça e decepou o rabo, ficando apenas o toco. O macaco ficou muito contente, quando soube disso, e resolveu pirraçar a cutia mais ainda. E sabe o que ele fez? Sentou-se na beira da estrada, a vida toda olhando pra toca da cutia. E passou a manhã inteira, de instante a instante, berrando:

– Camarada cutia, quem tem rabo sai do caminho!

A cutia, coitada, morta de raiva, nem saiu da toca pra beber água, envergonhada de tanta humilhação. Perto do meio-dia, o macaco já nem se aguentava de tanto prazer, aos gritos, nem viu uma carroça que se aproximava. Mas todos ouviram seu grito de horror e viram um enorme rabo decepado, se bulindo na estrada.

Todos os bichos da redondeza vieram pra saber do que se tratava. E foi juntando bicho... Uns com pena, outros zombando, outros espantados. O comentário era geral, cada um dizendo o que achava. A cutia, então, tomou coragem e veio também espiar. Foi

chegando devagar, meio desconfiada. Estava com os olhos vermelhos de tanto chorar por causa das pirraças do macaco. Foi passando pelos outros bichos, até que chegou na estrada.

E diante do que viu, também gritou:

– Ora, onde já se viu?

MACACO NÃO OLHA PRO RABO!



OSIUMMO
2015

O OVO ANUNCIADO



Contam os mais velhos que, um dia, a galinha amanheceu asanhada. Queria descobrir um meio de valorizar seu produto. Sem saber o que fazer, mal chegava a madrugada e ela descia do poleiro, agoniada, nervosa, ciscando tudo que encontrava. Uma comadre já bem idosa, vendo aquele eterno entra e sai da galinha, deu um conselho:

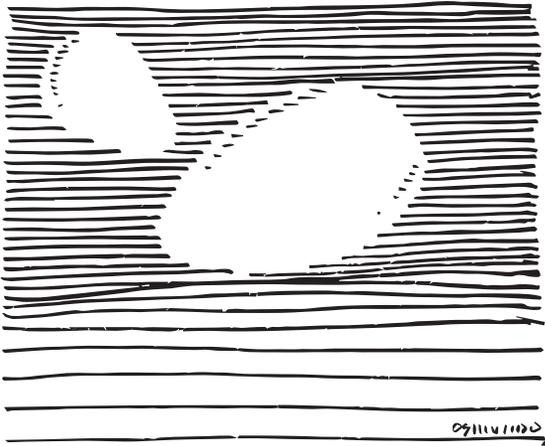
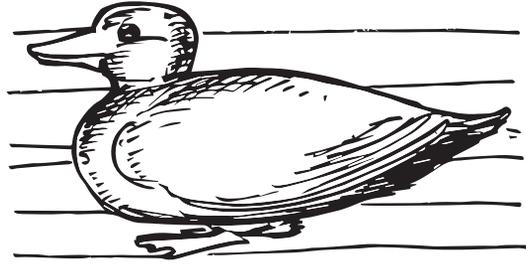
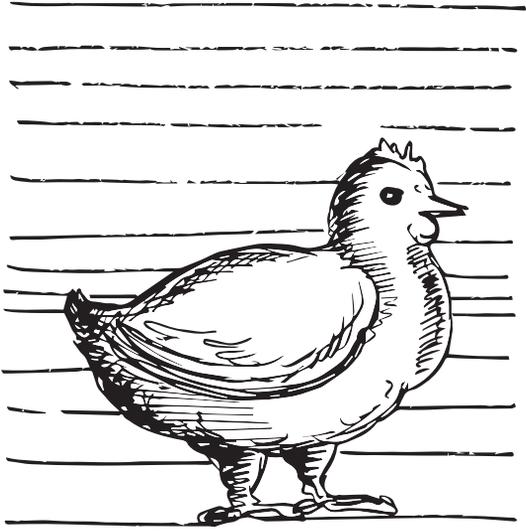
– Olhe, por que a senhora não vai fazer uma consulta? Senhora, se cuide... Em vez de ficar nessa agonia, vá a quem pode lhe ajudar a encontrar as respostas...

A galinha, então, depois de muito pensar, venceu a indecisão e foi fazer a consulta. E lhe foi aconselhado botar a boca no mundo. E assim ela fez: ao botar um ovo, cacarejava a não mais poder. Todo mundo ficava sabendo, de imediato, quando a galinha desovava e queria obter o que ela produzia. Enquanto isso, a pata, quieta em seu canto, a tudo espiava, calada. E resolveu também fazer uma consulta, mas nunca se soube o que lhe foi revelado. Sabe como é: esse povo, assim, calado, quieto no canto, jamais deixa que se saiba o que está realmente acontecendo. Mas deixemos isso pra lá.

Mas acontece que surgiu um mal de asma nas crianças da aldeia. As mães, aflitas, gastavam ovos e mais ovos de galinha pra curar os filhos, mas a doença não cedia. Uma das moradoras, já em desespero com o sofrimento do seu filho, resolveu, então, experimentar um ovo de pata como remédio. Usou, de início, apenas um ovo, até mesmo por medo de que aquilo, realmente, não servisse pra nada. Sabe como é: esse negócio, assim, não anunciado, ninguém conhece direito... Aquela mãe bateu um ovo de pata com mel de abelhas e sumo de mastruz. Mas não é que a asma cedeu?! A mãe bem sucedida contou a outra mãe que contou a outra mãe e, assim, foi um gastar de ovo de pata como nunca se viu antes.

As crianças ficaram curadas. As mães, no entanto, ficaram muito intrigadas com aquilo. Por que a pata nunca tinha dito isso a ninguém? Seria por pura ruindade? Por trás daquele silêncio tinha de haver uma explicação... A vizinha do pé da ladeira, a mais bisbilhoteira de todas, tomou a iniciativa e foi à casa da pata, assim, como quem não quer nada e querendo. Chegou lá, conversou, conversou e conversou. E na volta, todo mundo ficou sabendo do que a pata tinha dito:

O QUE É BOM NEM SEMPRE É ANUNCIADO.



091114/1100 2016

O PREÇO DA ESCOLHA



Contam os mais velhos que um casal de pessoas pobres não tinha filhos e por isso vivia muito mais triste ainda. Finalmente, um dia, a mulher descobriu que estava grávida. Foi uma alegria sem fim. Quando o menino nasceu, o pai botou o nome de Lioró. Nome bonito, ligado à riqueza, fortuna, boa sorte. Era esperança do pai que o filho viesse romper com aquele destino de pobreza que existia na família. O filho haveria de ser rico e famoso. Então, o pai fez uma consulta a Ifá. Foi aconselhado que sempre se ensinasse àquela criança os caminhos da paciência, caso contrário o menino nunca ia alcançar o que estava reservado pra ele.

Pois bem, o homem põe, mas o Divino dispõe. E Lioró cresceu demonstrando ser de uma impaciência sem limites. Não tolerava os lentos, os lerdos, os abestalhados. Quando fazia uma tarefa, deixava tudo pela metade. Não ligava pra nada e tinha uma *cabeça dura* que fazia dó.

O pai, coitado, só faltava morrer nos ensinamentos, mas nada adiantava. E terminou morrendo sem ver progresso nenhum por parte do filho. A sorte de Lioró era cada vez mais minguada. Tudo dava errado na vida dele. Não tinha profissão, não arranjava trabalho, não tinha do que viver.

Um dia, faltou até a paciência consigo mesmo. E não suportando mais aquele tipo de vida, Lioró resolveu dar fim na própria existência. Arranjou uma corda, fez um laço de correr, amarrou na cumeeira da casa. Subiu num tamborete, deu um chute e ficou suspenso no ar. Só Deus sabe o que ele sentiu naquela hora tão infeliz.

De repente, ele abriu os olhos e estava numa sala estranha. Era como se fosse um quarto com meia parede feita de blocos de nuvem, mas eram duros e carraquentos. Não tinha telhado e podia se ver o céu com muitas estrelas. O piso era liso, feito de um barro

branco e sem brilho. Naquela sala deserta, o silêncio era absoluto e nela havia apenas um tamborete. Lioró disse consigo mesmo: “É a parte que me coube: um tamborete numa sala vazia e esquisita. O jeito é me sentar aqui e esperar pra ver o que vai acontecer.”

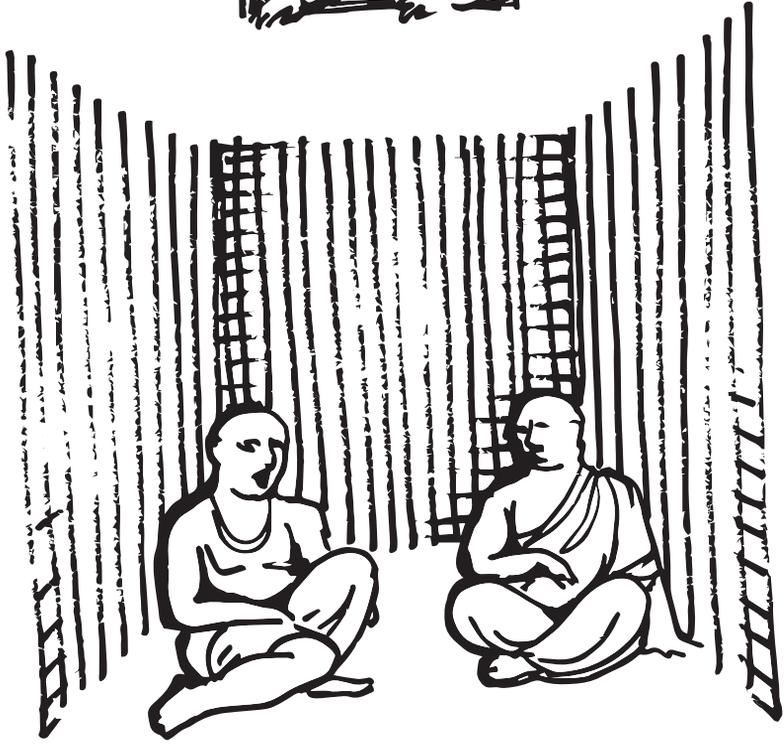
Pois bem. De repente, Lioró percebeu vozes de pessoas que estavam do outro lado da parede. Melhor, eram duas pessoas conversando. Ele apurou os ouvidos, e escutou claramente o que estava sendo dito:

– Agora, Orunmilá, vem o caso de Lioró. Ô rapazinho complicado... Mas ele precisa de um socorro, pai. Desde que nasceu, tudo dá errado na vida dele. Aliás, quando eu vim de lá, do Aiyê, ele já estava em desespero...

– Mas não há motivo pra preocupação. A impaciência fica por conta dele. Aqui, cabe apenas uma garantia: daqui a três dias acaba o tempo de consumição dele. Doravante, vem o tempo de fatura que está reservado pra ele, desde o dia em que ele nasceu. Se ele for bom, vai esperar. Se não... vai ser como ele decidir.

Lioró tomou um susto tão grande, que caiu do tamborete. Já ouviu falar na segunda morte? Pois Lioró morreu pela segunda vez. O mundo é assim:

**NA VIDA, SE ESCOLHE TÃO POUCO;
O RESTO É ACEITAÇÃO.**



OSAMURO
2015

O PREÇO DA INGENUIDADE



Contam os mais velhos que, um dia, o cágado saiu pra passear. Sorrateiro, lá se ia ele, vagaroso, pois tinha todo o tempo do mundo pra gastar naquele passeio. De repente, ao atravessar uma estrada em busca de comer qualquer coisa, ele descobriu uma trilha de formigas. Como estava mesmo sem fazer nada, resolveu fazer uma perversidade com elas. Passou por cima da trilha e esmagou um bocado de formigas que estavam carregando comida.

Confiante na sua superioridade, o cágado seguiu em frente, conversando sozinho:

– Afinal, quem vai se incomodar com algumas centenas de formigas esmagadas?

E lá se foi ele. Apressou o passo pra sair daquele lugar, mas pisou em falso, caiu de barriga pra cima e ficou se esperneando, sem poder se desvirar. Caro lhe custou sair daquela posição. Depois de muito esforço, se desemborcou. Passou um tempo retomando o fôlego e seguiu adiante.

Já perfeitamente recuperado, o cágado ouviu uns gritos e quis saber do que se tratava. E quando chegou ao lugar de onde vinha o alarido, o cágado viu: era a onça segurando firme o macaco pelo rabo. O prisioneiro se esperneava, rodava, guinchava e nada da onça soltar o rabo dele.

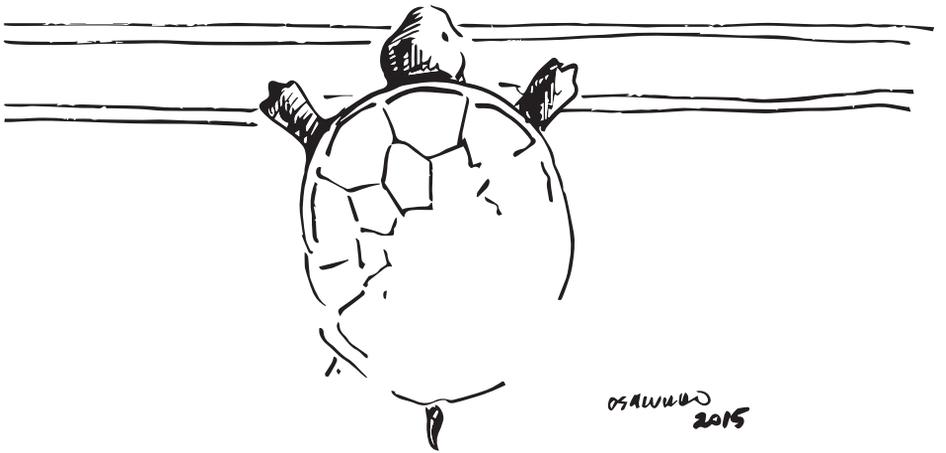
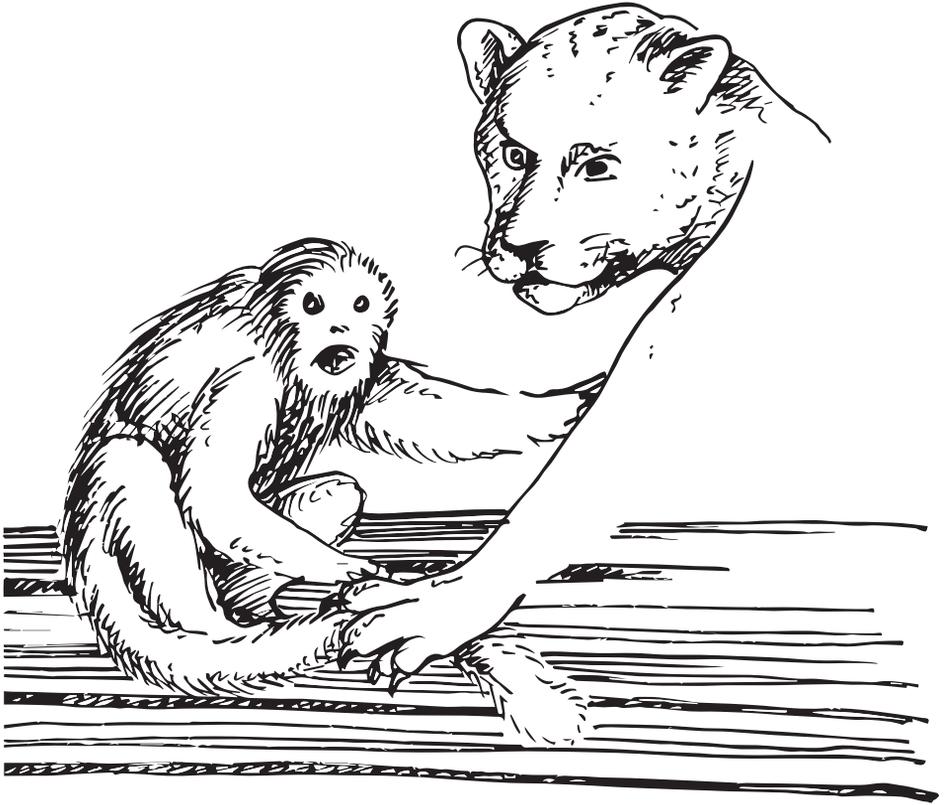
O cágado tem lá suas qualidades, todos os bichos sabem disso. E ele quis saber do que se tratava. Afinal, aquele escarcéu estava tirando o sossego de todo mundo. O macaco, muito aflito, resolveu contar, enquanto a onça também se sentou, aguardando. A onça tinha caído numa armadilha e ficou presa três dias, com fome, pedindo socorro. O macaco ouviu o alarido, procurou e descobriu a onça no fojo. Todo prestativo, resolveu ajudar da maneira que sabia. Providenciou um cipó, mas o cipó era curto e não chegava até o fundo da armadilha.

Mas ele não ia de desistir tão fácil assim. Logo ele, tão gabado por todo mundo, pela sua esperteza e sagacidade... Dependurou-se no cipó, estirou o rabo e mandou que a onça escalasse a parede do fojo, agarrada ao rabo dele. Assim a onça fez e conseguiu sair da armadilha. Agora ela não queria soltar o rabo dele.

O cágado, então, disse ao macaco que seu depoimento era maravilhoso. E que agora ele batesse palmas e limpasse as mãos no chão, pois era assim que se devia proceder no final de um depoimento. Assim o macaco fez. A onça assistiu a tudo, muda, na certeza de que, agora, ia ter duas refeições... Pois bem, o cágado disse pra onça que também queria ouvir o depoimento dela. A onça disse que não ia mais largar o rabo do macaco, porque ela estava com fome há três dias e macaco era uma boa caça. Mesmo, não havia razão alguma pra ela soltar o rabo do macaco.

O cágado elogiou o depoimento da onça e disse que ela procedesse do mesmo modo que o cágado fez: batesse palmas e limpasse as mãos no chão. A onça fez o que o cágado mandou. Aí, o macaco aproveitou o vacilo da onça, escapuliu e sumiu na copa das árvores. A onça, irada, deu um bote certo, pulou em cima do cágado, estraçalhou sua carapaça e devorou o bicho num instante.

**A GENTE NÃO PAGA APENAS PELO MAL QUE
PRÁTICA. TAMBÉM PAGA MUITO CARO PELAS
BESTEIRAS QUE COMETE.**



OSAWALD
2015

O QUIBUNGO



Contavam os mais velhos que havia uma aldeia onde o povo vivia apavorado. Apareceu um monstro devorador, tão pavoroso, que muitos morriam de susto antes de serem engolidos. Quando João Valente soube disso, pintou e bordou. Ameaçou de pinicar o bicho, quando ele aparecesse, como se corta cebola pra temperar panela. João era muito valente e não respeitava ninguém. Um dia, ele entrou na venda de Seu Galo. A venda estava muito cheia e Seu Galo não notou a presença dele. João se enfureceu, deu um tapa na primeira pessoa e o tapa foi tão grande, tão grande, que todo mundo caiu de perna pro ar. João obrigou Seu Galo a dar tudo o que ele queria, de graça, pra Seu Galo aprender a enxergar João Valente até por trás de todo mundo.

Mas havia outra pessoa: Zé Mofino. Coitado: amarelo, franzino, recolhido em casa, trancado no quarto, com medo do Quibungo e de João Valente. Mas a lenha acabou e, depois de três dias de fogo apagado, Zé Mofino foi empurrado pela necessidade. Terminou saindo pra buscar graveto no mato que ficava pertinho de sua casa. E de repente, quem apareceu? O Quibungo! Era um bicho enorme, daquele tamanho, todo cabeludo, da altura de dois homens. Os olhos eram duas fogueiras e as mãos tão grandes, parecendo gamelas. Pegou Zé Mofino pelo meio e suspendeu o coitado pro alto, pra devorar. Foi aí que Zé Mofino viu: a boca do Quibungo era no meio das costas.

Tomado pelo desespero, o quase morto gritou:

– Seu Quibungo, pelo amor de Deus!... Não me coma porque eu sou um mofino. Coma João Valente que ele tem muita carne pro Senhor se sustentar e ficar mais forte ainda!

Aí, aconteceu o milagre: o Quibungo soltou Zé Mofino e disse assim:

– Me mostre onde está este tal de valente que lhe dou o dinheiro das pessoas que já devorei. O dinheiro está aqui, no meu bucho!

Zé Mofino foi na frente e o Quibungo atrás, até à porta de João Valente. Pela greta das janelas o povo espiava a rua e todo mundo se admirava da coragem de Zé: de enfrentar o Quibungo e João Valente... Os dois de vez?! Misericórdia! O Quibungo bateu na porta de João e ele veio atender com gritos e ameaças:

– Quem é este ousado, me incomodando a essas horas? Espera aí que lhe dou o seu!

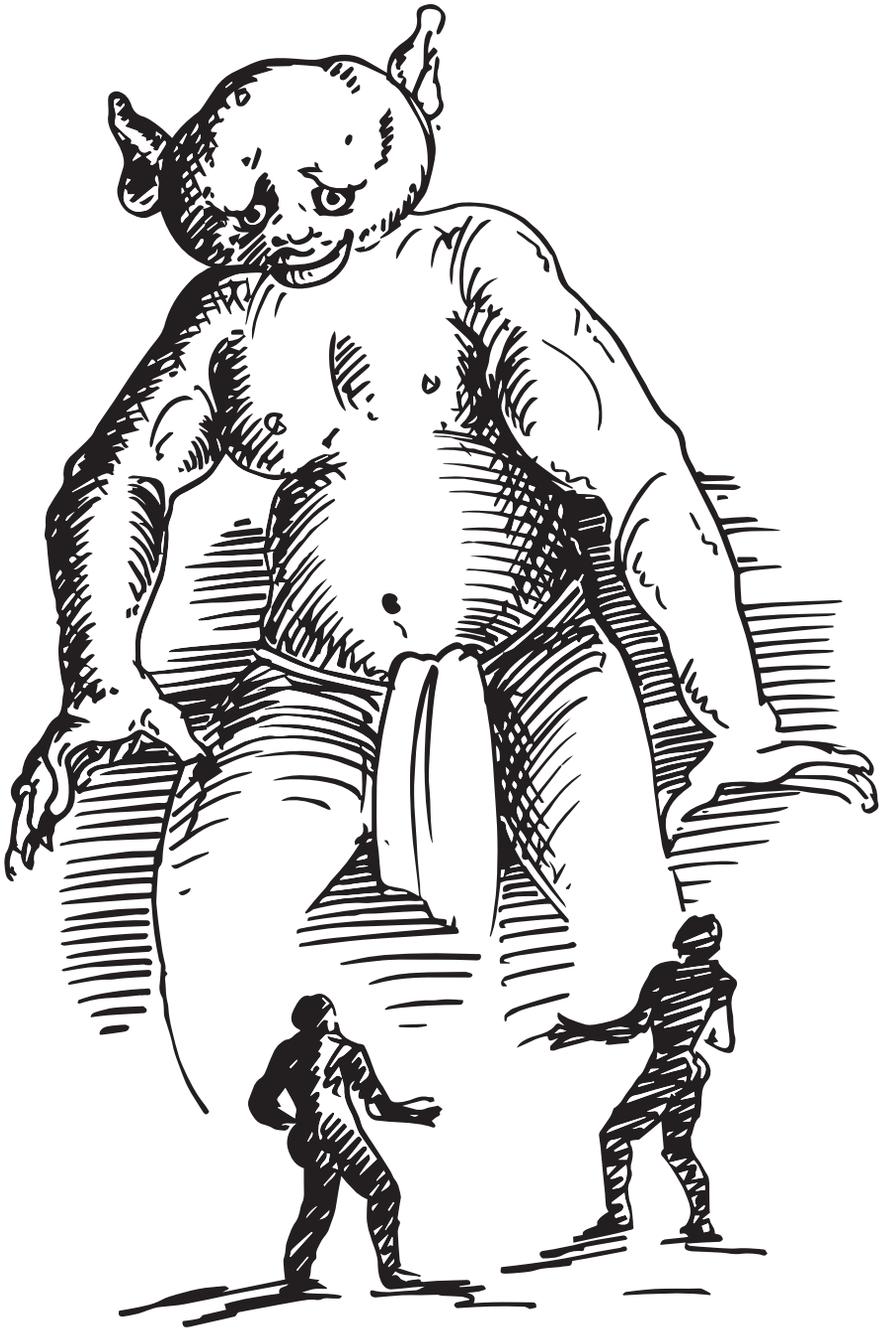
Abriu a porta de supetão, mas quando viu o Quibungo deu uma tremedeira e se borrou todo. O Quibungo ficou com nojo dele e fez a pior zombaria:

– Abre a boca, cagão, se tu é valente mesmo, pra tu ver se não te como com casa e tudo! Só não faço isso agora mesmo, pra não estragar minhas tripas, devorando uma porcaria igual a tu. Mas estou ordenando: desapareça daqui, pra sempre, senão eu volto e te como!

João Valente arrumou a trouxa na maior tremedeira e desapareceu no mundo. O Quibungo também resolveu desaparecer dali. Mas antes, cumpriu com a palavra: deu um bocado de dinheiro a Zé, que agora não era mais Mofino. E ele passou a ser considerado por todos como uma pessoa corajosa, além de muito rico.

Viu?!

QUEM ARROTA VALENTIA TERMINA ENCONTRANDO ALGUÉM DE MAIOR OUSADIA.



OSHIYUDD
2015

O SABER E A SABEDORIA



Contam os mais velhos que, numa aldeia, o tempo tinha mudado completamente. Aí, um inverno rigoroso tomou conta de tudo. A cada noite, o frio ficava mais rigoroso. Correu a notícia braba: as coisas iam piorar ainda mais. Estava vindo uma onda de frio muito mais perigosa. Aquele povo só estava acostumado a viver em tempo de calor. Até os invernos eram meio mornos. A notícia que se espalhava estava deixando todo mundo com medo.

Todos foram logo cuidando de se preparar pro pior. A grande frieza estava anunciada pra madrugada. Mas havia um homem muito considerado por todos. Ele era muito sabido e sempre estava ajudando os outros. Dava conselhos, providenciava coisas, fazia favores. Todo mundo que precisasse de favor apelava pra aquele homem. Se alguém tinha uma dúvida, o homem esclarecia.

Mas tinha uma coisa: de tanto resolver as coisas dos outros, ele só vivia se esquecendo de si próprio. Era tão desmazelado de si mesmo, que sua casa não tinha porta. Apenas possuía um couro de bicho sobre o qual ele dormia.

Então, algumas pessoas resolveram ajudar o homem e foram consultar Xangô, querendo uma solução para o problema de uma pessoa tão boa. E Xangô mandou que dessem três esteiras de taboa pro o homem. As pessoas voltaram e deram as esteiras a ele. E não dava mais pra conversar, pois a frieza estava insuportável.

A madrugada foi lenta, arrastada. Até os bichos emudeceram. Mas todo mundo sabe: não há bem que sempre dure, nem mal que nunca se acabe. E o sol raiou, trazendo a alegria e a vida de volta à aldeia. Aos poucos, as pessoas foram acordando, se levantando, preparando comida, saindo de suas casas.

Pra surpresa de todos, o homem tinha morrido de frio, apesar das esteiras e do seu saber. Foi um espanto. Como é que

a solução dada por Xangô não tinha funcionado? Logo ele, o Rei da Justiça? Onde estava a sabedoria do rei? Sabe como é gente: qualquer coisinha, lá se vai a confiança... Era preciso explicação. Resolveram consultar Xangô outra vez. Contaram a novidade ao rei e ficaram esperando a resposta. Xangô quis saber dos detalhes:

– Deram as esteiras a ele? O que ele fez com as esteiras?

Alguém explicou:

– Demos sim, as três, conforme foi ordenado. E ele estava deitado em cima das três esteiras, quando foi encontrado morto...

Xangô, então, explicou:

– Com uma esteira, ele tapava a porta. Com a outra, ele forrava o chão. A terceira era pra ele se enrolar. Claro: junto a uma boa fogueira, feita com os próprios esforços dele.

E indagou aos presentes:

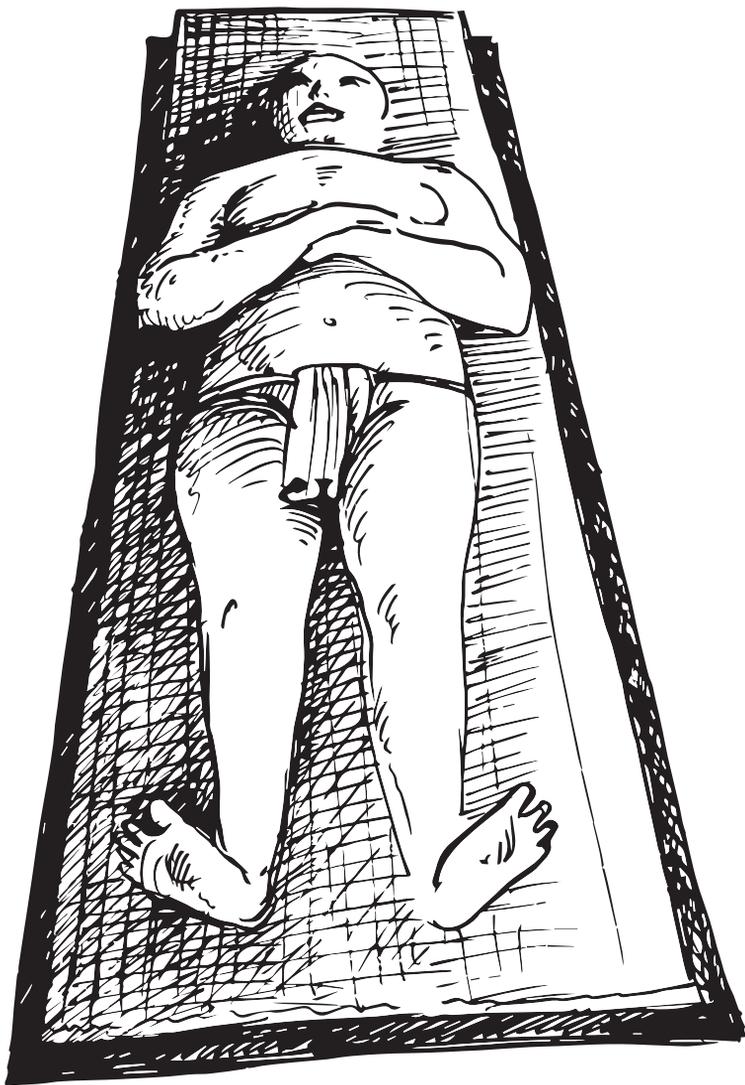
– Ele fez isso?

Ficaram todos calados. Um deles se animou e disse que não.

Então, Xangô disse:

Tinha o saber, mas não tinha sabedoria. Esperava que lhe acudissem em tudo.

**DE NADA VALE O SABER PRA QUEM NÃO
TEM SABEDORIA.**



OSHWINS
2015

O SAPO INVISÍVEL



Contam os mais velhos que a girafa estava cansada da mesmice de sua cidade. Queria andar, passear, conhecer gente nova, ver as novidades do mundo. Andava se queixando todo dia e a mãe dela sempre dizendo:

– É, minha filha, boa romaria faz quem em sua casa vive em paz. Também o povo diz: Pé que não anda não dá topada. Já outros afirmam: Pedra mudada não cria limo. Você mesma é quem deve descobrir qual é o melhor pra você...

A girafa ficava ainda mais desapontada com as palavras da mãe. Terminou saindo, uma tarde, pra conversar com as amigas. Queria se animar um pouco mais. E a conversa foi boa. Ficou até sabendo que existia um bicho chamado sapo. Uma amiga sua tinha visto um, em terras distantes e ficou encantada. A amiga falou tanto sobre o sapo, que a girafa ficou morrendo de vontade de conhecer um.

Quando voltou pra casa, já estava decidida: tinha de fazer uma consulta pra se certificar das coisas. Pois bem. Na consulta, disseram a ela que fosse ver o sapo de perto. Afinal, agonia a gente mata de duas maneiras: ou deixa o motivo pra lá, ou faz dele a razão maior da existência. Criatura, só vendo como a girafa saiu da consulta feliz da vida. Já em casa, a mãe ouviu os comentários em silêncio, principalmente porque a girafa já tinha se decidido a viajar. Tinha de conhecer outras terras. Tinha de ver um sapo. Era demais: viver naquele lugar que nem sapo existia...

Na manhã seguinte, mal raiou o dia, a girafa pegou a sacola, se despediu da mãe e saiu pelo mundo. Andou muito, viu muitos lugares, conheceu muita gente, viu coisas do arco-da-velha. Sempre olhando pra cima, em busca de topar com um sapo. E lá se foi ela pelo mundo. Pergunta aqui, pergunta ali, terminou sabendo pra que lados ficava a terra de sapo. Tocou pra lá. Não ficou copa de árvore em que a girafa não procurasse sapo.

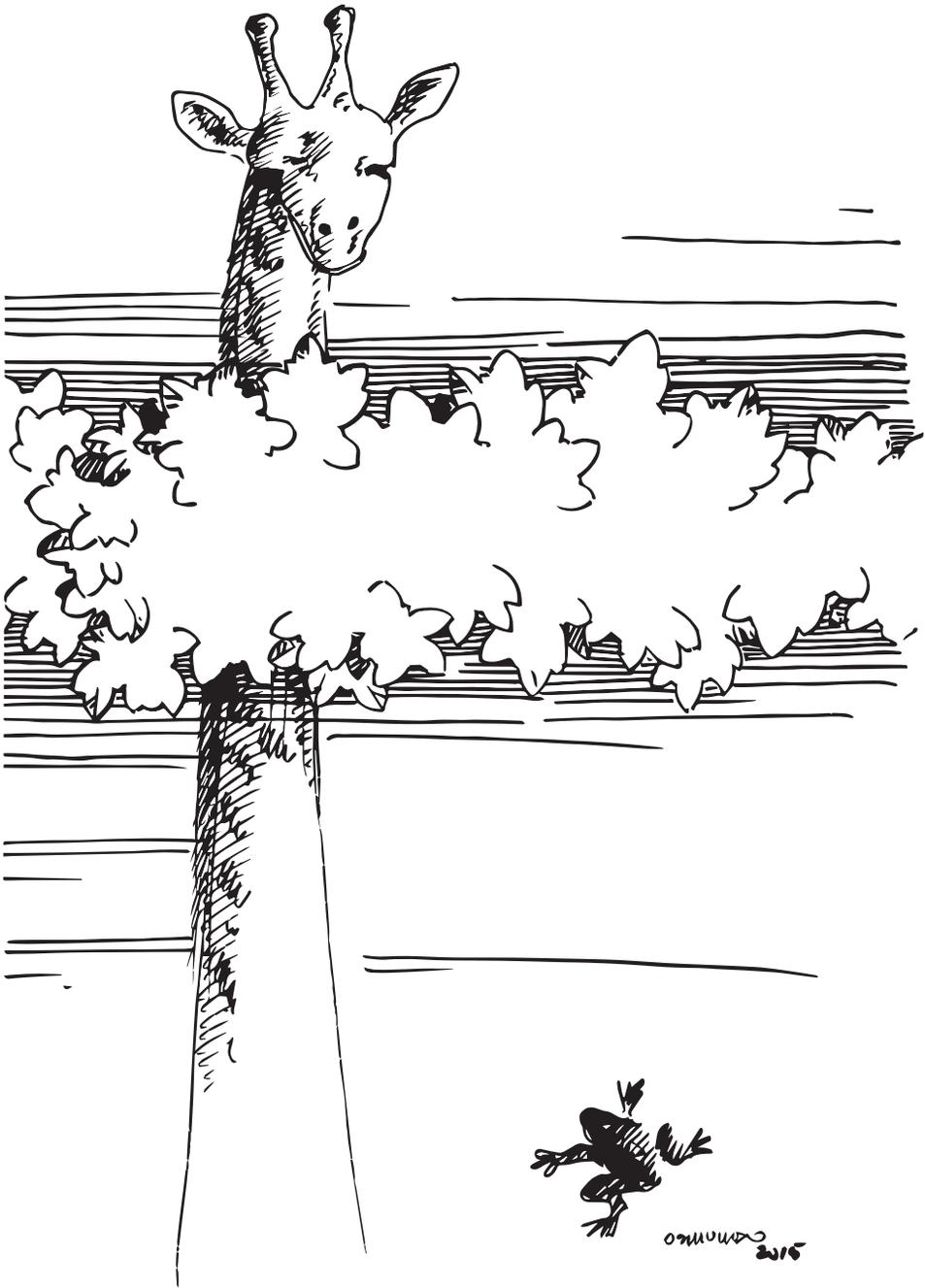
Depois de dias, nem unzinho ela tinha encontrado. Foi ficando triste, foi ficando triste, até que resolveu voltar pra sua terra. O retorno foi doloroso, cheio de decepção. E ela chegou em casa, no maior desalento, pior do que antes de viajar. A mãe, coitada, vendo o estado em que a filha se encontrava, procurou animar uma conversa. Perguntou coisas, quis saber detalhes. Por fim, o assunto do sapo:

– E como foi isso? Você procurou bem procurado? Perguntou às pessoas?

– Procurei, mãe... Perguntei... E nada... Olhe, mãe, não ficou copa de árvore que eu não revirasse... Sapo deve ser um bicho invisível...

– Bicho invisível?! Copa de árvore?! Mas como, se o sapo só vive de cócoras, é bicho do chão e mora na lagoa? Filha, tem coisas que só são vistas, quando olhadas de perto e com muita atenção. Por isso, minha filha, aprenda:

NA TERRA DE SAPO, DE CÓCORAS COM ELE.



O SEGREDO DAS FOLHAS



Contam os mais velhos que, na criação do mundo, Olorum entregou o segredo do uso das ervas e plantas a Ossáin, o orixá das folhas. Ossáin guardou o segredo muito bem guardado numa cabaça e pendurou numa árvore bem alta. A árvore ficava bem defronte à porta de sua casa. Pois bem: quem precisasse de qualquer remédio, ou como saber preparar alguma comida de folha ia até Ossáin. Mas tinha de esperar ser atendido e pagar pelo conhecimento. Os orixás e os humanos passaram a depender da vontade de Ossáin. Somente ele sabia do segredo das folhas e como fazer uso das plantas. Na porta de Ossáin, tinha sempre aquele bolo de gente, num eterno empurra-empurra. De longe, se ouvia o alarido. Muitos até protestavam de canto de boca, mas tudo ficava no mesmo.

Um dia, um dos nove filhos de Iansã foi acometido de uma dor terrível. E logo quem: o caçula. Ela morria de amores por aquele filho. Iansã correu até à casa de Ossáin, em busca de uma planta pra curar o seu menino. Chegando lá, disseram a ela que Ossáin estava muito ocupado. Ele só podia atender mais tarde e que ela esperasse no meio de todos. Todo mundo sabe: bole com quem não conhece e veja o que te acontece. Pois bem: Iansã olhou aquele amontoado de gente, viu a árvore enorme e bem alta na porta de Ossáin e a cabaça com o segredo das folhas pendurada lá, na galha mais alta. Iansã foi se desesperando e terminou sendo tomada pela fúria. Aí, ela soltou de si o *efurufu lelé*, o grande e terrível vendaval que arrasa tudo.

Não ficou árvore em pé. A cabaça do segredo caiu, se espatifou e as folhas todas foram espalhadas pelo mundo. Quando Ossáin ouviu o barulho da destruição, largou as ocupações e veio saber do que se tratava. Aí, ele viu o grande redemoinho de folhas pelos ares e gritou em desespero: “Ewe o! Ewe o!”, que quer dizer “Oh, folhas! Oh, folhas!”

Então, todos os orixás vieram saber do que se tratava. Oxalá, o Pai da Paz, sentenciou: “Vão todos catar as folhas, cada um vai ficar sendo dono das folhas que conseguir ajuntar”. Os orixás viram aquela confusão e não se fizeram de rogados: todos correram pra apanhar as folhas no meio do vendaval. Aí, Iansã pegou as folhas que queria e abrandou sua natureza. O vento se acalmou. Foi uma maravilha! Oxum, a mãe da beleza, juntou as folhas pra enfeitar a vida. Obaluaiyê ficou com as raízes que servem de alimento pra sustentar os humanos. Nanã, a mais velha das mais velhas, guardou todas as folhas que servem pra fazer chá. Iemanjá, a mãe do oceano, ficou com as folhas do mar. Omolu, o pai da pobreza, guardou as folhas pra curar. Oxóssi, o grande providenciador dos alimentos, segurou as folhas que são comestíveis. Iku, a Morte, apanhou as folhas que matam.

A partir desse dia, quem entrasse na casa de Oxum ficava maravilhado com tanta planta enfeitando tudo. E a pessoa que não estivesse bem, só de olhar aquela maravilha, ficava logo melhor. Obaluaiyê passou a ensinar como se faz comida com raízes a quem estivesse com fome. Nanã passou a distribuir chás curativos com quem precisasse. Omolu passou a curar as mazelas do corpo e da alma com as plantas medicinais. Quem recorresse a Oxóssi aprendia como se alimentar com folhas. E Ossáin continuou sabendo o segredo do tratamento. Mas o enorme ajuntamento na porta da casa dele não existia mais.

**A CADA UM, O QUE É SEU. E A TODOS,
O QUE É DE TODOS.**



OSIIVANDU
2015

O SEGREDO DO OUTRO



Contam os mais velhos que, naquele tempo, Oxóssi ainda andava pelo mundo caçando. Um dia, ele encontrou um moço bem no fundo da mata virgem, completamente despido, embaixo de uma árvore enorme. Mas Oxóssi é caçador e não é dado a conversa comprida, nem muito menos a querer saber da vida dos outros. Oxóssi presta atenção em todos os sinais. Por isso, ele notou que o moço tinha ares de gente fina. Também viu um *ebó* que o moço tinha botado ao pé da árvore. No *ebó*, tinha as roupas e os pertences do moço. Tinha até uma faca, a única arma que o moço possuía. Esse moço era Otim.

Acontece que Otim estava ali fugindo do meio de sua gente. Ele sempre foi arredio e não gostava de sair de casa, nem da companhia de ninguém. As pessoas viviam infernizando sua vida. Todo mundo criticava seu modo de viver, insistindo pra ele sair de casa, passear, fazer amizades. Ele não aguentou mais aquela situação, resolveu sair escondido e se embrenhou na mata.

Otim passou uma madorna debaixo de uma árvore. Ele estava muito cansado, com fome e com sono. Aí, ele teve um sonho. Uma voz dizia no sonho: “Pegue tudo que é seu, faça um *ebó* e ofereça debaixo desta árvore”. Assim mesmo ele fez, ficando despossuído de tudo. Foi quando apareceu Oxóssi, o Grande Caçador, carregando um bocado de caças.

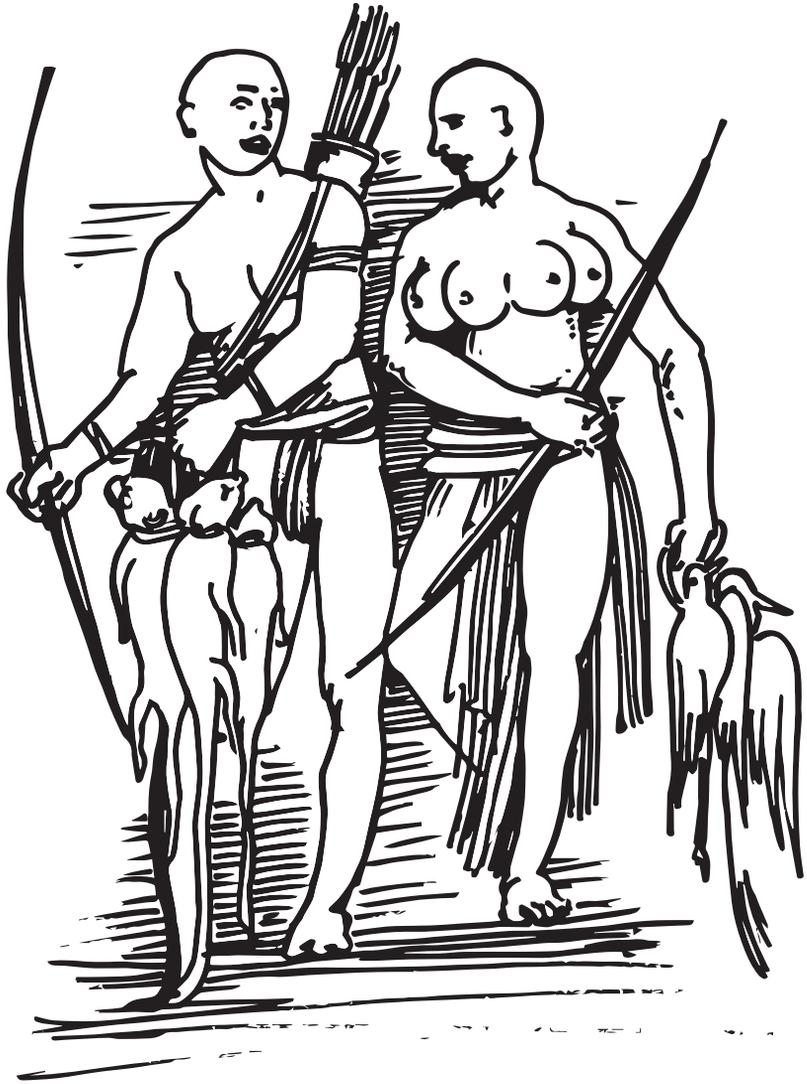
Oxóssi apanhou a faca de cima do *ebó* e preparou uma roupa com peles das caças. Otim se vestiu e ficou protegido da frieza da mata. E Oxóssi fez mais ainda: cortou pedaços de carne, fez fogo e preparou comida pra ele e Otim. Depois, Oxóssi fez uma cabana e ficou uns tempos por ali, caçando. Otim resolveu acompanhar o grande caçador. Oxóssi ficava calado e Otim, completamente em silêncio, observava tudo que Oxóssi fazia.

Oxóssi fazia arcos, preparava as flechas, treinava vezes sem conta, atirando em alvos difíceis. Fazia as armadilhas pra pegar os bichos, preparava a comida, mantinha a cabana em ordem. A princípio, Otim só fazia ficar espiando, mas depois, começou a ajudar Oxóssi em tudo. Foi aí que Oxóssi resolveu dividir as tarefas com ele.

Quando Oxóssi percebeu que Otim já sabia fazer um bocado de coisas, partiu pra outro lugar e Otim seguiu seus passos. O rapaz fino e educado, todo retraído, encolhido pelos cantos, foi se transformando num verdadeiro caçador, homem da mata. E Oxóssi nunca lhe fez pergunta nenhuma sobre sua vida e por que tinha resolvido viver na mata. Nem sequer comentou nada, quando surpreendeu, um dia, Otim tomando banho num riacho. O mistério de Otim então apareceu: ele era homem, mas tinha um corpo de moça. Mais ainda: tinha quatro mamas. E isso tinha sido causa de seu sofrimento, se escondendo do mundo. Oxóssi nada disse, nada comentou, nem mostrou espanto. Aí, Otim perdeu a vergonha de ser como era, se aceitou e passou a conversar.

Um dia, Otim disse a Oxóssi que já estava pronto pra seguir seus próprios caminhos. Agora, ele já se conhecia e sabia labutar com os outros, porque tinha aprendido a labutar consigo mesmo. Aí, eles se despediram, e cada um seguiu adiante, sozinho. Mas até hoje eles se encontram de vez em quando, pra caçar juntos. Eles ficaram muito parecidos um com o outro, no modo de ser. Por causa disso, muita gente confunde os dois como se fossem o mesmo caçador, apesar de serem tão diferentes.

**O OUTRO DEIXA DE SER ESTRANHO, QUANDO
É RECEBIDO NATURALMENTE.**



OSHWIDO
2015

O SEGREDO DO POTE



Contam os mais velhos que Olokun tinha uma linda filha. Ela era meiga, maternal e muito dedicada. Era Iemanjá, a Mãe dos Filhos Peixes. Olokun prometeu a filha a Olofin em casamento. Aí, Iemanjá se casou com ele e se foi em sua companhia, pra as terras que ficam bem distantes do Okun-nlá, isto é, do Oceano. No dia do casamento, Olokun presenteou sua filha com um pote. Mas avisou, com uma voz de quem sabia das coisas:

– Filha, guarda bem este pote. Se algum dia, você cair num perigo grave, ou tiver uma extrema necessidade, não vacile: quebre este pote e você vai ser socorrida imediatamente. Mas se lembre bem: só em último recurso...

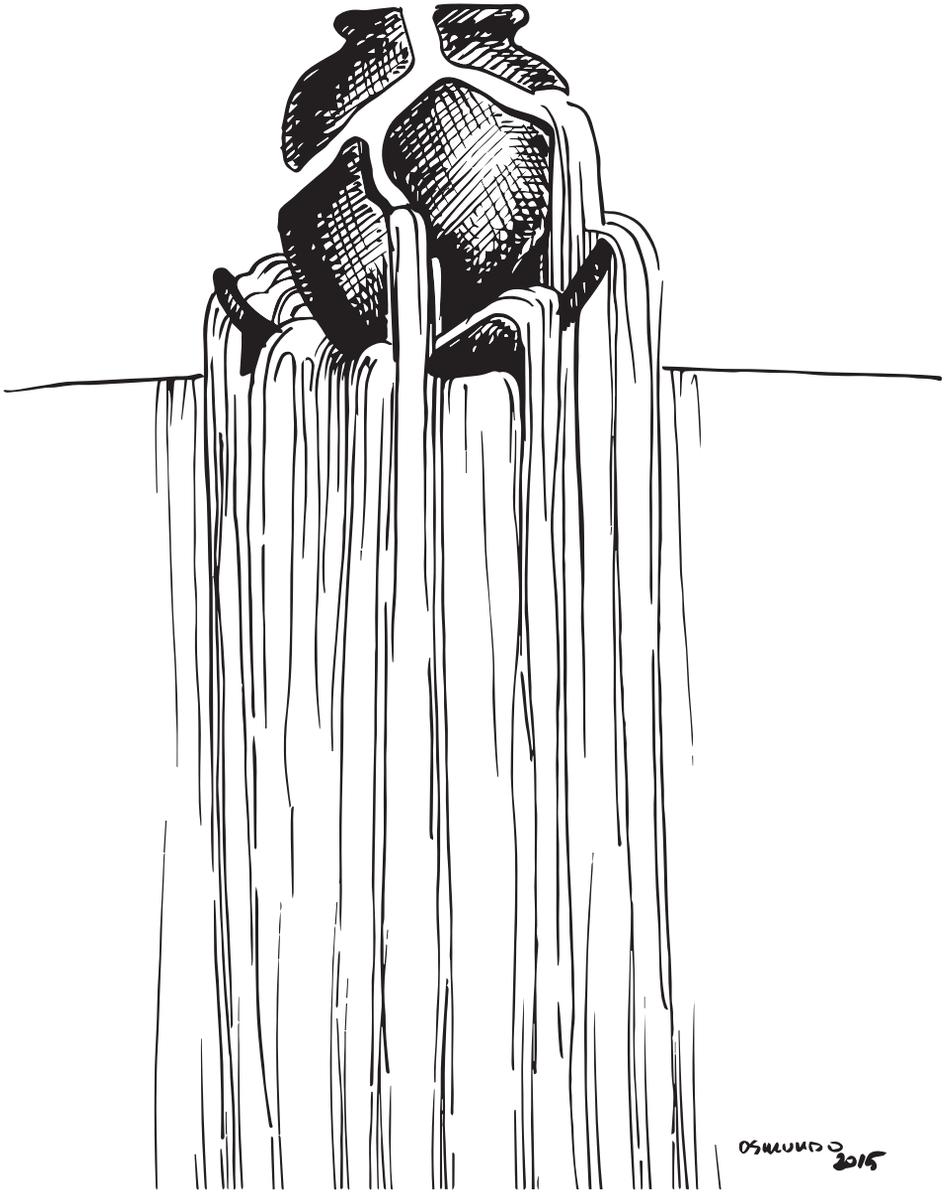
Com o tempo, Olofin foi-se demonstrando um marido que tinha um ciúme doentio. A vida de Iemanjá ficou resumida apenas ao palácio real. Ninguém podia lhe dirigir a palavra sem autorização expressa do marido. E quando ele saía pras guerras de conquista, a esposa tinha de ficar trancada, em completo isolamento, até que ele voltasse. Foi então que Iemanjá sentiu necessidade de se libertar daquele cativo. A lembrança de seu tempo de liberdade, vivido no reino de Olokun, aumentava ainda mais a sua dor. Afinal, como é sabido, não há dor maior do que, no tempo do cativo, a pessoa se recordar da liberdade.

Pois bem: Iemanjá começou a pensar em fugir. Tentou algumas vezes em vão, pois parecia que Olofin adivinhava seus pensamentos. Ele descobria a tempo qualquer coisa que ela planejasse. Um dia, Olofin voltou coberto de glória de uma de suas conquistas e ofereceu um grande banquete a centenas de convidados. Ele bebeu vinho de palma até se fartar e dormiu embriagado. Se aproveitando disso, Iemanjá fugiu do palácio. Mas ela não conhecia os caminhos do deserto e terminou se perdendo. E quando o dia

amanheceu, ela nem sequer sabia onde estava. Nesse meio tempo, Olofin acordou, tomou conhecimento da fuga de Iemanjá e saiu procurando por ela, com muitos soldados. Desta vez, ela ia voltar como uma prisioneira.

Quando Iemanjá avistou o exército do marido se aproximando, se deu conta da tragédia que ia lhe acontecer. Aí, ela se lembrou do presente que seu pai lhe deu, no dia do casamento. Abriu a bagagem e retirou o pote. E quando Olofim mandou os soldados amarrarem a esposa, ela palmeou o pote e arremessou no chão. E aí, se deu o encanto: de repente, o Oceano se avolumou, invadiu a Terra e o deserto virou mar. Do exército de Olofim não escapou ninguém. Nem mesmo o próprio Olofim. Todos morreram afogados. Iemanjá voltou para o Okun-nlá e passou a reinar sobre todas as águas do oceano.

**OS TIRANOS TERMINAM SEMPRE SE
AFOGANDO NAS ÁGUAS TURVAS DE SUA
PRÓPRIA TIRANIA.**



OSMUNDO
2015

O SENHOR DE GRANDE RIQUEZA



Contam os mais velhos que Ifá tinha dezesseis filhos. Entre eles, havia um que era grande caçador. O nome dele era Obará. Pois bem: era um caçador muito pobre e simples, mas ele sabia que seu destino lhe reservava grandes riquezas. E era justamente por isso que ele não se abalava com nada. A pobreza não lhe doía e a vida simples que levava era até motivo de alegria. Enfim, ele vivia feliz consigo mesmo, com a vida e com os outros.

Um dia, seus irmãos se reuniram e foram visitar o pai, Ifá, o orixá da adivinhação. Resolveram não chamar Obará, porque consideravam ele um matuto ridículo. Sentiam até vergonha da companhia do irmão. Obará andava cheio de mochilas, arcos e flechas, cordas, e essas coisas todas que os caçadores carregam consigo.

Os quinze irmãos queriam melhorar a sorte. Aproveitaram a visita ao pai e perguntaram a ele o que deviam fazer para melhorar de vida. Ifá recomendou que eles fizessem um *ebó* de grande força e segredo. Eles almoçaram com o pai, conversaram muito e depois se despediram.

Mas não é que eles terminaram se esquecendo do *ebó*? Sabe como é... Essa gente assim faz tudo sem profundidade... Mas a Terra jurou a Deus que nada se fizesse que não se soubesse. A notícia terminou chegando aos ouvidos de Obará. Então, ele fez seu *ebó* por conta própria, conforme Ifá tinha recomendado aos outros irmãos.

Em um outro dia, os irmãos voltaram à casa de Ifá. Conforme sempre procediam, não convidaram Obará. Outra vez, fizeram consultas e Ifá, novamente, ofereceu um grande almoço a eles. Na saída, Ifá presenteou a cada um com uma abóbora enorme, e eles foram embora muito contentes. Na volta, resolveram passar pelo rancho de Obará, pra uma visitinha rápida. Lá chegando, encontraram o irmão na labuta com as caças. Estiveram por ali, cada um

puxando uma conversa, falando de coisas sem importância.

Na saída, Obará ofereceu várias caças a todos os quinze irmãos. Pra retribuir a gentileza, os irmãos lhe presentearam com as abóboras que receberam de Ifá. Todos se despediram e foram embora satisfeitos. Obará olhou aquele monte de abóboras e ficou pensando o que fazer com elas. Afinal, tinha sido um presente dos irmãos e ele não seria ingrato a ponto de ignorar o presente. Pensou em dividir com outros caçadores, seus amigos. E resolveu cozinhar uma delas.

Quando Obará partiu uma das abóboras, ela estava repleta de moedas de ouro e pedras preciosas. Partiu outra e mais outra e mais outra... Enfim as quinze abóboras continham uma imensa fortuna. Era a sabedoria de Ifá premiando o filho pobre, que era rejeitado pelos irmãos. A partir desse dia, Obará se tornou senhor de grande riqueza como estava traçado no seu destino.

**A QUEM DEUS PROMETE RIQUEZA NÃO
OFERECE MIGALHA DEPOIS.**



5108
CIVILIZO
2015

DEPOIS DE TER CONTADO



Acabei. Gostou? Você agora pode até me fazer uma pergunta:

– Mas o que é mesmo um *itan*?

Pois muitos afrodescendentes poderão lhe responder assim:

– *Itan* é uma história, qualquer história; um conto.

Mas alguém pode completar a informação, dizendo:

– De um modo muito específico, os *itan* são histórias do sistema nagô de consultas às divindades. Havia, e ainda há, muitas pessoas dedicadas, em sua vida inteira, à aprendizagem dos mistérios e da prática da adivinhação e do contato com os seres divinos, no meio do povo nagô.

Você pode até fazer outra pergunta:

– E como é que isso acontece?

Eu respondo. Antigamente, isso apenas acontecia através de um sacerdote adivinho, chamado babalaô. Ele fazia a consulta a um orixá, chamado Orunmilá Babá Ifá, por meio de um objeto ritual, conhecido pelo nome de Opelé Ifá ou, simplesmente, Ifá. É uma espécie de rosário aberto, mais ou menos em forma de corrente, contendo quatro metades do coco de dendezeiro de cada lado. Mas também eu não vou contar aqui como se faz a consulta, não é? Isso é para quem quer se dedicar de corpo e alma a tal conhecimento. Mesmo, de que adianta você saber de todos os procedimentos, se você não vai ser um babalaô? E ainda que alguém conheça todos os procedimentos, isso não faz esta pessoa tornar-se babalaô. Por trás disso, existe uma postura, uma rede de conhecimentos próprios da tradição nagô. Lembra-se do *itan* *O saber e a sabedoria*?

Há umas coisinhas, porém, que qualquer investigador pode saber. Vou lhe dizer algumas. O povo nagô acreditava (e o povo de terreiro ainda continua acreditando) na possibilidade de comunicação entre os humanos e os seres divinos, os orixás. Uma dessas

possibilidades acontece por meio do opelé, e o babalaô sabe como fazer isso. Ele domina um conhecimento muito específico. É um especialista, portanto. Além do instrumento, o opelé, também há um conjunto de dezesseis sinais, chamados odu. Cada sinal, chamado de odu, é como se fosse um volume de uma grande coleção de livros. Cada odu é uma energia criadora, que vem direto de Olorum, o Deus do Universo, para as criaturas, através de Orunmilá. Cada odu indica um *caminho* a seguir. Mas esse caminho é mostrado através de um número considerável de histórias. E essas histórias são os *itan*.

Os babalaôs sabem todas essas histórias de cor. E tem mais: tudo isso, antigamente, era aprendido e ensinado apenas através da fala, porque o povo nagô não conhecia a escrita. O babalaô via o sinal, rememorava todas as histórias que compunham aquele odu e, entre todas, selecionava apenas uma, que era perfeitamente adequada para responder à pergunta que a pessoa tinha feito. E são tantas as histórias, que os babalaôs faziam encontros anuais para trocar experiências entre si, atualizar o repertório.

A importância da história era, e ainda é, justamente, a de mostrar de que maneira, em um tempo muito antigo, o mesmo problema que motivou a consulta tinha sido resolvido. Essas histórias tinham sido vividas por pessoas, por bichos, por plantas ou por divindades e são narradas com muita poesia e simplicidade. A estrutura das histórias é interessante: o fato narrado, um ritual recomendado e a interpretação do babalaô. O *itan*, então, é uma espécie de lenda para ser contada (e, às vezes, narrada de modo cantado) pelos babalaôs, e expressa a fala de Orunmilá Babá Ifá, o Orixá do Destino, da adivinhação.

Acontece que a fala de Ifá é muito simples. Afinal, a simplicidade é o último degrau da sabedoria. Mas se o adivinho, isto é, o babalaô, não tiver um bom preparo, um conhecimento suficiente, ele pode até selecionar uma história errada. E se ele fizer a recomendação errada, aí, então, bota a perder tudo o que seu consulente queria alcançar. A interpretação, nem se fala. Quando nós conversamos, até mesmo dentro de nossa casa, uma pessoa diz uma coisa e outra pode entender outra. Na consulta ao Ifá, também

existe risco semelhante. Se o babalaô se descuidar, pode acontecer um engano terrível. E para agravar, a fala de Ifá é uma parábola, isto é, uma narração que mostra uma coisa para dar ideia de outra. Além disso, os seus elementos lembram outra realidade de ordem superior. Cabe ao babalaô interpretar a parábola. Por isso, o *itan* é uma explicação, sob forma de história, de como um problema semelhante foi resolvido num passado muito, muito distante mesmo.

Um *itan* encerra lições de vida, de conhecimento, de sabedoria, de experiência. As dúvidas dos humanos são incontáveis, e é por isso que existe também um número incontável de *itan*. Então, você está vendo que um *itan* é mesmo um exemplo. Por isso, muitos dizem: é uma história-exemplo. Isso se baseia na crença de que o passado se repete no presente, que é o mesmo entendimento contido na frase bíblica, tão conhecida: *Não há nada de novo debaixo dos céus*.

A escrita não fazia parte da vida do povo nagô. Para ser babalaô, então, o homem tinha de ter uma memória privilegiada. Mulher não podia ser babalaô: era uma função exclusivamente exercida pelos homens. Cabia à mulher o papel de esposa ou ajudante do babalaô. Na maioria dos casos, ela exercia os dois papéis. Normalmente, eram mulheres dedicadas ao culto de Oxum, a divindade que sabia o segredo do jogo de búzios. Por isso mesmo, elas também podiam consultar o jogo de búzios, que não era praticado pelo babalaô, tal qual acontecia com o opelé.

Esse jogo era, e ainda é, constituído por um conjunto de dezesseis búzios quebrados numa de suas faces. Então, o búzio passa a conter dois lados: um aberto e outro fechado. E ao serem jogados numa mesa para tal fim, os búzios formam um conjunto de tantos abertos e tantos fechados. É esse conjunto que é lido e interpretado. Interessante é notar que a interpretação se baseia nos mesmos odus de Ifá. Estava criada, então, a possibilidade de uma substituição do jogo do opelé pelo jogo de búzios, conforme aconteceu no Brasil. Mas vamos com calma...

Você ainda poderá até fazer outra pergunta:

– Mas o que tem isso a ver com as histórias que acabei de ler neste livro?

Vamos ver se eu consigo explicar. Quando os negros foram trazidos da África para o Brasil pelo sistema de escravidão, trouxeram consigo também um conhecimento amplo. Afinal, todos os povos, de todas as épocas, de todos os lugares, construíram uma rede de conhecimentos e experiências, própria e particular, a que nós denominamos de cultura. Entre os vários povos africanos que foram trazidos à força para serem escravos no Brasil, veio também muita gente nagô: homens e mulheres, jovens e adultos. Em sua terra de origem, essas pessoas eram reis, rainhas, príncipes, princesas, ministros, nobres, plebeus, caçadores, sacerdotes, sacerdotisas, artistas. Enfim, exerciam um sem número de atividades e papéis, tão próprios das sociedades livres.

O conhecimento que o nagô construiu na África, através dos séculos, lhe permitiu sustentar as relações entre as pessoas e possibilitou uma compreensão do universo e da vida muito particulares. Mas esse modo de se relacionar e essa compreensão eram totalmente diferentes da cultura da Europa. Aqui, no Brasil, os negros foram discriminados e isolados e lhes foi negado o acesso aos bens e serviços da cultura dominante. Tendo os seus direitos humanos negados, os escravos e seus descendentes criaram várias formas de salvaguardar seu conhecimento, resistindo à opressão dos dominantes. Uma delas foi transformar certos princípios em segredo religioso.

Outra forma foi a construção do espaço dos terreiros de candomblé, considerado pelo povo de santo como espaço do sagrado. E ali, os fiéis, adeptos e simpatizantes passaram a exercer uma prática que, para os de fora, baseava-se no sincretismo. Para os afrodescendentes, no entanto, a verdade sempre foi outra. O sincretismo sempre foi apenas uma fachada. Era por isso, por exemplo, que não bastava a missa ou a procissão para Santo Antônio. Era necessário que houvesse também a roda de candomblé no terreiro, para receber Ogum, o orixá da demanda, da batalha, da peleja, o dono do ferro, aquele que abre os caminhos. Pouco importava se os de fora pensassem que a roda era uma homenagem a Santo Antônio. E, até mesmo, era conveniente que continuassem a pensar assim. E

o povo de terreiro manteve, para com os de fora, a ilusão do sincretismo, como uma defesa contra o preconceito.

A forma funcionou tão bem que os quinhentos anos de rejeição não foram suficientes para apagar a força da cultura religiosa dos afrodescendentes. Assim, os valores religiosos da cultura nagô sobreviveram também no Brasil. Isso se deve, em grande parte, ao fato de os negros nagôs não separarem a vida cotidiana das práticas de religião com o divino. Também nesse aspecto, eles sempre foram muito diferentes da população colonial, de origem europeia. Assim, os afrodescendentes conservaram, no Brasil, os inúmeros fenômenos da cultura nagô trazidos da África. Exemplo disso é o sistema de adivinhação, de leitura do destino, de consulta às divindades, que era de importância fundamental. Isso foi uma decorrência natural da prática de vida exercida por eles, que sempre se basearam na convivência íntima com as suas divindades. Daí a necessidade de sempre procurar saber, através da consulta, quais as ordens, conselhos, exigências, explicações e orientações dos seres considerados divinos.

O sistema de escravidão brasileiro negou-se a reconhecer os valores das várias culturas africanas, principalmente os valores religiosos. Então, muitos dos costumes não sobreviveram. Assim, também desapareceu a função de babalaô, o sacerdote do culto a Orunmilá Babá Ifá, aquele que sabia jogar o opelé e ler o futuro. Esse foi um dos motivos que fizeram o jogo de búzios substituir o jogo do opelé de Ifá e, aos poucos, alcançar popularidade, conforme acontece nos dias de hoje. Então, os *itan*, na condição de textos considerados sagrados, foram caindo em desuso. Mas na África, a história teve um rumo completamente diferente e os *itan* continuaram sendo utilizados e continuam sendo, até hoje, atualizados pelos babalaôs. Lá, eles não desapareceram e continuam exercendo um papel importante para as comunidades. Vale considerar, no entanto, que de um certo tempo para cá, têm surgido novos babalaôs no Brasil. Isso se deve ao fluxo de pessoas que vão à África para se iniciar em Ifá, ou de babalaôs que vêm da África para iniciar pessoas no Brasil.

Aconteceu uma coisa interessante no Brasil: o *itan* passou por um *desgrudamento*. Quer dizer na medida em que ele foi deixando

de ser utilizado como texto sagrado pelos babalaôs, também foi passando a ser contado, principalmente, como uma história-exemplo, fora do momento exclusivo da consulta. Já não era mais necessário interpretar a história, nem fornecer a receita para um ritual religioso, isto é, um *ebó* para resolver a situação. Assim, os mais velhos começaram a divertir a criançada contando, narrando, cantando histórias de gente, de bichos, de plantas, de orixás, que encerravam princípios éticos e morais.

Isso, naturalmente, começou a acontecer na própria senzala, onde as mais diversas origens e culturas negras trazidas para o Brasil se misturavam. Do interior da senzala, as histórias chegaram ao terreiro da casa-grande dos engenhos. Daí aos alpendres e varandas, à cozinha, ao quarto de dormir, ao berço. A interpretação e a recomendação de um ritual foram deixadas de lado. Enquanto isso, foi-se dando ênfase ao princípio ético ou moral. E, aos poucos, esse ensinamento foi tomando forma, até mesmo nos *itan* em que isso não era tão evidente assim. E com essa nova forma, lá se foram os *itan*, de boca a ouvido, ganhando terreno.

O *itan*, desse modo, assumiu uma feição mais universal, pois contar histórias para ensinar princípios éticos e morais é próprio da cultura da maioria dos povos. Quer ver uma coisa? Vá lá, na Bíblia... O que tem de histórias desse tipo nos Evangelhos... Entre muitas, vou lembrar uma a você:

O PAGAMENTO DOS TRABALHADORES

Um fazendeiro levantou bem cedinho para contratar trabalhadores. Contratou alguns, combinou com eles o preço de trinta reais por dia e mandou que eles fossem para a roça. Isso era por volta de seis horas da manhã. Quando deu nove horas, ele tornou a sair e viu uns homens desempregados, batendo papo na praça. Se aproximou deles e disse assim:

– Eu tenho trabalho para vocês e pago um preço bom.

Os homens foram para a roça e o fazendeiro foi para casa. Mas por volta do meio-dia, ele saiu de novo e contratou outros homens. O

mesmo aconteceu lá pelas três horas da tarde. Como se não bastasse, ele saiu outra vez, às cinco horas e encontrou mais outros homens que estavam na praça sem fazer nada. O fazendeiro perguntou a eles:

– Por que vocês estão aí, o dia inteiro, desocupados?

Então, os homens disseram:

– Por que a gente não achou serviço.

E o fazendeiro nem pestanejou. Foi logo dizendo:

– Vão vocês também trabalhar na minha roça.

Quando já estava anoitecendo, o fazendeiro disse ao seu administrador:

– Chame os trabalhadores e pague uma diária para todos. Comece pelos últimos e termine pelos primeiros.

Chegaram primeiro os que tinham sido contratados já no final da tarde e cada um recebeu trinta reais. Por fim, chegaram os que foram contratados no comecinho da manhã. Eles pensavam que iam receber mais. Mas cada um deles recebeu também trinta reais. Quando receberam o pagamento, começaram a resmungar contra o fazendeiro e disseram:

– Esses últimos trabalharam apenas uma hora e o senhor pagou a mesma coisa que pagou para gente. A gente deu um duro danado, o dia inteiro, debaixo do sol, num calor de matar...

Aí, o fazendeiro disse assim:

– Ô gente, eu não fui injusto com vocês. Não combinamos trinta reais a diária? Pois então? Não foi isso que eu paguei a vocês? Tomem o dinheiro que vocês ganharam e vão embora para casa. Mas eu quero pagar a esses últimos o mesmo que paguei a vocês. Por acaso não tenho o direito de fazer o que eu quiser com o meu dinheiro? Ou vocês estão com inveja porque eu estou sendo generoso?

*Pois é... **Os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos.***

(Mateus: 20, 1-16)

Pois é, digo eu... Esse e outros *itan* narrados nos Evangelhos correram, e ainda correm, de boca em boca, entre a humanidade. No Brasil, também são considerados portadores de verdades, e essa crença

faz parte da cultura dominante. Mas os outros *itan*, os dos afrodescendentes, do povo de terreiro, foram taxados de “coisas de bruxaria”, “coisas do demônio”. E agora, com essa onda de certas seitas que rondam por aí, os preconceitos estão cada vez mais sendo cultuados. Isso não deixa de ser preocupante, pois foi assim que foram acesas as fogueiras da Inquisição na Idade Média. É preciso não esquecer: existem grupos que, de tempos em tempos, acendem suas fogueiras. Alguns, para se aquecer; outros, para se comunicar. Mas também existem aqueles que acendem fogueiras para queimar o outro que pensa diferente.

E ainda tem mais um aspecto: é a questão da oralidade em relação à construção do conhecimento oficial. A cultura ocidental tem sido construída através dos caminhos da exclusividade escrita. Então, o mecanismo tem funcionado assim: se é coisa escrita, tem valor; se é coisa falada, dizem até que o vento carrega as palavras. Por isso, na nossa nação, o pensamento escrito sempre teve força sobre o pensamento falado. A palavra falada ficou, então, sendo usada para assuntos não oficiais, considerados não tão legítimos. Mesmo, a Ciência sempre rejeitou a oralidade. E aí, as coisas orais podem até ser consideradas bonitas, lindas, mas não são levadas a sério.

Veja o tanto de mal que o preconceito pode fazer. Foi por isso que os *itan* dos afrodescendentes nunca foram contados na escola. Ultrapassar essa barreira de preconceito custa muito. Ora, se um valor não é levado em consideração, o grupo social que o cultiva também recebe o mesmo tratamento, e vice-versa. E lá vamos nós escrevendo. Mas não é justamente isso que eu estou fazendo agora? É porque não posso e não devo esquecer o *itan* sobre *O sapo invisível*. Tanto eu quanto você já sabemos: *Na terra de sapo, de cócoras com ele*.

Mas vamos voltar à nossa conversa sobre o que aconteceu com os *itan*, no Brasil. Com o surgimento dos terreiros de candomblé, a consulta através do jogo de búzios foi se firmando como uma prática. Essa prática terminou sendo também reconhecida por muitas pessoas que não fazem parte das comunidades de terreiro. Mas vale a pena lembrar que pessoas ligadas aos terreiros, normalmente, têm uma forma de viver baseada nos mitos. E o *itan* é a forma mais expressiva para narrar a mítica do povo de santo.

Mais tarde, muito mais tarde mesmo, apareceram os estudiosos, os sociólogos, os antropólogos, isto é, o povo da ciência, e começaram a futucar as coisas. Busca daqui, busca dali e foram achando os *itan* nos terreiros de candomblé mais antigos da tradição nagô, nos cadernos de anotações de alguns iniciados já idosos, na tradição oral recolhida entre o povo de santo. Foram à África, compararam os achados de lá com os daqui. E aí, terminaram publicando, em livros, um número cada vez maior de *itan* recuperados.

Por falar nisso, me lembrei agora de mais um *itan*:

O ENGANO DO AMENDOIM

Contavam os mais velhos que o pé de amendoim não andava nada satisfeito com a vida. Aquele negócio de ele botar semente apenas na raiz, sem ninguém poder ver o quanto ele era farto, deixava ele nervoso, aborrecido, contrariado. E ainda tinha mais uma coisa: sua ramagem era pequena, quase nem era notada. Logo ele, cujas sementes serviam para preparar um delicioso prato para Oxóssi, o Grande Caçador... E os homens mais idosos, ou os sem tenência, então... Esses eram os mais beneficiados, quando comiam suas sementes. Com tanta energia para oferecer aos humanos e estava ele ali, com uma ramagem sem expressão e as sementes escondidas debaixo da terra. E quando os humanos faziam a colheita, metiam a mão nas suas intimidades, arrancavam suas vagens e simplesmente deixavam suas ramas para secar em cima da terra. Ah, era demais!

Seu vizinho, o pé de feijão, lhe aconselhou fazer uma consulta. Assim fez o pé de amendoim. Disseram a ele seria bem melhor se ele prestasse atenção nas suas raízes. Era próprio dele o axé correr todo para baixo. Era assim que sua raiz podia sustentar tudo e produzir sementes. Mas, em todo caso, logo que ele queria inverter as coisas, juntasse as ramas secas da última safra e se alimentasse com elas. E quando chegasse o tempo de enramar, fosse botando brotos, brotos e mais brotos e aguardasse o resultado.

E assim fez o pé de amendoim. Então, aconteceu a maravilha: ele botou tanta rama, mas tanta rama, que invadiu os quintais, os outros

pés de planta, as cercas, os telhados, tudo. E o povo ficou admirado com aquilo. O pé de amendoim se transformou na mais feliz das plantas. Nem cabia em si de tanta alegria: era motivo para olhares, elogios e até mesmo invejas e ciumadas.

Pois bem. Chegou o tão esperado tempo da colheita. Acontece que a Natureza não lhe concedeu a capacidade de botar sementes na rama. E aí foi aquele desconforto. Não acharam nenhuma semente, nem nas suas ramas, nem na sua raiz. E que fez o povo? Passou a não dar a menor atenção ao pé de amendoim. Ao contrário, ele foi considerado um incômodo. Aquelas ramas, sem serventia para nada, deviam ser cortadas e queimadas. Afinal, havia plantas produtivas precisando de espaço.

*Nem é preciso dizer: o pé de amendoim entrou em outra crise, pior do que a primeira. Noites sem dormir, dias sem comer, queixas aos vizinhos, todo jururu, numa lamentação que fazia dó. E lá se foi ele fazer nova consulta. Quando voltou de lá, tinha uma nova decisão: ia deixar esse negócio de ramas para lá e dar toda atenção às suas raízes. De que adiantava tanta rama bonita se a serventia dele estava na raiz? Afinal, **a aparência, mesmo bonita, não substitui a essência.***

Pois é. Olhe aí mais um *itan* acrescentado... Acrescentar mais um é uma marca de quem vive uma existência nagô. É um povo que deixa sempre um ponto de abertura, pois acredita que o Universo é um conjunto aberto. Aí, eu me lembro de uma coisa interessante. Vou contar para você. Os antigos nagôs, mas aqueles de um tempo muito antigo mesmo, usavam um sistema de contar baseado no número de dedos das mãos e dos pés. E você sabe: os humanos têm vinte dedos (embora eu tivesse conhecido Seu Antônio Pisunha, que tinha vinte e um). Aquilo que passasse de vinte era tido como numeroso, enorme, muito grande. E se chegasse a vinte vezes vinte, seria um número infinito. E aí, para conservarem esse infinito também aberto, acrescentavam mais uma unidade e chegavam ao número 401. Isso significava uma quantidade que não podia ser calculada nunca. Por isso, eles diziam, e os modernos ainda dizem, que existem 400 divindades (os Irumalés) da direita e 200 da esquerda. A esse total de divindades, tanto da direita quanto da esquerda, acrescentavam mais uma unidade. Assim, o número

401 era considerado como infinito, naqueles tempos. É divindade que não acaba nunca mais... Você já notou que o brasileiro, até hoje, tem um costume de dizer “Tenho 1.001 coisas para fazer”? Olhe o acréscimo, de mais um, aí, também... Pois é: um jeitinho nagô de falar.

Então eu fiz o mesmo. Elaborei um universo com um número determinado de quarenta e duas histórias. Ficou um mundo fechado. De repente, acrescentei mais uma, *O engano do amendoim*, e o universo que eu criei se abriu. Mas você tinha notado que estava faltando um *itan* sobre planta? Pois é. Nada acontece por acaso.

Mas vamos voltar à nossa conversa anterior, sobre os *itan* de Ifá recuperados pelos estudiosos, pesquisadores e religiosos dos tempos de agora. Pois bem. Os textos recuperados, no entanto, são os *itan* de Ifá, utilizados pelos babalaôs. Não são os *itan* que eu acabei de contar. Esses que eu contei são originados dos textos sagrados, sim. Mas vieram das senzalas, dos terreiros das casas-grandes, das mãos-pretas, dos pretos-velhos e também foram preservados dentro dos terreiros de candomblé. E esse modelo se tornou tão forte que terminou também incluindo histórias de outras origens, tais como as histórias trazidas pelos escravos de Angola e do Congo e até mesmo de outras origens africanas. Foi até mais forte, a ponto de englobar também histórias de origem europeia e tantas outras criadas pelos próprios brasileiros. A forma de contar, agora, se centrava na lição a ser ensinada e num modo africano-brasileiro de narrar, no qual os valores do povo de santo e a oralidade continuavam sendo uma profunda marca de identificação.

São histórias para ensinar e aprender, mas sempre estiveram ausentes da sala de aula da escola tradicional. Faziam parte, e ainda fazem, de um sistema de ensino paralelo. Não servem de veículo ao ensino das matérias ou disciplinas curriculares, mas ensinam a vida. Esses, sim, são os *itan* desse meu livro, *A Fala do Santo*, sobre os quais também me debrucei nos meus estudos, durante o tempo em que participei do Kàwé, onde desenvolvi pesquisas sobre o quarto de consulta, que é o lugar onde o pai ou a mãe de santo atende às pessoas. Esse espaço não é um quarto qualquer: é um lugar destinado a ouvir quem queira se consultar e enviar suas perguntas aos

orixás. Na consulta com o opelé, a pergunta era feita a Orunmilá Babá Ifá, apenas pelo babalaô. Agora, no jogo de búzios, pode ser feita a qualquer orixá, tanto por homens quanto por mulheres que ocupam o posto mais alto na hierarquia do terreiro, o babalorixá ou a ialorixá, respectivamente. Como podemos ver, aconteceu uma considerável democratização no sistema.

A consulta feita através do jogo de búzios revela *A Fala do Santo*, isto é, a resposta do orixá. E isso tem a ver com uma linguagem muito específica, ligada à linguagem dos odus de Ifá. As histórias, isto é, os *itan*, fazem parte dessa linguagem. São contadas constantemente, no quarto de consulta, para servir como exemplo da possibilidade de resolver a situação exposta por quem se consulta. O olhador, isto é, a pessoa que maneja os búzios, lê a resposta e interpreta *A Fala do Santo*. O *itan* é contado, ou não, a depender da pergunta feita e das intenções de quem perguntou. Depois, o pai ou mãe de santo sugere, indica, recomenda, aconselha possibilidades de solução. Essas histórias narradas no quarto de consulta também correm de boca em boca, entre o povo de santo. E isso acontece nas situações do dia a dia, a serviço do ensino e da aprendizagem de princípios éticos e morais. Há muito tempo, elas viraram patrimônio da nossa cultura afrodescendente. E os *itan* são chamados simplesmente de histórias. Então, é muito comum ouvir coisas do tipo:

– Você conhece a história de Oyá que fala que ela se transformava em búfalo?

Esse é um jeito nagô, criado no Brasil, suprimindo a ausência do babalaô, que desapareceu nas novas comunidades então formadas.

Se esse é um tempo também da escrita, eu aproveito estar nesse tempo e dou feição escrita a esses outros *itan*. Afinal, eles se constituem a grande herança de um modo oral de ensinar e aprender, com diversão. Herança que também a senzala e o terreiro da casa-grande dos engenhos nos deixaram. E lá vou eu, trabalhando a linguagem. Em alguns deles, passei da frase ladainha do sistema original, para a frase narrativa mais elaborada. Armo diálogos, lanço mão de construções típicas da oralidade nordestina. Afinal, esse é meu patrimônio linguístico. É claro que é preciso considerar as

questões de linguagem, no tempo e no espaço. Por isso mesmo, faço atualizações. E aí cruzo caminhos que os ortodoxos consideram oponentes: uma linguagem baseada na oralidade para registrar resultados de pesquisa acadêmica. E não é só isso: acrescentei também uma pitada de criatividade literária. Tem gente que vai invocar os *Irumalés da Esquerda*... Paciência.

E o que quero com isso? Primeiro, também recuperar esses *itan*, para que não se percam, pois são patrimônio da cultura oral brasileira. Depois, é necessário que se saiba: no Brasil, existem esses *itan*, além daqueles outros que compõem os odus de Ifá. É bem verdade que os odus de Ifá são textos poéticos, considerados sagrados. Ou como dizem os estudiosos, são mitos que explicam o conjunto de divindades, cujo culto forma o sistema religioso do povo nagô. Mas os *itan* para ensinar e aprender ficaram sem merecer um olhar mais atencioso. Talvez porque eles se parecem muito com o que a população costuma chamar de *causos*. Ou talvez até porque nem foram vistos. Ou se foram, a maioria dos pesquisadores não prestou a devida atenção neles. Mesmo, é preciso reconhecer os méritos de um povo que foi obrigado a atravessar o Atlântico, acorrentado em porões de veleiros. E muito mais que isso: contribuiu para formar uma nova nação, um novo povo. No percurso desta construção, esse mesmo povo negro e seus descendentes resistiram para salvar guardar crença, religião, saber e visão particular do universo e da vida. Graças a esse espírito de resistência, grande parte do patrimônio cultural trazido da África pelos que foram escravizados foi conservado. Mas também esse patrimônio se transformou, criando novas linguagens, novas formas de expressão. E é justamente sobre uma dessas *novas linguagens*, isto é, uma recriação dos afrodescendentes no Brasil, que eu me debruço aqui.

Se os *itan* dos odus de Ifá foram preservados aqui e ali e se estão sendo recuperados pelo trabalho de pesquisadores e religiosos, isto é simplesmente maravilhoso. Mas também é muito importante reconhecer aquilo que o povo negro e seus descendentes, baseados num modo nagô de existir, conseguiram recriar no Brasil. Essa recriação se constitui uma das marcas profundas que fazem o povo brasileiro ser único na face da Terra. E é uma pena que processos de

rejeição ainda impeçam que muitos brasileiros aceitem plenamente a beleza de sua ancestralidade africana, de sua afrodescendência e de assumir o que é legitimamente seu. Mas há um tempo para tudo debaixo dos céus.

Essas questões todas, que eu pensei e senti para escrever este livro, chegam a um ponto que eu considero maior. É parecido com um rio e seus afluentes, que terminam todos no mar: um mar onde todas as coisas se juntam. Mas de que coisas estou falando? Pois eu lhe digo: do espaço público e do espaço privado; da ciência e do saber comum; da escola e da rua; do escrito e do oral; da literatura e do escrito do povo; do europeu e do nagô; do católico e do povo de santo; da pesquisa acadêmica e da informação popular; do Projeto Genoma e do quarto de consulta... Separar essas coisas, privilegiando uma e discriminando outra, é criar uma cultura esquizofrênica.

A Ciência e a Academia sempre deram importância apenas ao intelecto. É claro que a Razão é uma faca afiada para a construção do conhecimento. Mas ela sozinha não consegue responder a todos os anseios da alma humana. Por isso mesmo, é preciso dar valor também à Intuição, ao Sentimento e à Sensação, nessa luta que a gente tem para se tornar inteiro. Mesmo, a divisão do saber em pedaços, os que prestam e os que não prestam, também gera uma sociedade doentia, repleta de violência, preconceito e injustiça.

É por isso que procuro juntar aqui o que pareceu sempre, na compreensão de muita gente que se diz sabida, coisas que não poderiam ser juntadas. Podem ser juntadas, sim! E mais que isso: devem ser juntadas. Afinal, basta lembrar a sabedoria da Natureza. É juntando tudo que a beleza da Vida se faz. Para isso, basta que tudo seja respeitado e reconhecido no seu real valor. Mas para a gente fazer isso, é preciso, antes de tudo, tentar compreender e aceitar algumas coisas. Por exemplo: a sabedoria é a maior riqueza que se pode construir nesse mundo. Ainda: nem tudo é aquilo que parece ser. Também: de nada vale o saber para quem não tem sabedoria. E por aí vai...

Bem... Aqui está uma pequena amostra dos *itan* que são contados nos terreiros, na roda dos mais velhos, no quarto de consulta. Também são itan que meus mais velhos me contaram para que eu

aprendesse a vida. E eu não queria cometer o crime de levar de volta comigo esse patrimônio sem distribuir com quem bem merece: VOCÊ.

Ainda tem mais uma coisinha só: informar onde você poderá ler mais alguma coisa sobre essas questões. Não vou falar aqui dos estrangeiros, nem dos livros mais antigos. Primeiro, porque livro está pela hora da morte. Se os nacionais são caros, imagine os estrangeiros... Depois, o pessoal que anda escrevendo presentemente já assumiu e assimilou as informações que existem nos livros de antigamente, com muitas informações acrescentadas. Então, me acompanhe num breve passeio, em que eu vou me lembrando informalmente de alguns autores. Uns são famosos, outros são populares e outros mais apenas conhecidos em alguns meios. Mas todos merecem ser lembrados por sua dedicação e pelo conhecimento que demonstram possuir. É preciso juntar tudo. Lembra disso? E pelo amor de Deus, os que não forem lembrados agora queiram me perdoar. Já estou com mais de setenta anos e, de vez em quando, olhe o esquecimento aí... Mesmo, sou cabeça de Oxalá e, por isso, acredito: o que não acontece hoje acontecerá amanhã. Quem cá ficar verá. Ou ainda: quem *kafka*, verá também...

Ah, sim, criatura! Todo livro tem sua arqueologia. Também foi com base nos princípios que norteiam os escritos sobre *A Fala do Santo* que Consuelo Oliveira, Marialda Silveira e eu nos reunimos para criar o *Kawé*, com o propósito de divulgar e discutir a cultura afro-brasileira. Consuelo escreveu *A dimensão pedagógica do mito* e Marialda, *A educação pelo silêncio*, resultantes de seus trabalhos em cursos de Mestrado. E quando solicitei a elas que escrevessem a *Apresentação* deste livro, Consuelo não mediu distância: viajou de Barcelona a Madri, para encontrar-se com Marialda, e, juntas, lerem os meus originais. O resultado foi um conjunto de preciosas sugestões e aquela carta tão repleta de sensibilidade: *A fala do outro*. Formar grupo de pesquisa também pode dar nisso: construir amizade sincera e fraterna. E nos dizeres de Jorge Amado, “a amizade é o sal da vida.”

Mas vamos ao que prometi.

AGENOR MIRANDA ROCHA (1907-2004). Oluô respeitabilíssimo, faleceu com noventa e sete anos, e noventa de iniciado. Ninguém no Brasil atingiu tal fronteira. Desde 1928, tinha consigo anotações sobre odus de Ifá que aprendeu com a famosa Mãe Aninha, fundadora do Opô Afonjá. Essas anotações foram revistas por ele mesmo, setenta anos depois. Reginaldo Prandi organizou e apresentou o material e o livro foi publicado pela Editora Pallas, em 1999, com o nome *Caminhos de odu*. Vale a pena a gente ler este belíssimo livro. Muito interessante mesmo: demonstra saber, persistência e fidelidade de uma existência inteira.

ANA MARIA GONÇALVES. Entre suas obras, destaca-se o romance *Um defeito de cor*. Qualquer coisa que se diga sobre esse livro, será mera tautologia do que Millôr Fernandes escreveu nas orelhas do livro. Portanto, vejamos as palavras do mestre. [...] *na nossa delicada belle époque colonial, você, escurinho pretendente a cargo público, tinha que assinar documento abdicando oficialmente da cor da pele. Pois os tais cargos, militares e civis – e eclesiásticos também, ôlálá -, só podiam, naturalmente, ser ocupados por brancos. Um defeito de cor narra a história de Kehinde, negrinha de 8 anos capturada no Daomé (Benin), trazida pro Brasil, rodando por Bahia, Maranhão, Santos, São Paulo, e por aí vai, nesse mundo perdido que era o Brasil. A saga de Kehinde atravessa oito décadas, mais ou menos o mesmo tempo que o negro Damião vive no romance de Josué Montello, ouvindo Os tambores de São Luís, romance já merecidamente clássico.*

Rebeliões, violências inauditas – como arrancar olhos de escravas e castrar escravos por ousarem ser rivais sexuais de senhores, a negritude muçulmana, um mundo que se debate, com liberdades falsas, mas também verdadeiras, como a da própria Kehinde, que a conquista aprendendo a ler, escrever e falar inglês. E lhe permite fugir pro Maranhão e pro Recôncavo, e até pro Rio (1840 – emocionante reconstituição), na procura desesperada de um filho vendido.

Madura e liberta mesmo em sua alma, Kehinde volta à África, vira ‘industrial’, casa com negro ‘inglês’, e, já velha, volta ao Brasil. Aonde não chega.

ANTONIO RISÉRIO. Obra de fôlego de sua autoria, *A utopia brasileira e os movimentos negros*, veio para ficar. Na contracapa do livro, as informações dispensam adendos. *Avesso ao academicismo e alheio ao politicamente correto, o poeta, sociólogo e ensaísta Antonio Risério aborda neste livro atualíssimo o sempre controverso debate sobre a questão racial brasileira. Mobilizando noções de História, Política, Linguística, Sociologia, Semiótica, Estética e Antropologia com rara e poderosa intuição, o autor examina sob diferentes ângulos os mais variados aspectos relacionados ao tema, como as enormes diferenças da questão racial no Brasil e nos Estados Unidos; a influência africana em nossa história e cultura, da língua à literatura, da culinária ao urbanismo, da religião à música e ao cinema; a mestiçagem e o sincretismo como traço e valor do modo de ser brasileiro, e os movimentos negros na história do Brasil, desde a luta contra a escravidão até os atuais debates sobre cotas e ações afirmativas.*

Livro escrito não para os especialistas – embora com eles também dialogue – mas para um público amplo, A utopia brasileira e os movimentos negros desloca os problemas de seus nichos habituais e revela perspectivas insuspeitadas para a compreensão da realidade brasileira.

ANTONIO OLINTO (1919-2009). Homem sabido, viajado, escritor e iniciado no candomblé. Foi adido cultural do Brasil na Nigéria. Tem vários livros publicados. *A Casa da água*, *O Rei de Keto* e *O trono de vidro* são três romances seus de uma beleza sem igual. Do primeiro, há uma terceira edição de 1978, publicada pela Difel. O segundo é de 1980, publicado pela Editorial Nórdica. Esses três livros se constituem, sob forma de romance, uma maravilhosa vitrine do pensamento nagô. Você terá oportunidade de perceber, através da leitura atenta, quanta coisa existe no Brasil que se constitui herança da cultura do povo nagô. Coisas que as pessoas dizem, fazem, usam, pensam e vivem e nem sequer desconfiam que estão simplesmente pondo em prática uma vivência nagô. Em 2007, a Editora Bertrand Brasil publicou a *Trilogia Alma da África*, em três volumes: *A casa da água*, *o Rei de Ketu* e *o Trono de vidro*.

CARYBÉ. Não; não é um livro qualquer. É um livro enorme no tamanho e na qualidade artística. Mede 42 cm de comprimento por 32 de largura. E além disso, é pesado. Chama-se *Iconografia dos deuses africanos no candomblé da Bahia*. Tem apresentação de Antônio Carlos Magalhães (que era Governador da Bahia), apresentação de Jorge Amado e textos antropológicos de Pierre Verger e Waladmir Rego. Na sua essência, o livro é uma galeria de arte. Expõe, com exclusividade, 128 aquarelas de Carybé, todas voltadas para o universo do candomblé da Bahia. É uma publicação da Fundação Cultural do Estado da Bahia, juntamente com o Instituto Nacional do Livro e com a Universidade Federal da Bahia. É um livro caro e raro. Por isso mesmo, quando você for a uma boa biblioteca, não deixe de ver, olhar e ler esta maravilha. Garanto: você vai ficar de boca aberta.

FERNANDO CORREIA DA SILVA. Um livro gostoso de ler, o de Fernando, *Contos africanos*. Bem verdade, não se trata de uma obra sobre *itan*, Ifá, terreiros, nada disso. É uma belíssima reunião de contos organizada e prefaciada pelo autor. Sua importância se deve ao fato de que, através de histórias recolhidas dos mais diversos povos da África, essa antologia oferece um painel muito largo do pensamento africano, de um modo geral. E isso é muito importante para que se possa entender certas características da nossa afrodescendência. É uma publicação das Edições de Ouro, sem data. Leia, você vai gostar.

JOÃO JOSÉ REIS. Em seu livro, *Domingos Sodré, um sacerdote africano: escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX*, o autor [...] *descreve o modo perverso como o sistema escravista produz relações que combinam violência, alianças, compadrios e protecionismos. Esse jogo ao mesmo tempo recompõe e mantém hierarquias: entre as camadas sociais, entre homens e mulheres, entre os nascidos no Brasil e na África, entre a religião católica e a africana. Retrato de uma época, sem dúvida, esta brilhante análise de João José Reis se projeta também, com muita nitidez, nos contornos do Brasil contemporâneo.*

JOSÉ LUIZ LIGIÉRO COELHO (ZECA LIGIÉRO). A Editora Record publicou uma *Coleção Iniciação*. Entre os volumes já publicados, *A Iniciação ao Candomblé* é de autoria de Zeca, e é uma obra sintética que possibilita, de imediato, uma primeira compreensão do que seja candomblé. A parte III é dedicada ao Ifá. Leitura para uma primeira tomada de informação, rápida e resumida, serve muito bem àqueles que ainda não têm informação alguma sobre o assunto.

JUANA ELBEIN DOS SANTOS. De nacionalidade argentina, há muito tempo adotou o Brasil como sua segunda terra. Anunciada por muitos países, pesquisadora incansável, sabida e dedicada. Tudo o que ela faz leva a marca da paixão e da profundidade. Tem inúmeros escritos publicados no Brasil e no exterior. Sua obra mais famosa é *Os nagô e a morte*, resultante do doutoramento em Etnologia, na Sorbone, em 1972. Há uma nona edição de 1998, pela Editora Vozes. Esse livro exige muito amadurecimento e uma boa dose de informações prévias por parte do leitor. Não é uma leitura para distração. Ela examina com muita propriedade como os mecanismos rituais do povo nagô foram elaborados no Brasil, comparando com o que ainda se faz na África. Muitos *itan* aparecem no livro, em iorubá e em português.

JÚLIO BRAGA. É um pesquisador acadêmico, mas também é um iniciado no culto aos orixás. Tem inúmeros escritos publicados, mas o seu livro *O jogo de búzios: um estudo da adivinhação no candomblé* é o mais importante para o assunto que eu venho mostrando até aqui. Ele narra inúmeros itan e aborda as questões relativas à arte de ler o futuro, do ponto de vista do povo de santo, com muita propriedade. Demonstra um alto nível de investigação, exigindo leitura atenta e espírito de observação. Foi publicado pela Editora Brasiliense, no ano de 1988. Outro excelente livro dele é *Contos afro-brasileiros*, um primor de coletânea de histórias-exemplos. Há uma segunda edição, revista e ampliada, de 1989, publicada pela Fundação Cultural do Estado da Bahia.

J. VIALE MOUTINHO (1945). É organizador de um livro, *Contos populares de Angola: folclore quimbundo*. Creio que o melhor é copiar as próprias palavras do autor, quando diz, na apresentação do referido livro: “Este livro compreende contos populares angolanos do folclore quimbundo, os quais foram selecionados da mais vasta recolha até agora efetuada, a de Hélio Chatelin, que a publicou em edição bilíngue (quimbundo-inglês), em 1984, nos Estados Unidos”. Fica, então, evidente que as histórias deram uma volta enorme para chegar ao Brasil. O autor dá um tratamento culto à linguagem, o que deixa perceber certo tom de desencontro entre os personagens que vivem as histórias e suas falas. Mas o livro vale pelo resgate da memória e por possibilitar também o reconhecimento de certas sobrevivências da herança angolana no Brasil.

LAÚS e BONIK. A Editora Cátedra tem uma linha de publicação chamada *Coleção Cabala*. O volume 11 é *Ebós de odu*, des- ses dois autores. Eles mesmos declaram: “Este livro tem como principal objetivo esclarecer o público a respeito de um assunto tratado com a maior seriedade. O tema desenvolvido com clareza é sobre Odu”. Na verdade, o objetivo é muito pretensioso, tendo em vista o que eles escreveram. É um livrinho simples, de fácil leitura. Não tem lá essas profundidades, mesmo porque os autores se prendem muito a uma linha de receituário. Mas vale a pena tomar contato com algumas informações que eles fornecem.

LUIS NICOLAU PARÉS. Em seu livro, *A formação do Candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia*, o autor discute aspectos importantes da formação de identidades étnicas dos africanos na diáspora, mostrando como os cultos aos voduns dos jejes forneceram as bases para a formação do Candomblé baiano. [...] A pesquisa para este livro abrange extensa documentação arquivística e entrevistas com membros dos terreiros jejes em Salvador e no Recôncavo Baiano. A narrativa cruza elementos da história e da antropologia, caminhando da África para o Brasil e do passado para o presente, numa escrita densa e envolvente.

MARIA APARECIDA SANTILLI. Seu livro, *Estórias Africanas*, na verdade, é uma antologia. Reúne narrativas de Angola, Cabo Verde e Moçambique, escritas por africanos que labutam e creem nos movimentos de libertação. As estórias podem revelar aspectos identificadores entre a nossa cultura e as culturas que geraram os textos que ela selecionou. É uma publicação da Editora Ática, do ano de 1985. Quando você ler este livro, certamente vai enxergar que nós temos muito mais do africano do que realmente imaginamos.

MESTRE DIDI (1917-2013). Era o nome de Deoscóredes Maximiliano dos Santos, autor de vários escritos. Também foi artista de renome internacional, escultor de insígnias sacras com temas nagô. Tem obras publicadas no Brasil e no exterior. Foi um dos primeiros a passar para a escrita as histórias de nagô conservadas na Bahia. Seus livros são de fácil leitura e merecedores de toda atenção. Sem Mestre Didi, a Bahia teria perdido a memória de muitas histórias. Tem publicado: *Contos negros da Bahia*, de 1961, e *Contos de nagô*, de 1963, ambos pelas Edições GRD; *Contos de Mestre Didi*, de 1981, pela Editora Codecri e *Contos Crioulos da Bahia*, de 1976, pela Editora Vozes, com prefácio de Muniz Sodré e introdução de Juana Elbein. Ler seus contos é tomar conhecimento do quanto o brasileiro, principalmente o baiano, herdou do povo nagô.

MICHAEL ADEMOLA ADESOJI. Professor, comerciante e escritor nigeriano. Estudou no Brasil e já tem vários livros publicados. O seu trabalho é desligado dos costumes acadêmicos, mas nem por isso deixa de ser muito interessante. Em 1991, publicou, pela Editora Cátedra, um volume intitulado *Ifá: a Testemunha do Destino e o antigo oráculo da terra yorubá*. Apresenta uma listagem com os nomes e desenhos configurativos dos 256 odus de Ifá.

PIERRE VERGER (1902-1996). Fotógrafo francês que decidiu viver na Bahia e dedicou toda a sua vida ao estudo da cultura afro-baiana. Andou pelo mundo e viveu na África, durante algum

tempo, pesquisando a cultura iorubá. Tem muitos livros importantíssimos publicados no Brasil e no exterior. Iniciado no culto de Ifá, na África, era babalaô, com o nome de Fatumbi. A respeito dos *itan*, publicou *Lendas africanas dos Orixás*. Um belo livro, com ilustrações de Carybé. A Editora Currupio já publicou uma segunda edição deste maravilhoso livro em 1987. São vinte e quatro *itan*, narrados com uma fidelidade maior. É claro que Verger tinha alma nagô e, por isso mesmo, ele acrescentou mais um *itan*. Não deixe de ler: vale a pena.

REGINALDO PRANDI (1946). Sociólogo, professor e pesquisador. É também um iniciado do candomblé, com alto posto na hierarquia de terreiro. Tem vários livros e artigos publicados. Em *Herdeiras do axé*, de 1996, dedica um capítulo inteiro ao oráculo afro-brasileiro. Foi editado pela Hucitec. *Mitologia dos Orixás* é o livro de maior fôlego que já se publicou no Brasil sobre tal assunto. Ele conseguiu a proeza de arrebanhar o fantástico número de 301 *itan* de Ifá. Além dos *itan*, há uma espécie de introdução, em que o autor dá conta, de forma primorosa, do que existe de melhor, no mundo acadêmico, sobre o assunto. Seus trabalhos levam o zelo, o cuidado e o rigor da pesquisa acadêmica. Exigem, por isso mesmo, leitura mais cuidadosa.

RENATO DA SILVEIRA. Em seu livro *O candomblé da Barroquinha: processo de constituição do primeiro terreiro baiano de keto*, o autor argumenta que “a fundação na Bahia do primeiro grande candomblé brasileiro é um aspecto do processo de constituição da nossa sociedade integrado a um contexto mais vasto: a expansão do espaço político europeu. Todos os antecedentes doutrinários e organizacionais do ato fundador são esmiuçados com maestria: ideologias colonialistas transmitidas pela Bíblia e pela filosofia greco-latina, estruturas sociais herdadas da evangelização da Europa pagã e da urbanização da África, doutrinas canônicas e jurídicas utilizadas na instituição do estado de direito e na legitimação da violência conquistadora, liturgias políticas ocidentais bem como tradições religiosas africanas ativas na diáspora; no contexto de fundação

são identificadas as correntes do movimento social afro-brasileiro, é considerado o papel da economia na orientação das grandes opções políticas, o enfrentamento das correntes moderadas e tirânicas das elites coloniais na definição das políticas sociais escravistas, o peso das instituições oficiais e das rebeliões sociais na formação das lideranças alternativas e assim por diante. O fluxo do texto vai descortinando diante do leitor um fascinante panorama abarcando o mundo atlântico e os três continentes que o margeiam, em uma linguagem ao mesmo tempo precisa, fluida e saborosa, capaz de encantar aos mais exigentes paladares.”

RUY PÓVOAS (1943). Apesar de saber que *quem gaba o toco é a coruja*, eu seria um falso se não lhe dissesse que também já escrevi outros textos sobre o assunto. Existem artigos meus publicados em vários números do *Jornal Tàkàdá*, informativo da comunidade religiosa Ilê Axé Ijexá, Itabuna, Bahia; na *Revista Kàwé* e na *Especialia – Revista da UESC*, ambas as publicações pela Editus – Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA. Outra publicação minha é *A Linguagem do candomblé: níveis sociolinguísticos da integração afro-portuguesa*, pela José Olympio, de 1989, onde trato de problemas relativos às variantes linguísticas utilizadas pelos falantes das comunidades de terreiros. Em 1996, publiquei *Itan dos mais velhos*, pela Editora BDA, Salvador, Bahia. Esse livro foi distinguido com o Prêmio Xavier Marques, da Academia de Letras da Bahia. Mas abordo o tema sob um prisma literário. Afinal, também sou contista. Mas prefiro que você mesmo forme seu juízo a respeito do livro. Leia, você vai gostar. Principalmente, vai dar gostosas risadas. Além disso, tenho publicado: *Vocabulário da paixão*, *Itan de boca a ouvido*, *A Fala do Santo*, *VersoREverso*, *Da porteira para fora*, *A memória do feminino no candomblé*, *Mejigã e o contexto da escravidão*, *Fazenda de conto, fazendo de conta*, *A viagem de Orixalá*, *Novos dizeres*, *Representações do escondido e Matéria acidentada*.

SIKIRU SALAMI (1961). Nascido na Nigéria e residente no Brasil, por mais de vinte anos, é pós-graduado em Ciências Sociais e professor de Cultura Iorubá. Tem uma publicação em dois volumes,

A Mitologia dos Orixás africanos. É uma obra dedicada ao relato de rezas, saudações, evocações e cantigas usadas na África e traduzidas para o português. Vale a pena ler, até mesmo para se comparar com textos de igual conteúdo, conservados no Brasil. Um verdadeiro achado para quem deseja textos em iorubá, sem sair do Brasil.

WILLIAM BASCOM (1912-1981). Eu disse que não ia me referir aos estrangeiros, mas este vale a pena. Se algum dia você tiver acesso a suas obras, não deixe de ler. Pena que não estão traduzidas. A primeira delas, *Ifa Divination: Communication between gods and men in west Africa*, continua sendo incomparável. Inteiramente dedicada a Ifá, traz um número considerável de *itan*, comentados e traduzidos para o inglês. É uma publicação da Indiana University Press, Bloomington e Londres. Em 1995, esse livro já estava na nona edição.

Há um assunto da atualidade que merece ser abordado, tendo em vista o que este livro focaliza. Seria até mesmo um absurdo ignorar o vigoroso papel que a *internet* assumiu na sociedade pós-moderna. A discussão engloba os que são favoráveis e os que são contra o uso do *Google*, por exemplo, no estudo de assuntos considerados sérios. Ora, não se trata de defender a substituição de um bom livro por um acidental passeio pela *internet*. Ignorar, no entanto, a funcionalidade da tal ferramenta seria, no mínimo, preconceituoso. Se você quiser testar, vá ao Google e digite a palavra ITAN. A primeira surpresa que você terá diz respeito ao gigantesco número de *links* que tratam do assunto, muitos dos quais são verdadeiramente muito sérios. E você vai precisar de muitos dias para ler aquela assombrosa quantidade de *links* que abordam o assunto. O julgamento disso fica por conta de sua compreensão e de seu estar no mundo.

Agora, vamos parar por aqui. Comecei com agradecimentos e termino por agradecer. Também agradeço a VOCÊ que achou por bem ler este livro. Obrigado, mesmo! Depois, a gente se fala. Um abraço nagô. Axé!

*Ti-ti-ti, minha galinha branca,
a pedrês chamo depois...
Meu avô manda dizer:
“Agora, volte ao início
e releia os quarenta e dois.”
E não esqueça:
tem mais um.¹*

¹ P.S.: Se você souber de algum *itan*, não deixe de me avisar. Poderá entrar em contato comigo através de ajalah@uol.com.br ou ainda, escrevendo pra Rua São Vicente de Paula, 257/904, centro 45.600-105 – Itabuna, BA. Eu ficarei agradecido.



IMPrensa UNIVERSITÁRIA

IMPRESSO NA GRÁFICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ - ILHÉUS-BA

Você abre, na grandeza do narrar, a possibilidade de que muitas das histórias que circulam na intimidade de uma *casa-de-santo*, histórias que revelam princípios filosóficos, éticos e estéticos, possam adentrar na intimidade da casa do outro, sinalizando outras formas de conviver, de pensar o mundo. *A Fala do Santo* é a multiplicidade das vozes dos orixás, ecos da senzala, da mistura étnico-cultural que convida o homem e a mulher brasileiros a compartilhar um espaço de reconhecimento das nossas marcas.

Consuelo Oliveira
Marialda Silveira

ISBN 978-85-7455-481-5



9 788574 554815